



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

A Escala de Aculturação Integral: Um olhar Integral em aculturação e satisfação com a vida em imigrantes

Andrea V. Araujo

Orientador: Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

Goiânia, junho de 2017



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

A Escala de Aculturação Integral: Um olhar Integral em aculturação e satisfação com a vida em imigrantes

Andrea V. Araujo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

Goiânia, julho de 2017



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1009 • Setor Universitário
Caixa Postal 08 • CEP 74005-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br • prope@pucgoias.edu.br

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

No dia 28 de junho de 2017, às 15h, na Sala de Defesas de Teses, Dissertações e Monografias, Bl. D, Área IV, Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **Andrea Vilela Araújo**, discente do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (2014.1.3002.0296-5) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Tese de Doutorado, o trabalho intitulado **A Escala de Acluturação Integral: um Olhar Integral em Acluturação e Satisfação com a Vida em Imigrantes**, para Comissão de Avaliação composta pelos (as) docentes: **Dr. Fábio Jesus Miranda** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dra. Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini** (Universidade Federal de Goiás, Membro Convidado Externo), **Dr. André Vasconcelos da Silva** (Universidade Federal de Goiás, Membro Convidado Externo), **Dra. Helenides Mendonça** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), **Dr. Weber Martins** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), **Dr. Cristiano Coelho** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Suplente), **Dra. Ana Cristina Resende** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pelo (a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 45 minutos ao (a) discente candidato (a) para que este (a) expusesse o trabalho. Após a exposição, o (a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o (a) discente candidato (a). Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do (a) discente candidato (a) na exposição, considerada a trajetória deste (a) no curso de doutorado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

Aprovação da tese

A Comissão de Avaliação declara o(a) discente candidato(a) Doutor em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo consideradas aceitáveis, não impeditivas da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da tese. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da tese.

Aprovação da tese mediante reformulação

A Comissão de Avaliação determina que o(a) discente candidato(a) terá o prazo máximo de cento e oitenta (180) dias para realizar a reformulação necessária no trabalho, contado a partir da data da sessão de defesa da tese. Os pontos para a reformulação deverão ser indicados no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da tese. Neste caso, a versão lida, contendo os pontos da reformulação, deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. Dentro do prazo para reformulação supramencionado, o(a) discente candidato(a) deverá solicitar à Coordenação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia nova avaliação do trabalho, a ser feita através de procedimento específico para casos de reformulação.

Reprovação da tese

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado tese de doutorado válida à obtenção do título de Doutor em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da tese.

A Comissão de Avaliação:	Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:
Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda Membro Presidente Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Prof. Dr. Cristiano Coelho Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás
	Prof. Dr. Cristiano Coelho Coordenação do Programa Stricto Sensu em Psicologia – RE.7573
Profa. Dra. Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini Membro Convidado Externo Universidade Federal de Goiás	Observações:
	1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela Secretaria do PSSP/PROPE/PUC Goiás.
Prof. Dr. André Vasconcelos da Silva Membro Convidado Externo Universidade Federal de Goiás	2. _____
	3. _____
Profa. Dra. Helenides Mendonça Membro Convidado Interno Pontifícia Universidade Católica de Goiás	4. _____
Prof. Dr. Weber Martins Membro Convidado Interno Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Visto Secretaria:
Prof. Dr. Cristiano Coelho Membro Suplente Pontifícia Universidade Católica de Goiás	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Profa. Dra. Ana Cristina Resende Membro Suplente Pontifícia Universidade Católica de Goiás	DFD nº: 05/2017 Secretaria do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Goiânia, 28/06/2017



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1089 • Setor Universitário
Cidade Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br • prore@pucgoias.edu.br

ANEXO DA ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

Discente: ANDREA VILELA ARAÚJO

Matrícula: 2014.1.3002.0296-5

Título da tese: A ESCALA DE ACULTURAÇÃO INTEGRAL: UM OLHAR INTEGRAL EM ACULTURAÇÃO E SATISFAÇÃO COM A VIDA EM IMIGRANTES

Data do exame: 28 de junho de 2017

[Correções; modificações; alterações; comentários; observações; pontos para reformulação etc. (Assinatura obrigatória).

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda (Membro Presidente) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Profa. Dra. Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini (Membro Convocado Externo) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. André Vasconcelos da Silva (Membro Convocado Externo) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Profa. Dra. Helenides Mendonça (Membro Convocado Interno) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. Weber Martins (Membro Convocado Interno) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. Cristiano Coelho (Membro Suplente) | Assinatura: _____

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Profa. Dra. Ana Cristina Resende (Membro Suplente) | Assinatura: _____

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Ciente do(a) discente:	Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:
 ANDREA VILELA ARAÚJO Discente Candidata 2014-1.3002.0296-5 Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Visto Secretaria: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS DFD nº: 05/2017 Secretária do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Goiânia, 29 / 06 /2017

© Copyright 2017, Andrea Vilela Araujo.
Todos os direitos reservados.

Dedicatória

Eu dedico este trabalho a todos os imigrantes no mundo que se depararem com as dificuldades de aculturação diariamente. Espero que meu trabalho ajude em facilitar o processo de adaptação e integração nas suas novas vidas.

Agradecimentos

A meus pais, que sempre me incentivem a fazer meu melhor. A meu Orientador, Professor Dr. Fábio Jesus Miranda, que me acolheu desde o primeiro momento, acreditou em minha capacidade, e nas minhas ideias. A meu Co orientador Professor Dr. Weber Martins, que me ajudou a aprender estatísticas avançadas, que foi um processo difícil, mas muito gratificante. À minha professora Dra. Helenides Mendonça, que se tornou uma amiga querida, muito obrigada por suas contribuições nas análises estatísticas e pelo seu carinho e humor, que fez a parte mais dura da minha pesquisa bem mais interessante! Agradeço os professores Dra. Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini e Dr. André Vasconcelos de Silva, da Universidade Federal de Goiás, por suas contribuições na qualificação e defesa da minha tese, que foram muito valiosos. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, por todo o empenho no sentido de sempre manter a qualidade. À Pontifícia Universidade Católica- Goiás, e em especial à Coordenador da Pós-Graduação, Professor Cristiano Coelho, e a secretaria, Martha Diniz, por sua ajuda e apoio. Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás pela concessão da bolsa durante dois anos desta pesquisa, que me ajudou bastante.

Aos Professores Fons van de Vijver, Ph.D., e Floyd Webster, Ph.D., pela revisão dos meus questionários, e suas excelentes sugestões. A todos os participantes das pesquisas, amigos, alunos, profissionais e empresas que responderam aos questionários e/ou contribuíram na coleta de dados. A Ken Wilber pela sua teoria Integral e seu modelo de AQAL, muito obrigada. À Gail Hochachka por me convidar apresentar este trabalho na conferência Integral Sem Fronteiras, agradeço pela oportunidade de compartilhar esta pesquisa com outros. A todos os meus familiares: vovó, tios, tias, primos, primas, sogros,

cunhados, afilhados, por cada momento de afeto que me faz continuar. Aos meus amigos, por compreendem minhas ausências e acreditem no meu trabalho. Ao meu marido Bruno, que me acompanhou na trajetória do Mestrado, e durante todo o Doutorado, muito obrigada pela sua paciência e amor. À minha família, meus filhos, minha base de amor, caráter, dedicação e responsabilidade. Tenho a certeza que vocês são orgulhosos de quem eu me tornei e de onde cheguei! Ainda assim, meu caminho está apenas começando.

Resumo

Esta tese analisa a relação entre satisfação com a vida e aculturação, e os fatores que influenciam o processo de aculturação em imigrantes. Exploramos a hipótese de que o status da imigração modera a relação entre satisfação com a vida e aculturação, de modo que quanto mais elevado o status de imigração (mais próximo a cidadania), maior é a correlação positiva entre satisfação com a vida e aculturação. Nos três estudos que compõem esta pesquisa, as características dominantes de aculturação foram identificadas, nos níveis pessoal, biológico, sistêmico, e sociocultural, com o objetivo de criar a Escala de Aculturação Integral, uma avaliação de aculturação baseada no modelo AQAL da teoria Integral do filósofo americano Ken Wilber. Para atingir os objetivos propostos e testar a hipótese, foi necessário desenvolver uma medida nova de aculturação, e demonstrar seu poder preditivo. A pesquisa foi realizada seguindo a orientação quali-quantitativo, composta pelos três estudos desta tese: Estudo 1, a formulação e realização do questionário quali-quantitativo, o “Integral Acculturation Intake”; Estudo 2, a elaboração da Escala de Aculturação Integral no teste-piloto, e depois a aplicação e validação da escala proposta com uma amostra internacional de 282 participantes; e Estudo 3, a análise estatística de modelagem de equações estruturais que confirmou a hipótese que a variável demográfica “status de imigração” é um moderador da relação entre o nível de satisfação com a vida e aculturação. Em futuros estudos, a ampliação dos estudos de validação em culturas diferentes pode permitir utilização internacional da escala.

Palavras-chave: Aculturação, satisfação com vida, imigração, escala, modelo Integral, AQAL

Abstract

This thesis analyzes the relationship between satisfaction with life and acculturation, and the factors that influence the process of acculturation in immigrants. The proposed hypothesis is that immigration status moderates the relationship between life satisfaction and acculturation, so that the closer the immigrant's status is to citizenship in the new country, the greater the positive correlation between life satisfaction and acculturation. In the three studies that compose this research, the dominant characteristics of acculturation were identified at the personal, biological, systemic, and sociocultural levels, with the objective of creating the Integral Acculturation Scale (EAI), the first acculturation assessment based on the AQAL (All Quadrants, All Lines) model, from the American philosopher Ken Wilber's Integral Theory. To achieve the proposed objectives and to test the hypothesis, it was necessary to develop an integral measure of acculturation, and demonstrate its predictive power. The research was carried out using qualitative-quantitative methodology, and consisted of three studies: Study 1, the formulation and fulfillment of the quali-quantitative questionnaire, the "Integral Acculturation Intake"; Study 2, the elaboration of the Integral Acculturation Scale in the pilot test, and then the application and validation of the proposed scale with an international sample of 282 participants; and Study 3, the statistical analysis using structural equation modeling that confirms the hypothesis that the demographic variable "type of immigration" is a moderator of the relationship between satisfaction with life and level of acculturation. The intention is for this measure to be a reference to be used internationally as it continues to be validated with immigrants from cultures not yet explored.

Key words: Acculturation, life satisfaction, immigration, scale, Integral model, AQAL

Lista de Tabelas

Tabela 1. Fatores Antecedentes de Aculturação	27
Tabela 2. Fatores Consequentes de Aculturação	28
Tabela 3. Component Matrix and Communalities	95
Tabela 4. Summary of Exploratory Factor Analysis Results for Acculturation Measure Using Maximum Likelihood Estimation and Varimax (oblique) rotation (N = 282)	99
Tabela 5. Intercorrelations between items in the IAS	102
Tabela 6. Intercorrelations between items in the IAS and SWL	107
Tabela 7. Descriptive Statistics and Intercorrelations	137
Tabela 8. Support for Acculturation Predicted from SWLS and Immigration Type	141

Lista de Figuras

Figura 1. Modelo unidirecional de aculturação	31
Figura 2. Modelo de aculturação de Berry (1980)	36
Figura 3. Multidimensionalidade da aculturação (Schwartz et al., 2010)	43
Figura 4. Modelo AQAL: Algumas linhas nos quatro quadrantes	57
Figura 5. Wilber's AQAL Model with four quadrants	86
Figura 6. Country of origin of study participants	90
Figura 7. The International Acculturation Index measurement model	104
Figura 8. The Integral Acculturation Scale structural equation model	105
Figura 9. The Integral Acculturation Scale, Structural Model	108
Figura 10. Hypothetical research model with the moderating factor immigration type (status) on the interaction between satisfaction with life and acculturation level	132
Figura 11. Simple slopes interaction plot between Immigration status, Satisfaction with Life and Acculturation level	141

Lista de Siglas

AQAL – All Quadrants, All Lines

CFA – Confirmatory Factor Analysis

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

EAI – Escala de Aculturação Integral

EFA – Exploratory Factor Analysis

IAI – Integral Acculturation Inventory, Inventário de Aculturação Integral

IAM – Integral Acculturation Model

IAS – Integral Acculturation Scale

KMO - Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy

MAI – Modelo de Aculturação Integral

RMSEA - Root Mean Square Error of Approximation

SEM – Structural Equation Model

SWLS – Satisfaction with Life Scale

TLI – Tucker-Lewis Index

VD – Variável dependente

VI – Variável independente

Lista de Anexos

ANEXO A – Estudo II: Escala Integral de Acluturação/ Integral Acculturation Scale

ANEXO B – Estudo II: Demográficos dos participantes/ Participant demographics

ANEXO C – Satisfaction with Life Scale (SWLS)

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Abstract	ix
Lista of Tabelas	x
Lista de Figuras	xi
Lista de Siglas	xii
Lista de Anexos	xiii
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – Modelos de Aculturação: o Estado da Arte	22
1.1. Aculturação	22
1.2. Cultura	23
1.2.1. Distância Cultural	24
1.3. Antecedentes e Consequentes de Aculturação	26
1.4. Teorias de Aculturação	28
1.5. Modelos de Aculturação	29
1.5.1. Modelo Unidimensional	30
1.5.2. Modelo Bidimensional	34
1.5.2.1. Críticas	39
1.5.3. Modelos Multidimensionais	40

CAPÍTULO 2 – Estudo 1: O Inventário de Aculturação Integral: Um olhar integral nos fatores de aculturação em imigrantes	45
CAPÍTULO 3 – Estudo 2: Evidence of Validity for the Integral Acculturation Scale and Model	75
CAPÍTULO 4 – Estudo 3: Does Life Satisfaction Matter for Acculturation? The Effect of Immigration Status	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	161
ANEXOS	177

Introdução

A vida de cada pessoa conta uma história. Onde você nasceu, a cultura e a situação socioeconômica em que você foi criado é uma parte importante de quem você é. Como uma criança, você raramente tem a escolha de onde você vai crescer. No entanto, como um adulto, muitas vezes sentimos a atração para estender nossos horizontes além de nosso país de origem, seja para o trabalho, para o amor, ou para evitar a guerra ou os efeitos de desastres naturais. Sua história pessoal pode mudar dramaticamente quando você se mudar para um novo país. Separar-se da família, dos amigos, do emprego e da escola são escolhas difíceis de fazer, e a recepção e o apoio que os imigrantes recebem muitas vezes fornece apenas as necessidades básicas para uma vida digna.

Com mais de 244 milhões de imigrantes internacionais no mundo hoje, o número de migrantes internacionais em todo o mundo continuou a crescer rapidamente nos últimos quinze anos, aumentando 41 por cento em comparação com 173 milhões em 2000, de acordo com o Relatório de Migração Internacional 2015: Destaques (Nações Unidas, 2016, p. 1). Destes 244 milhões de migrantes, estima-se que 65 milhões são deslocados à força, incluindo mais de 21 milhões de refugiados, 3 milhões de requerentes de asilo e mais de 40 milhões de pessoas deslocadas internamente (Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas 71/1, 2016, p. 1). Com a migração de pessoas em constante fluxo devido a guerras e desastres naturais, entre outras razões pessoais como a reunificação familiar, as oportunidades de emprego e as relações pessoais, os migrantes estão presentes em todos os países, apresentando desafios de integração e adaptação às suas novas vidas.

As dificuldades de adaptação e aculturação sentidas tanto pelos imigrantes como por aqueles que vivem em seus respectivos países de acolhimento têm sido objeto de muita

pesquisa nos campos da antropologia, sociologia e psicologia desde o último século.

Aculturação, definido como o processo multidimensional de mudança que ocorre quando os indivíduos de diferentes grupos culturais entram em contato contínuo (Berry, 1980) envolve mudanças nos níveis do individual e do grupo. O pesquisador Graves (1967), definiu dois tipos de aculturação: aculturação psicológico (no nível do individual) a aculturação sócio-cultural (no nível do grupo). Mudanças no nível do grupo são refletidas em as mudanças de cultura, costumes, e observadas na adoção da alimentação, linguagem, o vestuário da cultura dominante. No nível individual, as diferenças que a aculturação traz são vistas nas mudanças no comportamento cotidiano, mudanças na saúde (Lara, Gamboa, Kahramanian, Morales, & Hayes Bautista, 2005, p. 374; Berry, 1992, p. 2) e no bem-estar psicológico (Phinney, Horenczyk, Liebkind, & Vedder, 2001, p. 501-502; Berry, 1992, p. 2).

Seguindo a pesquisa de Berry (2005, p. 704), a adoção da estratégia de aculturação da integração (Berry, 2005, p 704), onde o imigrante busca a participação na cultura do país hospedeiro, mantendo sua cultura patrimonial, é a mais promissora para facilitar o processo de aculturação (2005, p. 709). No entanto, para que essa estratégia seja livremente escolhida, a sociedade dominante precisa encorajar uma orientação aberta e inclusiva em relação à diversidade cultural, sendo preparado para adaptar as instituições nacionais (de educação, saúde e trabalho) para atender às necessidades de todos os grupos na sociedade plural. Não é só a estratégia de aculturação que ajuda no processo de aculturação. A pesquisa mostra que a aculturação também está significativamente correlacionada com a satisfação com a vida (Mahmud & Schölmerich, 2011, p 283). A satisfação com a vida é definida como um construto distinto que representa uma avaliação cognitiva e global da qualidade de vida, como indicador de bem-estar (Pavot & Diener, 2008) e também é vista como uma força

psicológica que tem um efeito amortecedor contra os eventos estressantes da vida (Suldo & Huebner, 2004). Neste sentido, cabe encorajar o processo de aculturação na integração dos imigrantes em suas novas vidas. Este tema de pesquisa, tem sido estudada durante a maior parte do século XX, buscando entender o comportamento humano e sua ligação com a cultura, e mudanças nos padrões culturais e seus múltiplos efeitos na vida dos imigrantes. A pesquisa contemporânea tem se concentrado principalmente nas diferentes estratégias de aculturação, como as variações nestas estratégias afetam a adaptação à sociedade, e a qualidade de vida. De importância principal é a integração dos imigrantes na sociedade, e como isso pode ser facilitado por uma compreensão melhor de aculturação. Delineada e demonstrado pela pesquisa e tentativas de avaliar o que ela envolve, vários modelos têm sido desenvolvidos para explicar o que a precede e o que pode vir de aculturação.

Embora existam muitos modelos de avaliação dos diferentes componentes de aculturação, todos acreditam que a aculturação ocorre em vários domínios e envolve uma adaptação psicológica complexa. Com mais de 50 instrumentos já existentes para avaliar aculturação quantitativamente, o número de abordagens para medir a aculturação continua a crescer, junto com o interesse em avaliar grupos culturais. Porém, ainda não há acordo sobre qual destas abordagens melhor reflete o grau de envolvimento da cultura imigrante em relação à cultura hospedeira. Mesmo que as culturas diferem de região para região do mundo, elas são definidas por características similares (como família, habitação, vestuário, educação, alimentação, etc.), e um modelo para avaliar aculturação em todas as culturas seria muito útil. Nenhum instrumento publicado inclui todas essas linhas ou domínios, e não existe nenhum modelo integral que permite uma meta-análise dos fatores de aculturação.

A maioria dos instrumentos para medir aculturação foi criado exclusivamente para o grupo que está sendo considerado, embora não haja estudos anteriores que tenha incorporado várias medidas de aculturação para que suas inter-relações possam ser avaliadas. O desafio é aperfeiçoar uma medida multidimensional, que inclua a avaliação de aculturação nas dimensões do lado interno (psicológico, intercultural), e externo (comportamento, sistemas), que contenha medições separadas para cada dimensão. O que é necessário é um modelo que tenha a capacidade de abrigar a quantidade de linhas da experiência de vida dentro de cada dimensão necessária, de uma forma que defina cada dimensão com suas características, níveis de complexidades, e de diferentes perspectivas. A grande maioria das escalas existentes carece de vários fatores, e nenhuma inclui todos eles. Por este motivo, o modelo AQAL (All Quadrants, All Lines), baseado no trabalho do filósofo americano Ken Wilber, o autor da Teoria Integral (1999), foi escolhido como a estrutura para desenvolver a Escala Integral de Aculturação, criando uma escala mais abrangente para testar aculturação. Este modelo permite uma visão da aculturação tanto do lado do imigrante quanto o lado do país hospedeiro, em múltiplos de níveis, e de várias complexidades. Uma medida com estas características amplia a possibilidade de compreensão do fenômeno da aculturação em seus diferentes níveis; e, a medida que for validada em culturas ainda não exploradas, poderá servir para o uso internacional de aculturação.

O objetivo principal desta pesquisa foi o desenvolvimento e validação da Escala de Aculturação Integral (EAI), uma escala multidimensional de aculturação. Esta tese analisa a relação entre satisfação com a vida e aculturação, e exploramos a hipótese que o status da imigração modera a relação entre satisfação com a vida e aculturação, de modo que quanto mais elevado o status de imigração (mais próximo a cidadania), maior a relação positiva entre

satisfação com a vida e nível de aculturação. A intenção é de abordar com profundidade o processo de aculturação e seus efeitos multifacetados, em imigrantes de diversas nacionalidades, para descobrir quais das variáveis medidas são as mais comuns, e mais correlacionadas.

Nos três estudos que compõem esta pesquisa, as características dominantes de aculturação foram identificadas, nos níveis pessoal, comportamental, sistêmico, e sociocultural, com o objetivo de desenvolver e criar esta nova escala, a EAI. Para atingir o objetivo e testar a hipótese, foram propostos três estudos distintos, seguindo a orientação quali-quantitativo. O primeiro estudo consistiu na análise das várias teorias de aculturação, que utilizam modelos diferentes para medir aculturação, na busca de melhor compreender os fatores envolvidos, e a formulação e realização do questionário quali-quantitativo, o “Integral Acculturation Intake”. O segundo estudo, a elaboração da Escala de Aculturação Integral no teste-piloto, e depois a aplicação e validação da escala proposta com uma amostra internacional de 282 participantes, teve a finalidade de reunir evidências iniciais de validade da Escala de Aculturação Integral. O terceiro estudo teve como objetivo analisar a relação de aculturação com a satisfação com a vida, e o papel moderador do status de imigração no momento de entrar no país hospedeiro, para demonstrar seu poder preditivo em que aculturação é influenciada pela satisfação com a vida, quanto melhor for o status de imigração. Os estudos dois e três descritos acima partiram da análise de um mesmo banco de dados.

A tese encontra-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro dedica-se a uma revisão da literatura sobre a teoria de aculturação e os modelos contemporâneos da sua conceituação, mensuração, as principais teorias para explicá-la e estudos empíricos voltados à

análise de seus principais antecedentes e consequentes. Os capítulos subsequentes (2 – 4) descrevem cada um dos três estudos supramencionados.

CAPÍTULO 1

Modelos de Aculturação: o Estado da Arte

Este capítulo apresenta algumas conceituações sobre os construtos aculturação e cultura. Em seguida, discute a mensuração e os principais modelos desenvolvidos para a explicação de tais fenômenos. Além disso, contempla uma revisão dos principais estudos empíricos sobre os antecedentes e consequentes de aculturação, inclusive dos fatores demográficos que são correlacionados com o construto.

1.1 Aculturação

Com uma rica história que abrange mais de um século, é surpreendente que, embora todas as definições de aculturação refiram-se à mudança cultural, há uma alta variabilidade na forma como a aculturação tem sido definida e estudada. Pesquisadores nas áreas de antropologia, psicologia, e sociologia tem tido muito interesse no conceito, resultando em várias teorias que tentam esclarecer o processo de aculturação, com o objetivo de medir características, tais como, comportamentos e valores culturais, e a definição das estratégias para explicá-la.

A palavra “aculturação” foi inventado em 1895, pelo o antropólogo americano Otis Tufton Mason, que estudou as diferenças etnográficas entre índios nativos, nativos do Alasca, africanos e sua relação com os europeus do Novo Mundo (Herskovits, 1958). Anos depois, em 1936, Redfield, Linton e Herskovits definiram pela primeira vez a aculturação como:

Os fenômenos que resultam quando grupos de pessoas de diferentes culturas entram em contato contínuo de primeira mão, com posteriores alterações aos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos ... sob esta definição

aculturação será distinguido de ... assimilação, que às vezes é uma fase de aculturação. (Redfield et al., 1936, p. 149)

Quatro décadas depois, Szapocznik, Scopetta, Kurtines e Aranalde (1978) propuseram que a aculturação envolve mudanças em duas dimensões: comportamentos e valores. Segundo os autores, a dimensão comportamental da aculturação inclui o uso da linguagem e a participação em outras atividades culturais, e a dimensão de valores reflete o estilo relacional, as relações entre a pessoa e a natureza, as crenças sobre a natureza humana e a orientação temporal. Mais recentemente, Cuellar, Arnold e González (1995) definiram a aculturação em termos de mudanças em três níveis de funcionamento: comportamental, afetivo e cognitivo, abrangendo linguagem, costumes e expressões culturais e emoções que têm conexões culturais. No uso atual, Perez-Escamilla e Putnik (2007) e Dawson, Crano e Burgoon (1996) definiram aculturação como o processo pelo qual grupos culturais diferentes adotam os costumes e comportamentos culturais de uma outra cultura. Essa adoção também pode incluir as normas, valores, e atitudes da cultura hospedeira. Porém, aculturação tem um efeito dualista; ela afeta a cultura de um grupo, bem como altera a psicologia de um indivíduo (Berry & Sam, 1996). Embora a aculturação possa ter um efeito profundo em um grupo, os indivíduos dentro desse grupo variam muito na medida em que experimentam e se adaptam a essas mudanças (Berry & Sam, 1996).

A fim de compreender a aculturação, é preciso que seja primeiramente definido o conceito de cultura. A partir das definições de aculturação, é claro que a cultura envolve muitos elementos, e é geralmente visto como padrões de interação, comunicação e socialização compartilhados por um grupo particular de pessoas (Collier & Thomas, 2004).

1.2 Cultura

Apesar de muitas tentativas de definir a cultura, por meio das várias disciplinas que a estudam, até a presente data, o conceito de cultura não possui uma definição consensualmente aceita. A maioria dos autores no campo da psicologia transcultural segue agora a noção de que a cultura pode amplamente ser definida como a parte do ambiente concebida pelo homem (Herskovits, 1958), que consiste de elementos objetivos (por exemplo, ferramentas, estradas, habitações) e elementos subjetivos ou um “modo característico do grupo de perceber seu ambiente social” (Triandis, Malpass, & Davidson, 1972, p. 3). A visão subjetiva inclui um conjunto multidimensional de crenças, normas e valores compartilhados de um grupo particular que são instanciados nas práticas sociais cotidianas e instituições que historicamente foram cultivados, transmitidos e considerados funcionais ao longo do tempo (Thomas, 1994).

A cultura também pode ser definida identificando às coisas que não é, como nacionalidade, cidadania ou grupo étnico. De acordo com Schwartz (1992), qualquer nação ou subgrupo em uma nação pode ser caracterizada por um padrão de valores culturais distinto, um perfil (Gelfand & Dyer, 2000) ou um padrão cultural (Thomas, 1993). Abordagens recentes compreendem as culturas como “sistemas dinâmicos abertos que se espalham através das fronteiras geográficas e evoluem através do tempo” (Hong & Chiu, 2001, p. 181), em vez de entidades estáveis e estáticas.

1.2.1. Distância Cultural. A distância cultural, a diferença entre duas culturas, é um importante preditor de adaptação e de mal-estar em imigrantes, com a maior diferença predizendo maiores dificuldades de adaptação (Dunbar, 1994; Furnham & Bochner, 1982; Geeraert & Demoulin, 2013; Searle & Ward, 1990; Ward, Bochner, & Furnham, 2001; Ward

& Kennedy, 1999). Existem várias medidas psicológicas ou conceituações de distância cultural (por exemplo, Hofstede, 1980; House, Hanges, Javidan, Dorfman, & Gupta, 2004; Schwartz, 1992). No entanto, o que é importante é a distância cultural percebida pelo imigrante, com respeito às diferenças vivenciadas no dia-a-dia na nova cultura (Galchenko & van de Vijver, 2007; Suanet & van de Vijver, 2009). Adaptação sociocultural e distância cultural percebida estão inter-relacionadas. Apenas os elementos da cultura hospedeira que são diferentes da cultura de origem necessitarão de adaptação (Demes & Geeraert, 2014, p.3).

Na psicologia, o modelo mais influente de traços culturais foi a análise dimensional de Hofstede (1980) no seu livro “Culture's Consequences”, que definiu cinco dimensões culturais em seu Value Survey Module (individualismo-coletivismo, aversão à incerteza, distância do poder (força da hierarquia social), masculinidade-feminilidade e orientação a longo prazo) para classificar e agrupar uma ampla gama de culturas nacionais. Trinta anos depois, uma sexta dimensão, indulgência versus auto-contenção, foi adicionado (Hofstede, Hofstede, & Minkov, 2010). De acordo com Hofstede (1980, 2001), as dimensões são universais e qualquer sociedade pode ser posicionada em relação a outras sociedades ao longo um dos contínuos de cada dimensão. A forte evidência que decorre desta pesquisa ajudou a estabelecer a abordagem etic, que pressupõe que há um conjunto de dimensões culturais universais que são igualmente relevantes para todas as culturas, como a abordagem principal para estudar a cultura.

Em uma análise dos dados do World Values Survey (Inglehart, Basanez, Diez-Medrano, Halman, & Luijkx, 2004), os cientistas políticos Ronald Inglehart e Christian Welzel (2010) afirmam que existem duas grandes dimensões da variação transcultural no mundo: valores tradicionais versus valores secular-rationais e valores de sobrevivência versus valores de auto

expressão. Os valores tradicionais enfatizam a importância da religião, dos laços entre pai e filho, deferência a autoridade e os valores familiares tradicionais. As pessoas que adotam estes valores também rejeitam o divórcio, o aborto, a eutanásia e o suicídio. Essas sociedades têm altos níveis de orgulho nacional e uma perspectiva nacionalista. Valores secular-rationais têm as preferências opostas aos valores tradicionais. Essas sociedades colocar menos ênfase na religião, nos valores familiares tradicionais e na autoridade. O divórcio, o aborto, a eutanásia e o suicídio são vistos como relativamente aceitáveis. Os valores de sobrevivência colocam a ênfase na segurança econômica e física. Esses valores estão ligados com uma visão etnocêntrica e relativamente a baixos níveis de confiança e tolerância. Os valores de auto expressão dão prioridade à proteção do ambiente, a tolerância de estrangeiros, gays e lésbicas, a igualdade de gênero, e a participação nas decisões na vida econômica e política. Estes são valores importantes de se entender na avaliação de distância cultural, que é considerado um dos preditores de aculturação, entre outros, que são exploradas na seção seguinte.

1.3 Antecedentes e Consequentes de Aculturação

Os fatores mais importantes do processo de aculturação são os fatores antecedentes (condições de aculturação), estratégias (orientações de aculturação) e consequências (resultados de aculturação) (Arends-Tóth & van de Vijver, 2006b). As condições de aculturação são os fatores individuais e de grupo, como as características da sociedade hospedeira, da sociedade de origem, do grupo de imigrantes e características pessoais, que influenciam o processo de aculturação, e são preditores da adaptação. As consequências têm sido divididas em resultados psicológicos (ajuste interno) e adaptação comportamental (ajuste social, externo) (Van Oudenhoven, Judd, & Ward, 2008; Ward, Leong, & Low, 2004). O ajuste interno é composto pelos resultados de aculturação emocional e afetiva (psicológica),

que envolvem bem-estar, saúde mental e satisfação com a vida no novo contexto cultural. O ajuste externo significa a obtenção dos conhecimentos e habilidades culturalmente apropriados, o que resulta da interação com a cultura dominante. Essas características que definem o contexto em que processo de aculturação acontece que já foram comprovadas pela pesquisa são resumidas nas duas tabelas abaixo.

Tabela 1
Fatores Antecedentes de Aculturação

Psicológicos, demográficos	Pesquisadores	Socioculturais, demográficos	Pesquisadores
Atitudes Identidade Estilo cognitivo Linguagem	Berry, 1980	Fatores “pull”: Amigos, emprego, família, liberdades políticas e religiosas, prosperidade, segurança Fatores “push”: Desastres naturais, desemprego, guerra, pobreza	Lee, 1966
Nível educacional Personalidade Poucas mudanças de vida	Suinn, Ahuna, & Khoo, 1992	Geração	Montgomery, 1992
Apoio social	Ward & Kennedy, 1993	Acessibilidade aos meios de comunicação interpessoal Comunicação interpessoal Distância cultural Interações com hospedeiros Tempo de residência	Ward & Kennedy, 1993
Atitude positiva em relação à manutenção da cultura Atitude positiva em relação à adaptação transcultural Estabilidade emocional Extroversão Lócus de controle interno Poucas mudanças de vida Discriminação	Berry et al., 2006	Status socioeconômico	Cortes, Rogler, & Malgady, 1994
Idade	Schwartz, Pantin, Sullivan, Prado, & Szapocznik, 2006	Conhecimento cultural, contato com os hospedeiros, distância cultural, identidade cultural, habilidade de linguagem, tempo de residência Atividades pro sociais (voluntarismo, doação)	Aycan & Berry, 1996 Ataca & Berry, 2002; Galchenko & van de Vijver, 2007 Moon, 2017

Tabela 2

Fatores Consequentes de Aculturação

Psicológicos	Pesquisadores	Socioculturais	Pesquisadores
Autoestima	Berry, Kim, Minde, & Mok, 1987	Aquisição de comportamentos efetivos	Ward et al., 2001
Bem-estar subjetivo		Conhecimento cultural	
Estresse aculturativo		Domínio da linguagem	
Saúde psicológica		Habilidades sociais	
Satisfação com a vida	Brown, Gibbons, & Hughes, 2013	Competência sociocultural	Arends-Tóth & van de Vijver, 2006a

Argumenta-se que os resultados da aculturação estão principalmente ligados aos comportamentos de aculturação. Sam (2006) referiu-se à adaptação comportamental como resultado de aculturação ao longo prazo, e comportamentos de aculturação como resultados de aculturação ao curto prazo. Arends-Tóth e van de Vijver (2006a) constataram que, além da adaptação social à cultura dominante, a competência sociocultural na cultura de origem também precisa ser abordada, pois é um resultado interessante da aculturação.

Na próxima seção, exploramos as teorias de aculturação mais proeminentes.

1.4 Teorias de aculturação

A primeira teoria psicológica de aculturação foi proposta em 1918, no estudo “O Camponês Polonês na Europa e na América” de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (Herskovits, 1958). No estudo de imigrantes poloneses em Chicago, eles descobriram três formas de aculturação correspondente a três tipos de personalidade: bohemian (adotando a cultura hospedeira e abandonando sua cultura de origem), filisteu (não adotando a cultura hospedeira, e preservando a sua cultura de origem), e do tipo criativo (capaz de adaptar-se à cultura hospedeira, mas preservando sua cultura de origem) (Thomas & Znaniecki, 1918).

Este último aspecto assemelha-se à estratégia de integração desenvolvida posteriormente pelo pesquisador John Berry (1980).

Expandindo essas idéias, Padilla (1980) propôs que há três estágios de mudança cultural: contato, conflito e adaptação. Ele afirma que qualquer medida de mudança de cultura deve considerar cada um desses três estágios, tanto no grupo quanto no nível individual. O propósito do contato também deve ser considerado. Devem ser consideradas a história, a persistência, a duração, a finalidade e a permanência do contato, a natureza do conflito e as adaptações a esse contato, bem como a exposição do indivíduo à segunda cultura, os conflitos interpessoais e as adaptações pessoais. Isso inclui examinar os diferentes padrões de adaptação nos imigrantes “voluntários” e “involuntários” (Ogbu & Simons, 1994). Por exemplo, é provável que terá mais aculturação quando a finalidade do contato é mutuamente desejada. A partir destas teorias, entre outras, foram desenvolvidos vários modelos do processo de aculturação. Os modelos mais relevantes são considerados na próxima seção.

1.5 Os modelos de aculturação

Maior ainda do que o número de definições de aculturação, há um grande número de modelos de aculturação, de forma uni e bidimensional (Costigan & Su, 2004; Berry, Trimble, & Olmedo, 1986; Cabassa, 2003; Navas et al., 2005; Nguyen & von Eye, 2002; Rudmin, 2003a; Ryder, Alden, & Paulhus, 2000) e, também, de forma tridimensional (Flannery, Reise, & Yu, 2001), a partir dos quais têm sido desenvolvidas várias medidas de aculturação. De forma geral, as pesquisas avaliam as condições de aculturação como uma variável independente, as estratégias de aculturação como uma variável mediadora, e resultados de aculturação como uma variável dependente (Arends-Tóth & van de Vijver, 2006b).

O processo de aculturação envolve uma variedade de dimensões e adaptações

psicológicas complexas, os modelos têm refletido esta complexidade com cada vez mais dimensões e escalas. Atualmente, existem mais de 50 estudos que envolvem instrumentos diferentes para a avaliação de aculturação (Celenk & van de Vijver, 2011), e a operacionalização dos principais construtos da aculturação ainda apresenta desafios para os pesquisadores. Por exemplo, as medidas de aculturação utilizadas variam frequentemente entre os diferentes grupos de pesquisadores, o que dificulta a comparação dos resultados entre os diferentes grupos de pesquisadores (Jansinskaja-Lahti, 2008; Motti-Stefanidi, Pavlopoulos, Obradovic, & Masten, 2008; Ward & Kennedy, 1994). Alguns dos itens incluídos nos instrumentos para medir aculturação se limitaram a mudanças nas preferências por linguagem (por exemplo, Chavez, 2004), alimentos étnicos (por exemplo, Jamal, 1996), mídia (por exemplo, Triandis, Kashima, Hui, Lisansky, & Marin, 1982), filmes (por exemplo, Lee, 1993), piadas (por exemplo, Ryder et al., 2000), música (Lee, 1993), escolha de amigos (por exemplo, Garrett & Pichette, 2000), compreensão e seguimento de costumes e tradições étnicas (por exemplo, Garrett & Pichette, 2000) e participação em atividades de centros comunitários étnicos (por exemplo, Lee & Tse, 1994). As escalas de identificação também têm sido usadas como medidas de atitudes de aculturação (Ward & Rana-Deuba, 1999), em vez de medidas específicas do construto. Contudo, embora relacionados, identidade e estratégia de aculturação são conceitos distintos (Playford & Safdar, 2007).

Nas subseções seguintes, explica-se a formatação dos modelos proeminentes de aculturação. A maioria dos modelos incluem uma única escala para medir vários aspectos da aculturação (por exemplo, Índice de Aculturação; Ward & Rana-Deuba, 1999). Os restantes são constituídos por duas ou mais subescalas, como as subescalas da cultura de origem e cultura dominante no Índice de Aculturação de Vancouver (Ryder et al., 2000) (Celenk & van

de Vijver, 2011, p. 7). Independentemente da abordagem, o que está a ser medido é o grau em que um indivíduo está associado com cada uma das culturas dominantes e não dominantes. O desafio é construir instrumentos avaliativos que meçam não só os comportamentos culturais, mas as condições, estratégias e resultados de aculturação tanto do lado de imigrante quanto do lado do país hospedeiro, para que as inter-relações entre grupos possam ser consideradas.

1.5.1. Modelo Unidimensional. Inicialmente, a aculturação foi proposta como um processo unidimensional pelo qual a adoção de aspectos da cultura receptora implicava que o imigrante devia abandonar aspectos de seu patrimônio cultural (Gordon, 1964). No modelo unidimensional (na Figura 1), a aculturação existe em um continuum linear (Gans, 1997), em que um indivíduo se move de não aculturado (totalmente identificado com sua cultura de origem) para aculturado ou assimilado (totalmente identificado com a cultura dominante, do país hospedeiro).

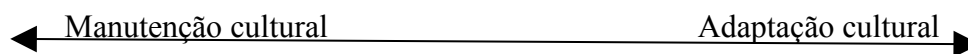


Figura 1. Modelo unidimensional de aculturação.

Essa abordagem prevê que, ao longo do tempo, a assimilação seja o resultado mais frequente (Flannery et al., 2001), e pressupõe que nos extremos do continuum ambas as culturas são mutuamente exclusivas e correlacionadas negativamente. Por exemplo, quanto mais se adotasse valores e comportamentos típicos da cultura dominante, mais fraca a associação com a sua cultura não-dominante se tornaria (Ryder et al., 2000). Além disso, o modelo unidimensional não fornece qualquer oportunidade para explorar as alterações que a

cultura dominante se submete, uma vez que é inerente ao modelo que o resultado seja a assimilação da nova cultura.

O primeiro modelo de assimilação de forma unidimensional que descreve o processo gradual de absorção de imigrantes e membros de minorias étnicas na cultura dominante nos níveis individuais e do grupo foi proposto pelo sociólogo norte-americano Milton Gordon (1964). Em sua teoria unidimensional existem os Sete Estágios de Assimilação e seus sub-processos: (1) cultural (mudança de padrões culturais para a cultura dominante), (2) estrutural (entrada em grande escala nas instituições da cultura dominante), (3) marital ou fusão (casamentos entre pessoas de culturas diferentes, em grande escala), (4) identificacional (desenvolvimento do senso de povo baseada exclusivamente na cultura dominante), (5) atitude-recepcional (ausência de prejuízo); (6) comportamento-recepcional (ausência de discriminação), e (7) cívica (ausência de conflitos de poder e valores). Gordon (1971) propôs que a assimilação de comportamento cultural (por exemplo, a aquisição de competências linguísticas em inglês e/ou padrões de comportamento típicos da sociedade hospedeira) é o primeiro tipo de aculturação a ocorrer aos imigrantes, e continuaria indefinidamente mesmo quando nenhum outro tipo de assimilação acontece. A visão para harmonia intergrupar, então, reside na centralidade da assimilação estrutural. Ele afirma: “uma vez que a assimilação estrutural ocorreu, simultaneamente, com ou subsequente a aculturação, todos os outros tipos de assimilação seguirão naturalmente” (Gordon, 1964, p. 80-81). O autor afirma que a assimilação estrutural, que facilitaria as oportunidades para as relações inter-étnicas, ofereceria oportunidades para casamentos inter-étnicos. Assimilação civil resultaria na perda da identidade étnica dos grupos minoritários, promovendo laços mais fortes com a sociedade hospedeira, e ao longo do tempo reduzindo o preconceito e a discriminação. Nesse modelo,

para a aculturação acontecer, seria necessária a extinção de qualquer forma de identidade étnica em favor de uma identidade exclusivamente nacional.

O problema com a teoria de Gordon (1964, 1971) é que não foram realizadas tentativas para testar a validade da sua tipologia, e como resultado, não existem provas da existência de sete tipos de assimilação e se alguns tipos de assimilação são empiricamente mais importantes do que os outros, ou se os grupos que são assimilados em uma dimensão são igualmente assimilados em os outros. Também não se sabe quanto os tipos de assimilação são correlacionados um com os outros. Mais pesquisa é necessária para determinar se a assimilação é, de fato, da forma que o Gordon constatou.

Uma pesquisadora influenciada pelo trabalho de Gordon é Young Yun Kim, que apresenta uma teoria semelhante de adaptação transcultural como um processo de assimilação com sete etapas. Em sua teoria, Kim (1977) trata dos padrões de comunicação de imigrantes estrangeiros, e seu modelo serve para investigar a relação causal entre os padrões de comunicação intercultural e complexidade perceptual. Seu trabalho centra-se na mídia de massa e comunicação interpessoal, duas formas que se destacam no processo de aprendizagem cultural. Na pesquisa de Kim (1977), a fluência no idioma, o potencial de interação, a motivação de aculturação e a disponibilidade de mídia de massa foram as variáveis independentes, e a comunicação interpessoal e consumo de mídia de massa foram as variáveis dependentes. As principais conclusões desta pesquisa são: (1) a motivação de aculturação, a fluência no idioma, e a acessibilidade da mídia de massa e interpessoal são as principais causas do comportamento de comunicação intercultural de um imigrante; (2) as quatro variáveis independentes não afetam a complexidade cognitiva diretamente, mas são mediadas por suas experiências de comunicação interpessoal e a mídia de massa na sociedade

hospedeira; (3) a influência da comunicação interpessoal excede o de uso da mídia de massa no desenvolvimento de um sistema cognitivo complexo em perceber a sociedade hospedeira; e, (4) a formação educacional, o gênero, o tempo na sociedade hospedeira, e a idade no momento da imigração são os principais determinantes da competência linguística, motivação de aculturação, e acessibilidade aos canais de comunicação da sociedade hospedeira. O resultado da sua pesquisa inicial apoiou a teoria na sua totalidade. O uso da mídia de massa apresentou alta relação com a competência linguística, motivação de aculturação e acessibilidade aos meios de comunicação interpessoal, mas a comunicação interpessoal apresentou-se diretamente correlacionada ao aumento das três variáveis. A teoria da aculturação de Kim (1977) afirma que o aumento da comunicação interpessoal dentro do novo ambiente resulta em um aumento de aculturação. A capacidade adquirida pela linguagem e as oportunidades, para acessar os meios de comunicação interpessoal e de mídia de massa, combinado com a motivação de aculturação, resulta em aculturação na nova cultura e do desenvolvimento de uma identidade intercultural.

Existem outras teorias que também abordam o conceito de assimilação de Gordon (1964, 1971), como as de Gans (1973), e de Sandberg (1973). Contudo, Portes e Zhou (1995), conscientes da importância de fatores socioeconômicos na adaptação de imigrantes, desafiaram a noção de aculturação homogênea, e ofereceram uma teoria de assimilação segmentada. Eles descreveram várias formas distintas de adaptação, incluindo: (1) aculturação e integração na classe média branca, (2) assimilação da classe baixa, e (3) a preservação das tradições culturais étnicas e laços étnicos através de redes sociais na comunidade. Nesta teoria, a forma de assimilação mudou, mas a ideia de que a aculturação significa assimilação permaneceu.

1.5.2. Modelo Bidimensional. Uma primeira tendência na pesquisa de aculturação foi a substituição de uma abordagem unidimensional por um modelo bidimensional da aculturação, que atualmente é aceito como mais adequado (Ryder et al., 2000), a partir de pesquisas que respaldam essa afirmação (Matsudaira, 2006; Nguyen & von Eye, 2002). Berry e Kim (1988) criticaram o modelo de assimilação de Gordon (1964, 1971) por ser “uni cultural” e por ter assumido um “processo linear de assimilação”, cujo objetivo final é a absorção do grupo de aculturação para o grupo dominante da sociedade hospedeira. O modelo bidimensional argumenta que sua filiação à cultura de origem e a cultura dominante acontece de forma independente ou ortogonal (Costigan & Su, 2004), permitindo assim que as características das duas culturas coexistam no repertório de comportamento, atitudes, crenças e múltiplas identidades do indivíduo.

Dos vários modelos bidimensionais de aculturação, o modelo quádruplo de Berry (1980) é um dos mais conhecidos e melhor fundamentado por evidências científicas. Berry & Sam (1997) introduziram duas estratégias fundamentais envolvidos no processo de aculturação: “manutenção cultural” e “contato e participação”, que são conceitualmente distintos e podem variar de forma independente (Phinney et al., 2001). “Manutenção Cultural” refere-se à medida em que a identidade cultural é importante para o indivíduo e o esforço necessário para mantê-la. Portanto, isso indica que os níveis elevados de manutenção cultural preverão uma identidade étnica e cultural e que os baixos níveis de manutenção cultural preverão nenhuma identidade cultural. “Contato e participação” refere-se ao grau em que os indivíduos se envolvem com outro grupo cultural, ou permanecem principalmente entre si. Estas duas questões centrais são exploradas por grupos e indivíduos em seus encontros diários, e indicam como o indivíduo é orientado para as duas culturas em contato e

experiências interculturais (Berry, 2003, p.30).

No modelo de aculturação de Berry (1980) na Figura 2, indivíduos e grupos podem adotar várias atitudes alternativas ou orientações à cultura nova. Projetada ortogonalmente, um espaço de aculturação é criado com quatro setores; duas dimensões de aculturação, e duas questões distintas, seja afirmativamente ou negativamente, podem resultar em quatro opções diferentes: assimilação, separação, marginalização ou integração. As duas perguntas são: (1). É desejável manter uma cultura de herança? (2). É desejável ter ou manter relações positivas com outros grupos na sociedade?

	Sim	Não
Sim	Integração	Assimilação
Não	Separação	Marginalização

Figura 2. Modelo de aculturação individual de Berry. Adaptado de “Acculturation as varieties of adaptation” (p. 11) por J. W. Berry, 1980, em A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings*. Boulder, CO: Westview. Copyright 1980 por John W. Berry. Adaptado com permissão.

Há grandes variações do modo como as pessoas lidam com a aculturação. Estas variações são consideradas estratégias aculturativas. A resposta afirmativa às duas perguntas acima definirá o modo de aculturação chamado integração, que ocorre quando o indivíduo é capaz de adotar as normas culturais da cultura dominante bem como a interação com membros da sociedade hospedeira, enquanto mantendo a sua cultura de origem. A combinação de uma resposta afirmativa à segunda questão e uma resposta negativa à primeira questão descreve o modo de assimilação, que ocorre quando o indivíduo adota as normas culturais de uma cultura dominante, busca a interação com membros da sociedade hospedeira, e desvaloriza a manutenção de sua cultura original. Separação é identificada pela

combinação de uma resposta positiva à primeira pergunta e uma resposta negativa à segunda questão. O modo de separação significa que o indivíduo rejeita a cultura dominante em favor da preservação de sua cultura de origem, e procura o mínimo contato com outros grupos culturais, em especial a da sociedade hospedeira. Finalmente, as duas respostas negativas para ambas as perguntas indicam marginalização, que significa que o indivíduo rejeita tanto a sua cultura de origem quanto a cultura dominante na sociedade hospedeira. De acordo com Grusec e Hastings (2007), existe uma relação positiva entre o modo como um indivíduo decide se adaptar e quão bem ele se adapta individualmente. A pesquisa de Berry (1980) sobre as estratégias aculturativas permite algumas generalizações. Em termos de adaptação bem-sucedida e psicologicamente saudável, a estratégia de integração oferece os melhores resultados de adaptação, e a estratégia de marginalização está relacionada ao pior nível de adaptação. Em várias pesquisas sobre aculturação, a integração é a escolha mais popular dos imigrantes (Arends-Tóth & van de Vijver, 2003), ao facilitar a integração do imigrante em sua nova cultura. As outras duas estratégias sugeridas por Berry, separação e da marginalização, estão associados a resultados de adaptação intermediários.

Para entender a aculturação de forma bidimensional, é importante entender que os imigrantes nem sempre são livres a seguir a estratégia de aculturação que preferem (Berry, 1997). Percepções da sociedade hospedeira em relação ao grupo de imigrantes podem afetar o imigrante na redefinição de sua identidade social, e na maneira em que eles escolhem para aculturar (Padilla & Perez, 2003). Os pontos de vista no grupo dominante sobre como os grupos não dominantes devem aculturar são chamados de expectativas de aculturação (Berry, 2003). Utilizando as mesmas duas perguntas do modelo individual de estratégias de aculturação, Berry (2011) desenvolveu os seguintes termos para os quatro quadrantes:

“Melting pot” ou “caldeirão” significa assimilação, “segregação” quando forçada significa separação; marginalização, quando imposta pelo grupo dominante, é “exclusão”, e para a integração, quando a diversidade cultural é uma característica da sociedade como um todo, incluindo todos os grupos etnoculturais, é chamado “multiculturalismo”. Berry (1980) acredita que as diferentes realidades políticas (contextos) existentes em sociedades hospedeiras podem produzir resultados de aculturação diferentes. Por exemplo, as sociedades com políticas multiculturais tendem a ter resultados mais positivos de aculturação que as sociedades uni-culturais que negam aos migrantes a opção de integrar (Berry, 1980).

Nos últimos 30 anos, visando explorar empiricamente as relações interculturais em sociedades plurais, as atitudes de vários grupos que constituem a sociedade canadense foram examinadas em uma série de estudos, com grandes amostras representativas da população canadense (Berry, Kalin, & Taylor, 1977, n = 1849; Berry & Kalin, 1995, n = 3325). Os resultados mostram que uma grande maioria dos canadenses indicaram a ideologia multicultural como a maneira em que os grupos etnoculturais e imigrantes se relacionarem entre si. Esta visão de como viver em sociedades plurais incorpora dois processos sociais. A primeira é a aceitação na sociedade do valor da diversidade cultural, com a diversidade sendo visto como um recurso para ser valorizado. A segunda é a promoção da participação equitativa de todos os grupos da sociedade em geral, com os direitos de acessar educação, trabalho, cuidados de saúde e justiça. Padilla e Perez (2003, p. 51) acreditam que na medida em que os imigrantes tomem consciência e interpretem o seu estigma social, suas estratégias de aculturação refletirão suas interpretações do estigma e das cognições sobre estas percepções. Se os imigrantes têm consciência que sua identidade social não é valorizada, isso pode afetar as estratégias utilizadas no processo de aculturação, e as competências culturais

que eles estão a vontade para desenvolver, ou que tenham a capacidade de desenvolver. Esta questão é importante nessa pesquisa, pois a valorização pode ser responsável pelo resultado de níveis mais baixas de aculturação alcançado pelos imigrantes que são refugiados ou entram de forma ilegal no país de hospedagem. Para satisfazer as necessidades de todos os grupos, esta visão requer acomodação mútua, entre as instituições da sociedade dominante e os imigrantes (Berry, 2011).

Apesar de existirem vários modelos de aculturação, os modelos mais completos levam em consideração as mudanças que ocorrem aos níveis do grupo e do individual em ambos os grupos que interagem, como no Modelo de Aculturação Contextual (ACM, Phalet & Swyngedouw, 2003), entre outros (Bourhis, Moise, Perrault, & Senecal, 1997; Montreuil & Bourhis, 2004). No modelo de aculturação contextual (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 222), as orientações da aculturação são simultaneamente influenciadas pela pressão da comunidade étnica dos migrantes e da sociedade hospedeira. No domínio público, por exemplo, em salas de aula multi-étnicas ou no local de trabalho, as normas do grupo dominante são mais relevantes e influentes. Um estudo que deu apoio a esta teoria foi um estudo piloto holandês (Phalet & Swyngedouw, 2003) que demonstrou o padrão esperado de efeitos de grupo e de contexto. Enquanto as minorias turca e marroquina atribuíram maior importância à manutenção da cultura do que seus anfitriões em contextos diferentes, as comunidades minoritárias e hospedeira atribuíram mais importância à manutenção das suas culturas de origem em contextos privados do que em contextos públicos (Phalet & Swyngedouw, 2003). O contexto também pode mudar o tipo de estratégia de aculturação escolhida, o que se denomina especificidade de domínio. Especificidade de domínio significa o contexto da aculturação, e a estabilidade desta entre a vida particular e pública. Um exemplo é uma

escolha de diferentes estratégias de aculturação no domínio público (preferência de adoção cultural) e domínio privado (preferência de manutenção cultural) (Arends-Tóth & van de Vijver, 2003; Snauwaert, Soenens, Vanbeselaere, & Boen, 2003). No estudo piloto holandês (Phalet & Swyngedouw, 2003) a maioria dos migrantes adotou uma estratégia de separação no domínio privado, e uma estratégia de integração no domínio público.

Dado a dependência das estratégias no contexto da aculturação, a alternância de manutenção cultura étnica no domínio privado, com adaptação transcultural do domínio público pode ser o padrão mais adaptável (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 223). Para os imigrantes, muitas vezes é mais fácil e desejado aculturar-se às atitudes de sua sociedade hospedeira em relação à política e ao governo, do que para se aculturar às novas atitudes em relação à religião, princípios e valores (Navas et al., 2005), por que em uma sociedade “caldeirão”, no qual uma cultura harmoniosa e homogênea é promovida, assimilação é a estratégia de aculturação preferida. Na sociedade segregacionista, em que os seres humanos são separados em grupos raciais no cotidiano, a estratégia de separação é a mais comum. Em uma sociedade multicultural, em que várias culturas são aceitas e apreciadas, os indivíduos são incentivados a adotar uma abordagem integracionista na aculturação. Nas sociedades em que a exclusão cultural é promovida, as pessoas frequentemente adotam a estratégia de marginalização.

1.4.2.1. Críticas. As principais críticas em relação à essas duas abordagens uni e bidimensional (Rudmin, 2003, 2009) são, em sua maioria, que os modelos são direcionados para um grupo étnico ou cultura específico fato que reduz a capacidade de reutilização do modelo com imigrantes de outras etnias e culturas (por exemplo, Acculturation Scale for Mexican-Americans de Cuellar, Harris, & Jasso, 1980; Acculturation Scale for Vietnamese

Adolescents de Nguyen & von Eye, 2002). A aplicabilidade ou generalização das escalas em diferentes populações (residentes ou migrantes), ou em diferentes contextos culturais é também uma consideração importante. Precisa-se de medidas comparáveis e aplicáveis em diferentes contextos.

A outra crítica é que esses modelos de aculturação são simples demais para ter validade preditiva (Ward, 2008), por que muitas vezes as pessoas não caem perfeitamente em qualquer uma das quatro categorias, e que há muito pouca evidência para a existência da estratégia de marginalização (Kunst & Sam, 2013; Schwartz, Unger, Zamboanga, & Szapocznik, 2010).

Finalmente, uma questão metodológica é que as medidas de orientação da aculturação usadas para classificar os indivíduos em uma das quatro estratégias de aculturação não são consistentes (Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006; Bourhis, Barrette, El-Geledi, & Schmidt, 2009); uma abordagem mais apropriada para medir as orientações de aculturação é avaliar a orientação da cultura de origem e da cultura hospedeira independentemente, resultando em duas variáveis contínuas (Arends-Tóth & van de Vijver, 2007; Ryder et al., 2000). Em resumo, das diferentes abordagens para a medição de orientações de aculturação, o método bidimensional é preferido.

1.5.3. Modelos Multidimensionais. Há evidências de que a aculturação não é apenas bidimensional, mas que também consiste em múltiplos domínios (Chirkov, 2009; Kim & Abreu, 2001; Rudmin, 2009; Schwartz et al., 2010). Em um estudo comparando a eficácia dos modelos unidimensionais e bidimensionais, Flannery et al. (2001) sugeriram uma terceira abordagem para a aculturação. Ao adicionar um terceiro eixo à matriz, o modelo se torna tridimensional, e permite o surgimento de uma nova cultura, fenômeno denominado

“ethnogenesis”. Essa visão vai além da integração ou bi culturalismo na medida em esta terceira nova cultura é qualitativamente diferente da hifenização associada com a integração (por exemplo, brasileiro-canadense, greco-americano). Propõe-se que a combinação da cultura não-dominante e a cultura dominante possa resultar em um conjunto de valores, crenças, atitudes e comportamentos que não são facilmente reconhecidos pela cultura não-dominante ou pela cultura dominante como seu. Isto pode ser visto na ligação entre a diáspora africana e a identidade latino-americana no Brasil. Atualmente, a existência de pessoas de descendência africana e seu papel como parte integrante da etnia Latina parece ser mais aceite no Brasil do que em outros países vizinhos da América do Sul.

Kim e Abreu (2001) também propuseram que a aculturação consiste em três domínios: comportamental, cognitivo e afetivo. Schwartz et al. (2010) expandiram o trabalho de Kim e Abreu (2001) propondo que são necessários múltiplos domínios para medir a aculturação. Eles propuseram que a aculturação comportamental reflete práticas culturais (i.e., uso de linguagem), aculturação cognitiva reflete valores ou atitudes culturais (i.e., piedade filial) e a aculturação afetiva reflete identificações culturais (i.e., ligação pessoal à cultura). Dado que as práticas, os valores e as identificações culturais tendem a ser pelo menos modestamente inter-relacionados (e.g., Berry et al., 2006; Schwartz, Zamboanga, & Jarvis, 2007), Schwartz et al. (2010) propuseram a aculturação como simultaneamente (a) um processo maior, de ordem superior e (b) um conjunto de dimensões relacionadas, mas independentes. Esses seis componentes da aculturação, as práticas, os valores e as identificações da cultura original, assim como os da cultura hospedeira no Figura 3, podem ter mudanças diferentes e, para alguns imigrantes, alguns desses processos podem não mudar. O fato de que uma dimensão está mudando não garante que os outros também mudem.



Figura 3. Multidimensionalidade da aculturação. Adaptado de “Rethinking the Concept of Acculturation: Implications for Theory and Research” by Schwartz, S. et al., 2010, Retirado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3700543/>. Copyright (2010) por Pubmed Central. Adaptado com permissão.

Independente da sua cultura patrimonial, os imigrantes devem, de uma forma ou de outra, adaptarem-se ao seu novo ambiente cultural (Ward et al., 2001). As identidades sociais que trazem com eles e as identidades que desenvolvem no novo ambiente influenciam as cognições sociais que, por sua vez, orientam seu comportamento, como as roupas que usam, os alimentos que comem, as pessoas com quem se associam, os valores a que aderem, e as estratégias utilizadas para acomodar a nova cultura e seu povo (Padilla & Perez, 2003, p. 50). Este modelo toma em conta mais fatores do processo de aculturação, contudo ainda falta o reconhecimento das mudanças nas estratégias de aculturação que podem ocorrer dependendo do contexto em que o imigrante está. Então, até o presente momento, nenhum modelo, mesmo sendo multicultural, inclua todos os elementos que são importantes de se considerar no processo de aculturação. A próxima seção vai delinear quais são estes elementos, sob aspecto demográfico.

Em conclusão, esta revisão mostra claramente que existem várias abordagens para lidar com o fenômeno aculturação. Em vez de continuar adicionando cada vez mais dimensões para acomodar a complexidade deste construto, o que é necessário é descobrir qual a ordem subjacente de todas as características, e em seguida, agrupar essas características nestes grupos comuns para testar a validade do modelo. Este é o propósito do primeiro estudo desta tese no próximo capítulo, para testar a ordem subjacente e os fatores envolvidos no processo de aculturação, do lado do imigrante, do país hospedeiro, em vários contextos, e em quatro dimensões, para integrar todos os elementos importantes no processo de aculturação.

CAPÍTULO 2

O Inventário de Aculuturação Integral: Um olhar integral nos fatores de aculuturação em
imigrantes

The Integral Acculturation Intake: An integral look at the factors of acculturation in
immigrants

El Inventario de Aculturaación Integral: Una visión global de los factores de aculturaación en
los inmigrantes

Resumo

As dificuldades de aculturação sentidas tanto pelos imigrantes quanto por aqueles que vivem em seus respectivos países de acolhimento têm sido objeto de muita pesquisa nos campos da antropologia, sociologia e psicologia desde o último século. Embora existam vários modelos dos diferentes componentes de aculturação, todos acreditam que a aculturação ocorre em múltiplos domínios e envolve uma adaptação psicológica complexa. Este estudo objetivou descobrir os principais fatores que influenciam o processo de aculturação em imigrantes, pela revisão da literatura e das escalas de aculturação publicadas, e depois pelo questionário qualitativo e multidimensional que foi construído para avaliar aculturação em imigrantes de diversas culturas e países, o Intake de Aculturação Integral (IAI), que foi respondido por um grupo de estrangeiros que moram no Brasil. A análise de componentes principais resultou nos seguintes dez fatores envolvidos no processo de aculturação: a linguagem, o meio ambiente, família, relacionamento, religião, trabalho, eventos sociais, o bairro (particularmente a sua composição étnica), a correspondência e as conversas telefônicas diárias com amigos. Verificou-se que três destes fatores ajudaram o sucesso de aculturação: a seleção de uma estratégia de aculturação, a linguagem, e apoio social. Os resultados são correspondentes com os resultados de outros estudos de aculturação, e devem ser uma parte de qualquer escala de aculturação.

Palavras-chave: aculturação; adaptação; avaliação; imigração; revisão da literatura

Resumen

Las dificultades de aculturación sentidas tanto por los inmigrantes como por los que viven en sus respectivos países de acogimiento han sido objeto de gran investigación en los campos de la antropología, la sociología y la psicología desde el último siglo. Aunque existan varios modelos de los diferentes componentes de la aculturación, todos creen que la aculturación ocurre en múltiples dominios y envuelven una adaptación psicológica compleja. Este estudio objetivó descubrir los principales factores que influyen en el proceso de aculturación en inmigrantes, por la revisión de la literatura y las escalas de aculturación publicadas, y luego por el cuestionario cualitativo y multidimensional que fue construido para evaluar aculturación en inmigrantes de diversas culturas y países, el Intake De Aculturación Integral (IAI), que fue respondido por un grupo de extranjeros que viven en Brasil. El análisis de componentes principales resultó en los siguientes diez factores que intervienen en el proceso de aculturación: el lenguaje, el medio ambiente, familia, relaciones, religión, trabajo, eventos sociales, el barrio (en particular su composición étnica), la correspondencia y las conversaciones telefónicas con amigos. Se verificó que tres de estos factores ayudaron al éxito de la aculturación: la selección de una estrategia de aculturación, el lenguaje, y el apoyo social. Los resultados se corresponden con los resultados de otros estudios de aculturación, y deben ser una parte de cualquier escala de aculturación.

Palabras clave: aculturación; adaptación; evaluación; inmigración; revisión de la literatura

Abstract

The difficulties of acculturation felt by both immigrants and those living in their respective host countries have been the subject of much research in the fields of anthropology, sociology and psychology since the last century. Although there are many models of evaluation of the different components of acculturation, all believe that acculturation occurs in several domains and involves a complex psychological adaptation. This study aimed to discover the main factors that influence the process of acculturation in immigrants. These factors were then used to construct a multidimensional acculturation index for evaluating immigrants, resulting in the Integral Acculturation Intake (IAI) questionnaire, that was completed by a group of foreigners living in Brazil. The principal components analysis resulted in the following ten factors involved in the acculturation process: language, the environment, family, relationships, religion, work, social events, the neighborhood (particularly its ethnic composition), and correspondence and telephone conversations with friends. Of these factors, three were found to promote success in the acculturation process: the selection of an acculturation strategy, language, and social support. These results are consistent with the results of other acculturation studies, and should be a part of any acculturation scale.

Keywords: acculturation; adaptation; evaluation; immigration, literature review

O Inventário de Aculturação Integral: Um olhar integral nos fatores de aculturação em imigrantes

Por vários motivos, a emigração de pessoas entre países e continentes tem apresentado índices cada vez maiores na atualidade. Durante a última década do século 20 houve um rápido aumento na migração internacional em todo o mundo, e hoje em dia, todos os países do mundo tem imigrantes (Nações Unidas, 2016, p. 1). Segundo o relatório de Migração Internacional 2015: Destaques (Nações Unidas, 2016, p. 1), o número de migrantes e refugiados internacionais atingiram 244 milhões, um aumento de 41 por cento desde o ano 2000. Este valor inclui mais que 50 milhões de refugiados. Com a migração de pessoas em constante fluxo devido a guerras e desastres naturais, entre outras razões pessoais como a reunificação familiar, as oportunidades de emprego e as relações pessoais, os migrantes estão enfrentando desafios de integração e adaptação às suas novas vidas.

No Brasil, de acordo com os dados do Comitê Nacional para os Refugiado (CONARE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública, em 2016 houve aumento de 12% no número total de refugiados reconhecidos no país com um total de 9.552 refugiados de 82 nacionalidades sendo reconhecidos até o final de 2016 (Ancur, 2016). Os países com maior número de refugiados reconhecidos no Brasil em 2016 foram Síria (326), República Democrática do Congo (189), Paquistão (98), Palestina (57) e Angola (26) (Ancur, 2016). Apesar da diminuição no número de solicitações de refúgio no ano passado, houve um aumento grande de solicitações de venezuelanos (307%) em relação a 2015, de 829 pedidos até 3.375 pedidos em 2016 (Ancur, 2016). Além destes, imigrantes bolivianos, paraguaios, e muitos outros, sofrem com condições de trabalho de semiescravidão e encontram dificuldades para conseguir emprego e moradia dignos. É importante entender os desafios que todos esses

imigrantes enfrentam, a fim de que eles possam ser capazes de se integrar funcionalmente, de se adaptarem rapidamente ao novo ambiente e de se capacitarem a fornecer seus melhores serviços no Brasil.

A forte presença de imigrantes (italianos, alemães, japoneses, poloneses, árabes, entre outros) principalmente a partir do século XIX, e a influência dada das culturas africana, europeia (principalmente ibérica) e indígena para a constituição da cultura brasileira, tem estimulado pesquisa sobre aculturação no Brasil (Izumi, 2010; Vedana & Silveira, 2010; Llajaruna, 2002; Ueno, 2008; Ginsberg & Goioelli, 1979). As dificuldades de adaptação e aculturação sentidas tanto pelos imigrantes como por aqueles que vivem em seus respectivos países de acolhimento têm sido objeto de muita pesquisa nos campos da antropologia, sociologia e psicologia desde o último século. Aculturação, definido como o processo multidimensional de mudança que ocorre quando os indivíduos de diferentes grupos culturais entram em contato contínuo (Berry, 1980) envolve mudanças nos níveis do individual e do grupo. Seguindo o pesquisador Graves (1967), existem dois tipos de aculturação: aculturação psicológico (no nível do individual) a aculturação cultural (no nível do grupo). Mudanças no nível do grupo são refletidas em as mudanças de cultura, costumes, e observadas na adoção da alimentação, linguagem, o vestuário da cultura dominante. No nível individual, as diferenças que a aculturação traz são vistas nas mudanças no comportamento cotidiano, mudanças na saúde (Lara, Gamboa, Kahramanian, Morales, & Hayes Bautista, 2005, p. 374; Berry, 1992, p. 2) e no bem-estar psicológico (Phinney, J. W., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P., 2001, p. 501-502; Berry, 1992, p. 2). Seguindo a pesquisa (Berry, 2005, p. 704), a adoção da estratégia de aculturação da integração, onde o imigrante busca a participação na cultura do país hospedeiro, mantendo sua cultura patrimonial, é a mais

promissora para facilitar o processo de aculturação (Berry, 2005, p. 709). No entanto, para que essa estratégia seja livremente escolhida, a sociedade dominante precisa encorajar uma orientação aberta e inclusiva em relação à diversidade cultural, sendo preparado para adaptar as instituições nacionais (de educação, saúde e trabalho) para atender às necessidades de todos os grupos na sociedade plural.

Embora existam muitos modelos de avaliação dos diferentes componentes de aculturação, todos acreditam que a aculturação ocorre em vários domínios e envolve uma adaptação psicológica complexa. Com mais de 50 instrumentos já existentes para avaliar aculturação quantitativamente, o número de abordagens para medir a aculturação continua a crescer, junto com o interesse em avaliar grupos culturais. Porém, ainda não há acordo sobre qual destas abordagens melhor reflete o grau de envolvimento da cultura imigrante em relação à cultura hospedeira. Mesmo que as culturas difiram de região para região do mundo, elas são definidas por características similares (como família, habitação, vestuário, educação, alimentação, etc.), e um modelo para avaliar aculturação em todas as culturas seria muito útil. Nenhum instrumento publicado inclua todos esses níveis ou domínios, e não existe nenhum modelo integral que permite uma meta-análise dos fatores de aculturação.

A maioria dos instrumentos para medir aculturação foi criado exclusivamente para o grupo que está sendo considerado, embora não haja estudos anteriores que têm incorporado várias medidas de aculturação para que suas inter-relações possam ser avaliadas. O desafio é de aperfeiçoar a medição de uma medida multidimensional, que inclua a avaliação de aculturação nas dimensões do lado interno (psicológico, intercultural), e externo (comportamento, sistemas), que contenha medições separadas para cada dimensão. O que é necessário é um modelo que tenha a capacidade de abrigar a quantidade de linhas da

experiência de vida dentro de cada dimensão necessária, de uma forma que defina cada dimensão com suas características, níveis de complexidades, e de diferentes perspectivas. A grande maioria das escalas existentes carece de vários fatores, e nenhuma inclui todos eles. Por este motivo, o modelo AQAL, baseado no trabalho do filósofo americano Ken Wilber, o autor da Teoria Integral (1999), foi escolhido como a estrutura para desenvolver o questionário “Intake de Aculturação Integral” (IAI), criando uma escala abrangente para medir aculturação. Este modelo permite uma visão da aculturação tanto do lado do imigrante quanto o lado do país hospedeiro, em múltiplos de linhas, níveis, e de várias complexidades. Essa medida pretende ser uma referência a ser utilizada internacionalmente a medida que ela for sendo validada em diferentes culturas.

O objetivo deste estudo foi compreender os principais fatores que influenciam o processo de aculturação em estrangeiros. Esses fatores foram utilizados para construir o questionário IAI, com a intenção de criar uma escala integral e multidimensional de aculturação para a avaliação do processo de aculturação em imigrantes, que pode ser padronizado para facilitar comparações entre imigrantes de diversas culturas e países. Para uma escala de aculturação, é necessário saber quais são as características dominantes de cada cultura. Na análise dos resultados do IAI, buscou-se revelar estas características envolvidos no processo de adaptação e o que os imigrantes precisam, em vários níveis, para facilitar o processo de adaptação ao país hospedeiro.

Este artigo encontra-se em seis partes, começando com a análise da literatura existente para os fatores de aculturação em imigrantes. Em seguida, a metodologia de pesquisa é apresentada e as técnicas de análise de dados são apresentadas. Em seguida, os

resultados são discutidos e resumidos. Este artigo conclui com uma discussão sobre as implicações teóricas e direções para futuras pesquisas.

Revisão da Literatura

Definição

Em 1895, o antropólogo americano Otis Tufton Mason, que estudou as diferenças etnográficas entre índios nativos, nativos do Alasca, africanos e sua relação com os europeus do Novo Mundo, inventou o termo “aculturação” (Herskovits, 1958). Em 1905, o pesquisador alemão Paul Ehrenreich em seu trabalho antropológico entre as tribos da América do Sul, com foco na linguagem e na mitologia, descreveu “áreas de aculturação” (Herskovits, 1958). A primeira teoria psicológica de aculturação foi proposta em 1918, no estudo "O Camponês Polonês na Europa e na América" de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (Herskovits, 1958). Do estudo de imigrantes poloneses em Chicago, eles descobriram três formas de aculturação correspondente a três tipos de personalidade: bohemian (adotando a cultura de acolhimento e abandonando sua cultura de origem), filisteu (não adotando a cultura de acolhimento, e preservando a sua cultura de origem), e do tipo criativo (capaz de adaptar-se à cultura de acolhimento, mas preservando sua cultura de origem) (Thomas & Znaniecki, 1918) que é aparecida à estratégia de integração desenvolvida depois pelo pesquisador John Berry (1980). Anos depois, em 1936, Redfield, Linton e Herskovits definiram a primeira definição de aculturação como:

Os fenômenos que resultam quando grupos de pessoas de diferentes culturas entram em contato contínuo de primeira mão, com posteriores alterações aos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos ... sob esta definição

aculturação será distinguido de ... assimilação, que às vezes é uma fase de aculturação (Redfield et al., 1936).

No uso atual, aculturação refere-se a uma mudança cultural do país de origem para a sociedade hospedeira (Dana, 1996; Herskovits, 1958). Perez-Escamilla e Putnik (2007) e Dawson, Crano e Burgoon (1996) definiram a aculturação como o processo pelo qual grupos culturais adotam os costumes e comportamentos de uma nova cultura. Essa adoção também pode incluir as normas, valores, e atitudes da cultura hospedeira. Cuellar, Arnold e González (1995) expandiram essa ideia, e postularam que a teoria da aculturação também envolve aculturação psicológica nos domínios cognitivos e comportamentais, para entender a mudança cultural entre os grupos de imigrantes. Até hoje, a busca continua pela abordagem e modelo mais abrangente e adequada para medir a fenômeno de aculturação.

Modelos e medidas de aculturação

Maior ainda do número de definições de aculturação, há um grande número de modelos de aculturação, de uni e bidimensionais (Costigan & Su, 2004; Berry, Trimble, & Olmedo, 1986; Cabassa, 2003; Navas, García, Sánchez, Rojas, Pumares, & Fernández, 2005; Nguyen & von Eye, 2002; Rudmin, 2003; Ryder, Alden, & Paulhus, 2000) para tridimensional (Flannery, Reise, & Yu, 2001), a partir do qual têm sido desenvolvidas várias medidas aculturativas. Hoje em dia, existem mais de 50 estudos que envolvem instrumentos diferentes para a avaliação de aculturação (Celenk & van de Vijver, 2011). Todos as medidas avaliadas neste estudo avaliam aculturação utilizando a medida auto relatada de aculturação (Celenk & van de Vijver, 2011, p. 6). Mais que uma metade das medidas (54%) incluíam uma única escala para medir vários aspectos da aculturação (por exemplo, Índice de Aculturação;

Ward & Rana-Deuba, 1999). Os restantes 46% são constituídas por duas ou mais subescalas, como as subescalas da cultura de origem e de hospedeiro do Índice de Aculturação de Vancouver (Ryder et al., 2000) (Celenk & van de Vijver, 2011, p. 7).

Uma primeira tendência na pesquisa de aculturação foi a substituição de uma abordagem unidimensional por um modelo bidimensional da aculturação, que é hoje em dia é aceitado como mais adequado (Ryder et al., 2000). O modelo bidimensional argumenta que sua filiação à cultura de origem e a cultura dominante acontece de forma independente ou ortogonal (Costigan & Su, 2004), permitindo assim que as características das duas culturas coexistam no repertório de comportamento, atitudes, crenças e múltiplas identidades do indivíduo.

Críticas

A principal crítica em relação a essas abordagens é que a maioria (60.9%) dos estudos são direcionados para um grupo étnico ou cultural específico (Celenk & van de Vijver, 2011, p. 6), como o Acculturation Scale for Mexican-Americans (Cuellar, Harris, & Jasso, 1980) e a Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (Nguyen & von Eye, 2002), fato que reduz a capacidade de reutilização do modelo com imigrantes de outras etnias e culturas. O que é preciso é um modelo holístico para desenvolver uma escala multidimensional que pode avaliar aculturação em diferentes contextos. Este modelo é o modelo AQAL (All Quadrants, All Lines¹) na Figura 1, da teoria Integral (Wilber, 1999).

O Modelo AQAL

O modelo AQAL se tornou popular pelo filósofo norte-americano Ken Wilber (1999), que concluiu que as centenas de sistemas e modelos de potencial humano, por ele

¹ Todos os quadrantes, todas as linhas.

examinadas, poderiam ser reduzidos em cinco elementos simples: quadrantes, etapas, linhas, estados e tipos. Representados como um mapa, os quatro quadrantes AQAL são as abreviações de “todos os quadrantes, todos os níveis”, que representam “todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos”, que são cinco dos mais básicos elementos que devem ser incluídos em qualquer abordagem verdadeiramente Integral, que explora os elementos internos e externos de qualquer fenômeno.

O esquema ontológico na Figura 1 é uma estrutura bidimensional de uma dimensão interior-exterior e uma dimensão individual-coletiva. O eixo horizontal representa a dimensão interior-exterior que corresponde à experiência subjetiva / reflexiva em relação à realidade objetiva ou baseada no comportamento. O eixo vertical mostra a dimensão individual-coletiva, que se refere à relação da experiência de auto agência e da comunidade. Os eixos dividem o sistema em quatro quadrantes do esquema ontológico de Wilber (1999). A Teoria Integral permite uma comparação entre o desenvolvimento em diferentes domínios, dentro ou entre quadrantes. Deste modo, são descritos os quatro domínios fundamentais do desenvolvimento humano.

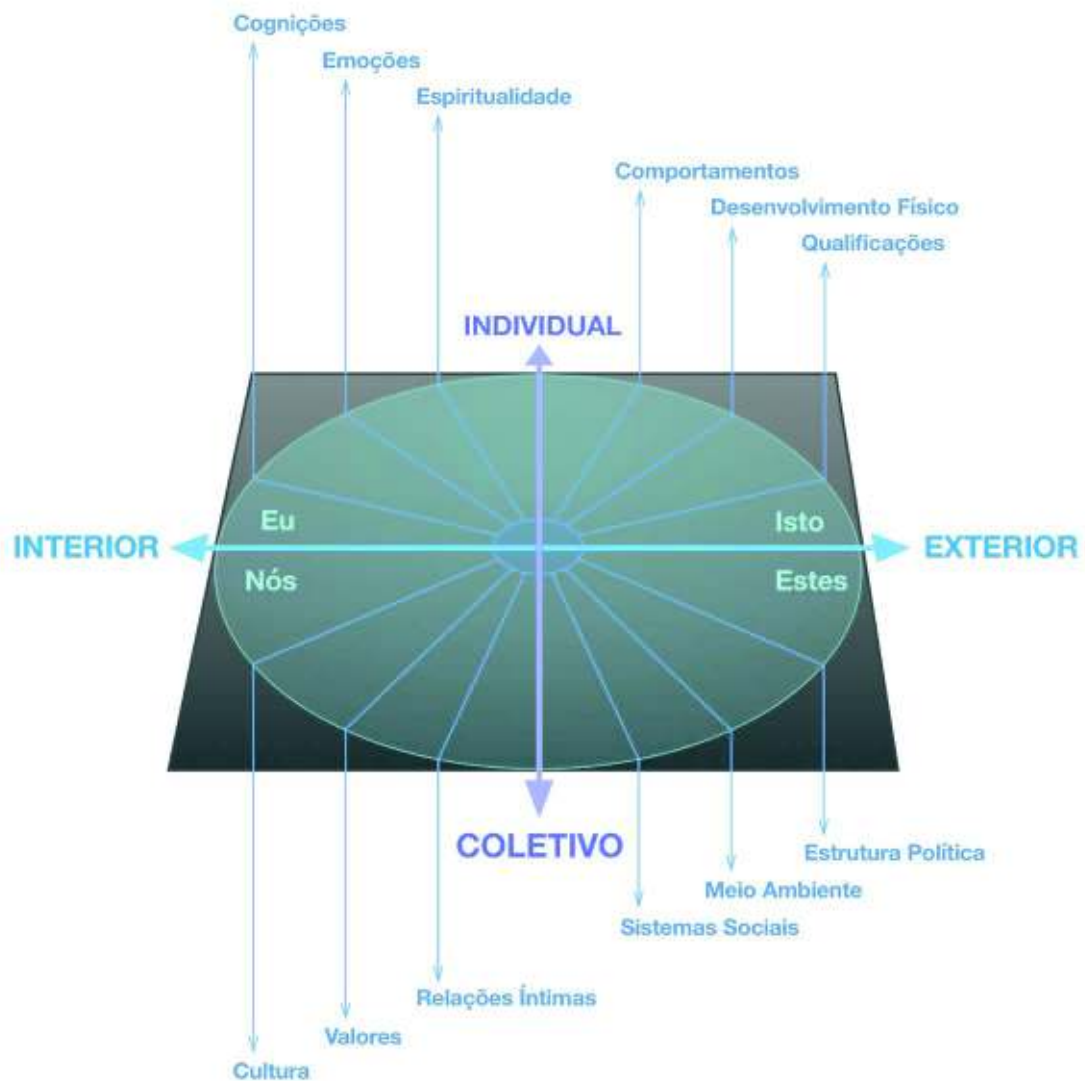


Figura 1. Modelo AQAL: Algumas linhas nos quatro quadrantes. Adaptado de

http://www.kenwilber.com/Writings/PDF/IntroductiontotheIntegralApproach_GENERAL_2005_NN.pdf. Copyright 2005 por Ken Wilber. Reproduzido com permissão.

Dentro de cada quadrante existem linhas e níveis de desenvolvimento. As linhas em cada quadrante representam manifestações diferentes do conceito. Por exemplo, no quadrante esquerdo inferior, “Nos” pode ter linhas das culturas diferentes na vida da pessoa em questão, e no quadrante esquerdo superior, as linhas de desenvolvimento descrevem os vários tipos de inteligência (cognitiva, emocional, musical, cenestésica, etc.) que podem crescer e se desenvolver através dos estágios. As pessoas geralmente desenvolvem melhor algumas inteligências do que outras. Os principais estados de consciência são: vigília, sonho e sono profundo; outros estados incluem: estados meditativos, estados alterados (por exemplo, induzido por drogas) e as experiências de pico. Ao contrário das etapas que, uma vez atingidas, resistem mudanças, os estados são temporários e alternantes. “Tipos” referem-se as características que podem estar presentes em praticamente qualquer estágio ou estado.

Os níveis do lado esquerdo (da perspectiva interior) dos quadrantes existem níveis de profundidade e do lado direito (da perspectiva exterior) dos quadrantes existem níveis de complexidade. A inclusão de níveis é importante porque eles nos permitem apreciar as realidades associadas a cada quadrante. Os níveis em cada quadrante demonstram uma “holarquia”, que é uma espécie de hierarquia em que cada novo nível transcende os limites dos níveis anteriores, mas inclui os aspectos essenciais desses mesmos níveis. Como resultado, cada nível de complexidade ou profundidade é ao mesmo tempo uma parte de uma estrutura maior, e toda uma estrutura em si e por si, que é capaz de medir o fenômeno de aculturação de forma integral. A hipótese proposta é:

H₁. Uma escala que inclua as quatro dimensões do modelo AQAL pode atender às necessidades da abordagem Integral e agregar os fatores de aculturação em uma única medida.

1.5 Construção do instrumento

A avaliação de aculturação é principalmente medida pelo questionário, com várias perguntas em relação a vida do participante. O questionário incluiu fatores previamente definidos como importantes por outros estudos de aculturação (Kim, 1977; Nagata, 1994; Birman, Trickett, & Vinokurov, 2002; Gannon, 2004; e Flores & Kalher, 2010, entre outros), bem como as questões que fazem referência às estratégias de aculturação, e resultados que foram definidos no passado por proeminentes pesquisadores de aculturação (Berry, 2003). Em sua grande revisão da pesquisa sobre aculturação, Flores e Kalher (2010) demonstraram que o processo é influenciado pelos seguintes dez fatores: apoio social, a razão para a emigração, a motivação, idade, educação, distância cultural, a atitude da cultura hospedeira, o racismo, a geração, e a língua. De todos esses fatores, verificou-se que três fatores específicos ajuda imigrantes a terem sucesso no processo de aculturação. Estes fatores são: a seleção de uma estratégia de aculturação, a linguagem, e apoio social. Esta pesquisa incluiu questões sobre estes fatores no IAI.

Nas pesquisas de aculturação, três formatos de perguntas têm sido utilizados, que consistem de um, dois, ou quatro questões (van de Vijver, 2001). O formato de uma questão tipicamente requer uma escolha forçada entre a valorização da cultura étnica, a cultura hospedeira, ambas as culturas, ou nenhuma delas (por exemplo, a Cultural Integration-Separation (CIS) index; Ward & Kennedy, 1992). O formato de dois questões pede classificações separadas de importância, da manutenção da cultura étnica e da adaptação à cultura de hospedeira (por exemplo, a Acculturation in Context Measure (ACM) pelo Phalet e Swyngedouw, 2003). O formato de quatro questões solicita classificações de acordo com quatro declarações, representando as estratégias de integração, assimilação, separação e

marginalização (por exemplo, a Acculturation Attitudes Scale; Sam & Berry, 1995; a AAS foi adaptada para crianças por van de Vijver, Helms-Lorenz, & Feltzer, 1999). Os formatos de e dois e quatro perguntas discriminam entre a estratégia de integração e as outras estratégias menos adaptáveis (Arends-Tóth & van de Vijver, 2003; Van den Reek, 1998). Por exemplo, a medida ACM faz duas perguntas, semelhante às duas perguntas de Berry: “Você acha que [os turcos nos Países Baixos] devem manter a cultura [turca] (4) completamente (3), na sua maioria, (2) apenas em parte, ou (1) não manter?” e “Você acha que [os turcos nos Países Baixos] devem adaptar-se à cultura [holandesa] (4) completamente (3), na sua maioria, (2) apenas em parte, ou (1) não manter?” Em apoio da validade externa do formato de duas questões, as atitudes de adaptação e de manutenção da cultura original mostrou relações funcionais com o prazo de residência, a educação, os valores de coletivismo e individualismo, a integridade da família, a motivação de realização, e as estratégias de mobilidade em duas amostras de minorias paralelas e países hospedeiros, que foram esperados (Phalet & Swyngedouw, 2003). Este tipo de pergunta foi empregado no IAI, e também perguntas de forma aberta e qualitativa.

Para abordar o uso da linguagem dos participantes, dois tipos de perguntas, sobre frequência e proficiência, foram utilizados. Embora as questões no formato de frequência não estejam limitadas ao uso de linguagem e acomodam uma ampla gama de comportamentos culturais, as questões de proficiência são exclusivamente empregadas para avaliar a proficiência no idioma (Kang, 2006). Todas as outras variáveis foram avaliadas utilizando a escala Likert, solicitando-se ao participante que classificasse cada frase em termos de quão fortemente ele concorda ou discorda dela, na medida em que cada frase é verdadeira para ele.

O questionário Intake de Aculturação Integral está disponível em Anexo A. Em seguida, apresentamos alguns exemplos de perguntas de formato de proficiência e endosso:

- Formato de Proficiência: “How fluently do you speak and understand Portuguese?”
- Formato de Endosso: “Would you be willing to marry a Brazilian person?”

Método

Para a consecução dos objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa seguindo a orientação qualitativa. Como um construto multidimensional, é necessário que se avalie a aculturação com instrumentos que meçam diferentes partes desse processo. Segundo Mariño, Stuart e Minas (2000), isso pode ser realizado utilizando o conjunto de itens tratados como universalmente aplicáveis, a partir do qual são obtidas medidas específicas, selecionando os itens que melhor discriminam entre as duas culturas, no formato de questionário.

Participantes

A população deste estudo consistiu de imigrantes no Brasil. A unidade de análise foi o imigrante individual. Os participantes foram contatados pelos grupos de estrangeiros nas redes sociais. Um grupo particular foi criado em uma rede social, que atualmente tem 38 participantes estrangeiros que moram no Brasil. Para estudos fenomenológicos, Creswell (1998) recomenda cinco a 25 participantes, e Morse (1994) sugere pelo menos seis. O número final de participantes foi definido após a coleta de todos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, que resultou em 13 participantes, que completaram o IAI em inglês.

A intenção na composição da amostra foi representar as diferentes denominações étnicas de imigrantes no Brasil. Este estudo contou com a participação de pessoas de vários países, com participantes da Bélgica (1), Canadá (1), República Checa (1), Inglaterra (3), Holanda (1), Hungria (1), Irlanda (2), Portugal (1) e os Estados Unidos (2). Vários

participantes também tinham morados na Argentina, na Inglaterra, na França, em várias cidades do Reino Unido, no Qatar (EAU), nos Estados Unidos e na Nova Zelândia.

No momento da sua participação, todos os participantes tinham entre 20 e 50 anos de idade, com 46,2% (6) dos participantes do sexo feminino e 53,8% (7) participantes do sexo masculino. Todos os participantes eram alfabetizados, e fluente no idioma inglês, que foi a língua escolhida para a formulação do questionário. A amostra foi composta de estrangeiros que tinham morado no Brasil por um período de pelo menos 6 meses consecutivos antes da começa do primeiro estudo da pesquisa. A maioria dos participantes alocaram-se em dois grupos; 30,8% (4) dos participantes tinham vivido no Brasil de dois até cinco anos, e o outro grupo (também 30,8%; quatro participantes) morou no Brasil por 10 anos ou mais. As principais razões citadas para a sua mudança para o Brasil foram relacionamento e emprego, medindo respectivamente 38,5% (5) das respostas dos participantes para cada grupo. Do total de participantes, 69,2% (9) disseram que foram pessoalmente responsáveis pela decisão de se mudar para o Brasil, e 61,5% (8) dos participantes disseram que tinham a intenção de permanecer no Brasil. Oito dos participantes foram da primeira geração de suas famílias a viver no Brasil, e um participante foi da segunda geração e demonstrou assimilação completa da cultura e da religião brasileira, e providenciou uma boa comparação para as respostas dos outros participantes.

Procedimentos

Este estudo consistiu de um questionário eletrônico que foi distribuído on-line, e disponibilizado através de um link postado na página do grupo de participantes de uma rede social. Os participantes foram convidados a preencher um Termos de Consentimento Livre e Esclarecido online para participar no estudo. Depois de aceitar os termos, eles foram

direcionados para o questionário, que foi criado usando o Google Forms. O questionário permaneceu aberto por um período de dois meses. Incentivos não foram fornecidos para preencher o questionário.

Instrumento

O IAI questionário consiste de 162 perguntas, que foram divididos em quatro seções com base nos quatro quadrantes do modelo AQAL integral, (Cultura: Interior coletivo, Sistemas Sociais: Exterior coletivo, Experiência: Individual-Interior e Comportamento: Individual-Exterior), e uma seção para abordar especificamente as questões demográficas relacionadas com a aculturação e fornecer dados descritivos para a amostra. Na parte demográfica, há quinze perguntas sobre o gênero, a nacionalidade, cidadanias adicionais, endereço atual, tempo no Brasil, a motivação de imigração, a idade de imigração, a língua nativa, e a alfabetização. Nas outras quatro seções, 70 perguntas são de escala Likert de cinco pontos (de não muito até muito, de não muito bem para muito bem, de muito pior para muito melhor, de negativo para positivo, e de descordo fortemente para acordo fortemente, dependendo da parte do intake), 48 de pergunta aberta, e 44 de escolha múltipla. Alguns exemplos dos itens são os seguintes:

- In general, how comfortable are you in social situations with those from your heritage culture?
- In general, how comfortable are you in social situations with Brazilians?
- Have you ever been the victim of any form of prejudice or discrimination (racial, gender, etc.) or felt that you were disadvantaged in terms of power and privilege in society?
- Has this prejudice, discrimination and/or disadvantage occurred since you immigrated

to Brazil?

- In the Brazilian culture, people tend to reveal thoughts and emotions to others rather than keeping them private.
- In my heritage culture, people tend to reveal thoughts and emotions to others rather than keeping them private.
- Has your standard of living improved since you moved to Brazil?

Análise

Para obter os fatores que serão avaliados no Intake de Aculturação Integral, este estudo seguiu exemplo oferecido pela maioria dos estudos de aculturação e utilizou a análise fatorial exploratória. Quando todas as respostas dos participantes foram recolhidas, os dados foram codificados manualmente, com a ajuda do software de análise Dedoose. Os dois tipos de dados, qualitativos e demográficos, foram recolhidos e analisados usando a frequência de código para a informação qualitativa, e as relações descritivas para a informação demográfica.

O processo de codificação descritivo seguiu os princípios elaborados no artigo de Nicholas Hedlund-de Witt (2013), “Codificação: uma visão geral e guia para a análise qualitativa de dados para pesquisadores Integrais”. Os códigos foram divididos em quatro quadrantes do modelo AQAL (dados psicológicos no quadrante esquerdo superior, dados comportamentais no quadrante direito superior, dados culturais no quadrante inferior esquerdo, e dados sistêmicos no quadrante direito inferior), processo que é conhecido na pesquisa integral como análise quadrante (Fuhs, 2008). Códigos foram adicionados quando necessário, baseado nas respostas dos participantes, utilizando um método de codificação indutiva para gerar os códigos iniciais no primeiro ciclo de codificação. Em seguida, estes

códigos foram estruturados dedutivamente em categorias, e depois as categorias em temas no segundo ciclo de codificação e análise dos dados. O segundo ciclo de codificação envolveu a reorganização e reanálise dos dados codificados por meio dos métodos do primeiro ciclo, para que as inter-relações entre vários códigos e categorias pudessem ser descobertas.

Resultados

O foco deste estudo foi encontrar pontos em comum, que os imigrantes consideram importantes em suas vidas e em suas experiências com a aculturação. Algumas descobertas originais foram reveladas nos resultados e demonstram a experiência específico de aculturação de um imigrante no Brasil. Todos os participantes se identificaram como “Branco”, destes 44% (3) disseram ter sido submetidos ao preconceito ou discriminação (racial, de gênero, etc.) ou se sentido em desvantagem em termos de poder e privilégio na sociedade, e dois disseram que tinham esta experiência desde que moravam no Brasil. 76,9% (10) dos participantes estavam empregadas, porém 69,2% (7) disseram que sua condição socioeconômica não tinha melhorado desde que se mudaram para o Brasil. Apesar destes resultados, todos os participantes disseram que estavam interessados em fazer amigos brasileiros, e também casar com uma pessoa brasileira. A maioria dos participantes escolheu o estilo de aculturação “Integração”, que reflete os resultados de outros estudos, e é considerada o estilo de aculturação mais adaptativo (Berry, 1997).

De todos os fatores considerados importantes neste estudo, os códigos que mais se destacaram foram os seguintes:

- No quadrante “I/EU” (esquerdo superior): emoções, linguagem, lazer, planos para o futuro, as crenças, a resposta ao estresse, a religião e adaptação;

- No quadrante “IT/ISTO” (direito superior): saúde, meio ambiente, habitação, sono, segurança, hábitos alimentares, bairro;
- No quadrante “ITS/ESTES” (direito inferior): trabalho, emprego e participação ambiental;
- No quadrante “WE/NOS” (esquerdo inferior): familiar, social, apoio social, amigos, relacionamento, cultura, mãe, pai, eventos sociais, irmã, filho, e ambas as culturas.

Os códigos “colega de trabalho”, “trabalho”, “renda”, “habitação”, “emprego”, “dinheiro” e “política” foram encontrados mais frequentemente entre os homens, enquanto as mulheres dominaram nos códigos “a educação dos filhos”, “educação”, “família”, “segurança”, “escola” e “sono”. Alguns desses fatores descobertos foram encontrados por outros pesquisadores e são considerados fatores primordiais na aculturação. Linguagem, por exemplo, é um dos fatores que foi encontrado por vários pesquisadores (Kim, 1977; Birman, et al., 2002; e Flores & Kalher, 2010). Cultura foi incluída como um fator importante no World Values Survey (Wave 6, 2010-2014), ao lado de meio ambiente, família, relacionamento, religião e trabalho. Família também foi revelado como um fator importante por outros investigadores, como Gannon (2004). Nagata (1994) verificou os encontros sociais e o bairro (particularmente a sua composição étnica) como fatores importantes, juntamente com a correspondência e as conversas telefônicas diárias com amigos. Flores e Kalher (2010) descobriram o fator de apoio social importante no processo de aculturação.

Discussão

Em estudos anteriores (Aycan & Berry, 1996; Ward & Searle, 1991), a adaptação psicológica dos imigrantes tem sido relacionada com uma série de variáveis exógenas, tais

como o tempo de residência, estatuto geracional, educação, domínio da linguagem, a desvantagem social e distância cultural. Porém, há poucos estudos sobre as diferenças individuais em termos de determinantes cognitivos, emocionais e motivacionais de aculturação. Este estudo levou em consideração essas diferenças individuais, que a avaliação psicológica de aculturação deveria medir. Somente com análises rigorosas os fatores universais que influenciam e caracterizam o processo de aculturação serão identificados. Tanto a psicologia como profissão, bem como a natureza multicultural do mundo na atualidade exigem níveis mais precisos e eficazes de avaliação e intervenções. Este é um tema importante para futuras pesquisas no campo psicológico. É importante para a qualidade da prestação de serviços que os psicólogos considerem a heterogeneidade cultural como um fator importante, e se especializem para lidarem com essa realidade de uma forma profissional, pois é provável que, no futuro, intensifique-se, ainda mais, a mobilidade de trabalhadores e da migração das últimas décadas.

Referências

- Alto Comissaria do das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). (n.d.). Dados sobre refúgio no Brasil. Retrieved from:
<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>
- Arends-Tóth, J. V., & van de Vijver, F. J. R. (2003). Multiculturalism and acculturation: Views of Dutch and Turkish-Dutch. *European Journal of Social Psychology*, 33, 249-266.
- Aycan, Z., & Berry, J. W. (1996). Impact of employment-related experiences on immigrants' psychological well-being and adaptation to Canada. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 28, 240 – 251.
- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69–85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5–34.
- Berry, J. W. (2003). Conceptual approaches to acculturation. In K. M. Chun, P. B. Organista, & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement and applied research* (pp. 17–37). Washington, DC: American Psychological Association.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 697-712.

- Berry, J. W., Trimble, J., & Olmedo, E. (1986). Assessment of acculturation. In Lonner, W.J. & Berry, J. W. (Eds.): *Field Methods in Cross-Cultural Research*. (pp 291-349). Beverly Hills: SAGE Publication Ltd.
- Birman, D., Trickett, E. J., & Vinokurov, A. (2002). Acculturation and adaptation of Soviet Jewish refugee adolescents: Predictors of adjustment across life domains. *American Journal of Community Psychology*, 30(5), 585-607.
- Cabassa, L. J. (2003). Measuring acculturation: Where we are and where we need to go. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25, 127-146.
- Celenk, O., & van de Vijver, F. (2011). Assessment of Acculturation: Issues and Overview of Measures. *Online Readings in Psychology and Culture*, 8(1).
- Costigan, C. L., & Su, T. (2004). Orthogonal versus linear models of acculturation among immigrant Chinese Canadians: A comparison of mothers, fathers, and children. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 518-527.
- Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Cuellar, I., Arnold, B., & González, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology*. 23:339–355.
- Cuellar, I., Harris, L. C., & Jasso, R. (1980). An acculturation scale for Mexican American normal and clinical populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 2, 199-217.
- Dana, R. H. (1996). Assessment of acculturation in Hispanic populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 18, 317-328.

- Dawson, E., Crano, W., & Burgoon, M. (1996). Refining the meaning and measurement of acculturation: Revisiting a novel methodological approach. *Intercultural Relations*, 20:97–114.
- Flannery, W. P., Reise, S. P., & Yu, J. (2001). A comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1035-1045.
- Flores, T., & Kalher, J. (2010). *An acculturation manual for school psychologists and school counselors*. California State University, Sacramento.
- Fuhs, C. (2008). "Towards a Vision of Integral Leadership: A Quadrivial Analysis of Eight Leadership Books." *Journal of integral Theory and Practice*, 3(1).
- Gannon, M. J. (2004). *Understanding global cultures*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ginsberg, A. M., & Goioelli, M. M. (1979). A Comparative Study of Acculturation and Adaptation of Descendants of Japanese Born in Brazil (Nissei) Compared with Japanese and Brazilians. *Human Development*, 22(5), 340-357.
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a triethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*, 23:336-350.
- Hedlund, N. (2013). *Coding: An Overview and Guide to Qualitative Data Analysis for Integral Researchers*. Integral Research Center Resource Paper. Disponível em: http://www.academia.edu/9864164/Coding_An_Overview_and_Guide_to_Qualitative_Data_Analysis_for_Integral_Researchers.
- Herskovits, M. J. (1958). *Acculturation: The study of culture contact*. Gloucester, MA: Peter Smith.
- Izumi, P. T. (2010). *Envelhecimento e ethnicidade: o processo de aculturação dos imigrantes japoneses*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua,

- Literatura e Cultura Japonesa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.
- Kang, S. M. (2006). Measurement of acculturation, scale formats, and language competence: Their implications for adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 37*, 669–693.
- Kim, Y. Y. (1977). Communication patterns of foreign immigrants in the process of acculturation. *Human Communication Research, 2*, 127-224.
- Lara, M., Gamboa, C., Kahramanian, M. I., Morales, L. S., Hayes Bautista, D. E. (2005). Acculturation and Latino health in the United States: A review of the literature and its sociopolitical context. *Annual Review of Public Health, 26*:367–397.
- Llajaruna, G. H. (2002). Adolescentes peruanos em São Paulo:. In: Simpósio Internacional em Psicologia, 2003, São Paulo. Simpósio Internacional:. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mariño, R., Stuart, G. W., & Minas, I. H. (2000). Acculturation of values and behavior: A study of Vietnamese immigrants. *Measurement & Evaluation in Counseling & Development, 33(1)*, 21–41.
- Morse, J. M. (1994). Designing funded qualitative research. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S., *Handbook of qualitative research* (2nd Ed). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Nagata, D. (1994). Assessing Asian American acculturation and ethnic identity: The need for a multidimensional framework. *Asian American and Pacific Islander Journal of Health, 2 (2)*, 109–124.
- Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). “Relative Acculturation Extended Model (RAEM): New contributions with regard to

- the study of acculturation". *International Journal of Intercultural Relations*, 29 (1): 28–29.
- Nguyen, H. H., & Von Eye, A. (2002). The Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (ASVA): A bidimensional perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 202-213.
- Perez-Escamilla, R., Putnik, P. (2007). The role of acculturation in nutrition, lifestyle, and incidence of type 2 diabetes among Latinos. *Journal of Nutrition*, 137:860–870.
- Phalet, K., & Swyngedouw, M. (2003). A cross-cultural analysis of immigrant and host values and acculturation orientations. In H. Vinken, & P. Ester (Eds.), *Comparing cultures* (pp. 185–212). Leiden: Brill.
- Phinney, J. W., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57, 493-510.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149–152.
- Rudmin, F. W. (2003). Catalogue of acculturation constructs: Descriptions of 126 taxonomies, 1918 - 2003. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online readings in psychology and culture*. Bellingham, WA: Center for Cross- Debate about Acculturation 90 Cultural Research, Western Washington University. Retrieved 4 Julho 2015 from <http://www.ac.wvu.edu/~culture/rudmin.htm>.
- Ryder, A. G., Alden, L. E., & Paulhus, D. L. (2000). Is acculturation unidimensional or bidimensional? A head-to-head comparison in the prediction of personality, self-identity, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 49-65.

- Sam, D., & Berry, J. (1995). Acculturation stress among young immigrants in Norway. *Scandinavian Journal of Psychology*, 36, 10-24.
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The Polish peasant in Europe and America*. New York: Dover.
- Ueno, L. (2008). *Migrantes em Trânsito entre Brasil e Japão: uma Intervenção Psicossocial no Retorno*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da USP.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*.
- Van den Reek, E. W. A. (1998). *Intergenerationeel onderzoek naar de acculturatiestrategieën van Turken in Nederland [Intergenerational study of acculturation strategies among Turks in the Netherlands]*. Doctoral thesis. Tilburg: Tilburg University.
- van de Vijver, F. J. R. (2001). *Psychologie en de multiculturele samenleving [Psychology and the multicultural society]*. Tilburg: Tilburg University.
- van de Vijver, F. J. R., Helms-Lorenz, M., & Feltzer, M. F. (1999). Acculturation and cognitive performance of migrant children in the Netherlands. *International Journal of Psychology*, 34, 149–162.
- Vedana, S. N., & Silveira, T. (2010). *Viver no Exterior e Voltar para o Brasil: Uma Análise do Processo de Aclturação e de Readaptação de Consumidores Brasileiros*. In: IV Encontro de Marketing da Anpad, 2010, Florianópolis. IV Encontro de Marketing da Anpad.
- Ward, C., & Rana-Deuba, A. (1999). Acculturation and adaptation revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30(4), 422-442.

Ward, C., & Searle, W. (1991). The impact of value discrepancies and cultural identity on psychological and sociocultural adjustment of sojourners. *International Journal of Intercultural Relations*, 15, 209-225.

Wilber, K. (1999). *The Collected Works, Volume 3*. Boston: Shambhala.

Wilber, K. (2005). *Introduction to the Integral Approach (and the AQAL Map)* [Figure].

Retirado de

http://www.kenwilber.com/Writings/PDF/IntroductiontotheIntegralApproach_GENERAL_2005_NN.pdf.

CAPÍTULO 3

Evidence of Validity for the Integral Acculturation Scale

Abstract

The purpose of this study was to develop and validate the Integral Acculturation Scale (IAS), a new short index and scale created specifically to assess acculturation in immigrants. The IAS is intended to be a multidimensional acculturation index applicable to immigrants, regardless of their origin, and so that standardized comparisons can be made between different groups of immigrants. The study consisted of two parts, starting with a pilot test with its own questionnaire (the Integral Acculturation Inventory) implemented and analyzed, and the main quantitative research study, which tested 282 immigrant participants on their level of acculturation, using the Integral Acculturation Scale. Based on the results of confirmatory factor analysis on the index data, a unifactorial 10-item scale and structural equation model were constructed and validated to measure acculturation, as predicted. The model and scale, based on the AQAL model from Integral Theory, were both proven to have construct validity and invariance across gender groups, as well as convergent validity with the results of the Satisfaction with Life Scale. The result is a provides evidence of validity and reliability as a measure of acculturation level in immigrants.

Keywords: Acculturation, Immigrants, Scale development, Cross-cultural research

Evidence of Validity for the Integral Acculturation Scale and Model

Measuring acculturative change is of great importance in today's rapidly changing world. Since the 1990s, there has been a large increase in international migration. Per the United Nations (2016) report, "Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision", the number of migrants and international refugees has reached 244 million, a 41 percent increase since 2000. This figure includes almost 20 million refugees (United Nations, 2016). From a practical standpoint, it has become imperative to understand how to integrate people from very different cultures into a functioning whole, be it in the community, in the workplace, or in school. This question lays at the basis of this research, to determine how to measure the elements that compose this complex process, and create a scale to evaluate the acculturation level in immigrants.

This article has four parts. The first is a review of the literature regarding prominent acculturation models used to measure acculturation, and an overview of Integral theory (Wilber, 1999). Following this, the research methodology of this study is presented, and the hypothesis testing is discussed. Next, the findings are discussed and summarized. In closing, limitations and future research considerations are addressed.

Literature Review

The difficulties of adaptation and acculturation experienced by both immigrants and those living in their respective host countries have been the subject of much research in the fields of anthropology, sociology and psychology over the last century. Acculturation, defined as the multidimensional process of change that occurs when individuals from different cultural groups come in continuous contact (Berry, 1980) involves changes at the level of the individual and the group (Graves, 1967). At the individual level, the differences

that acculturation brings are seen in changes in everyday behavior, changes in health (Lara, Gamboa, Kahramanian, Morales, & Hayes Bautista, 2005, p. 374; Berry, 1992, p. 2), and psychological well-being (Phinney, Horenczyk, Liebkind, & Vedder, 2001, pp. 501-502; Berry, 1992, p. 2). Changes at the level of the group are reflected in the changes of culture, customs, and observed in the adoption of the food, language, and clothing of the dominant culture. According to the research (Berry, 2005, p. 704), the adoption of the acculturation strategy “Integration”, where the immigrant seeks to participate in the culture of the host country, while maintaining their culture of origin, is the most promising to facilitate the process of acculturation (Berry, 2005, p. 709). It has been suggested that both immigrants and receiving societies should pursue the principle of integration (also referred to as *biculturalism*; Benet-Martinez & Haritatos, 2005; Schwartz et al., 2015; Sibley & Ward, 2013) in which the immigrant incorporates components from both home and host cultures into his/her identity (Mahmud & Schölmerich, 2011). However, for this strategy to be freely chosen, the dominant society needs to encourage an open and inclusive approach to cultural diversity (Berry, 1997, p. 10), and be prepared to adapt its national institutions (such as education, health care and labor) to meet the needs of all groups in a plural society (Berry, 2005, p. 706). This requires a “mutual accommodation” involving acceptance by both groups of the right of all groups to live as culturally different peoples (Berry, 2005, p. 705).

Acculturation models

Since the process of acculturation involves a variety of dimensions to consider, a large number of models, from uni to multi-dimensional (Costigan & Su, 2004; Berry, Trimble, & Olmedo, 1986; Cabassa, 2003; Navas, García, Sánchez, Rojas, Pumares, & Fernández, 2005; Flannery, Reise, & Yu, 2001), have been developed to assess acculturation. A majority of the

models include a single scale to measure various aspects of acculturation (e.g., Acculturation Index, Ward & Rana-Deuba, 1999). The remainder are made up of two or more subscales, such as the subscales of the culture of origin and dominant culture in the Vancouver Acculturation Index (Ryder, Alden, & Paulhus, 2000; Celenk & van de Vijver, 2011, p. 7). Regardless of the approach, what is being measured is the degree to which an individual is associated with each of the dominant and heritage cultures. The challenge is to construct evaluative tools that measure not only sociocultural behaviors but the conditions, orientations, and outcomes of acculturation on the immigrant side as well as the host country side, so that interrelationships between groups can be considered.

The most complete models consider the changes that occur at both group and individual levels in both interacting groups, as with the Contextual Acculturation Model (ACM, Phalet & Swyngedouw, 2003), among others (Birman, 1994; Birman, Trickett, & Vinokurov, 2002; Bourhis, Moise, Perreault, & Senecal, 1997; Montreuil & Bourhis, 2004). In the contextual acculturation model (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 222), acculturation orientations are simultaneously influenced by the ethnic community and the host society. Context may also change the type of acculturation strategy chosen, known as domain specificity. An example is a choice of different acculturation strategies in the public domain (cultural adoption preference) and private domain (cultural maintenance preference) (Arends-Töth & van de Vijver, 2003; Snauwaert, Soenens, Vanbeselaere, & Boen, 2003). One study supporting this theory is a Dutch pilot study that demonstrated the expected pattern of group and context effects, with the Turkish and Moroccan minority and host communities both attaching more importance to maintaining their cultures of origin in private contexts than in public contexts (Phalet & Swyngedouw, 2003). Given the dependence of acculturation

strategies on context, the alternation of ethnic culture maintenance in the private domain, with cross-cultural adaptation in the public domain may be the most adaptive pattern (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 223), and may reduce acculturative stress as a result.

1.1. Bi-dimensional model. The major trend in acculturation research has been the replacement of a unidimensional model with a bi-dimensional model of acculturation, which is due to support for the existence of two basic dimensions (Ryder, et al., 2000). Of the various bi-dimensional models of acculturation (Cortés, Rogler, & Malgady, 1994; Cuellar, Arnold, & González, 1995; Félix-Ortiz, Newcomb, & Myers, 1994; Mendoza, 1989; Stephenson, 2000; and Tsai, Ying, & Lee, 2000), Berry's model is one of the best known and best supported by scientific evidence. Berry and Kim (1988) criticized Gordon's (1964) model of assimilation for being "unicultural" and for having undertaken a linear process of assimilation, whose ultimate goal is to absorb the group of immigrants into the dominant group of the host society. Berry's bi-dimensional model argues that one's affiliation to their culture of origin and the dominant culture (dimensions of adoption and maintenance) occurs independently (Costigan & Su, 2004), thus allowing for the two cultures to coexist in the areas of behavior, attitudes, beliefs and multiple identities of the individual.

The two dimensions in the process of acculturation that Berry (1997, p. 9) introduced are "cultural maintenance" and "contact and participation", or cultural adoption. Cultural maintenance refers to the extent that the native cultural identity and characteristics are considered important, and their maintenance strived for (Berry, 1997, p. 9). "Contact and participation" refers to the extent the immigrants should become involved in other cultural groups, or remain primarily among themselves (Berry, 1997, p. 9). In Berry's model of acculturation (1980), individuals and groups may adopt four distinct acculturation strategies

towards the new culture: assimilation, separation, marginalization or integration, based on their answers to the two-dimensional questions: (1) Is it desirable to maintain a heritage culture? (2) Is it desirable to have or maintain positive relationships with other groups in society? An affirmative answer to the two questions above is defined as integration, which occurs when the individual adopts to the cultural norms of the dominant culture and interacts with members of the host society, meanwhile maintaining his/culture of origin. Separation is identified by a combination of a positive answer to the first question and a negative answer to the second question, which means that the individual rejects the dominant culture in favor of preserving their culture of origin, and does not seek contact with other cultural groups, especially those of the host society. The combination of a negative answer to the first question and an affirmative answer to the second question describes assimilation, which occurs when the individual adopts the cultural norms of the new culture, seeks interaction with members of the host society, and does not maintain their original cultural heritage. Finally, two negative answers to both questions indicate marginalization, which means that the individual rejects both their culture of origin and the culture of the host society.

There is a relationship between how people choose to acculturate and how they adapt to a new environment (Bornstein & Cote, 2006). Although there are several ways to adapt to acculturation, in terms of successful adaptation and psychological health, Berry (1980) concluded that the integration strategy seems to produce the best adaptation results, and the marginalization strategy is related to the worst level of adaptation. The other two strategies suggested by Berry (1980), separation and assimilation, are associated with intermediate adaptation results. A meta-analysis of 40 studies showed that integration had, in fact, a significantly positive relationship with psychological and sociocultural adaptation (Nguyen &

Benet-Martínez, 2007). Integration was found in other studies to be the most adaptive acculturation style (Berry, 1997).

Of course, the degree of ease versus difficulty involved in integrating one's heritage and receiving cultures is, at least in part, determined by the degree of similarity (actual or perceived) between the heritage and receiving cultures (Rudmin, 2003). Berry (1980) has described that the different political realities existing in host societies may lead to different acculturation results. For example, societies with multicultural policies tend to have more positive acculturation results than unicultural societies that deny immigrants the option of integration. Perceptions of the host society toward the immigrant group are likely to affect the immigrant in redefining his social identity and the way in which he chooses to acculturate (Padilla & Perez, 2003). Moreover, the degree of ease in integrating personal cultural heritage and the ability to adapt to new cultures are, at least in part, determined by the degree of similarity (real or perceived) of one's heritage culture, and the society that receives it, where language plays an important role (Rudmin, 2003).

Berry's (2001) model of acculturation includes four types of acculturation strategies adopted by the host culture: multiculturalism, melting pot, segregation and exclusion. With multiculturalism, the society values and fosters cultural diversity. Melting pot signifies that the society seeks assimilation. In segregated societies, the host society forces separation. With exclusion, the society imposes marginalization. Although Berry's (1980) model is only one of several "multiple-choice" perspectives (see also LaFromboise, Coleman, & Gerton, 1993; Sayegh & Lasry, 1993) and bidimensional acculturation models (Phinney, 1990; Bourhis et al., 1997), it is certainly one of the most influential, and perhaps the most

prominent theory of acculturation and international emigration in the literature of the social sciences today.

The main criticisms regarding these two approaches (Rudmin, 2003, 2009) are mainly that these studies are directed towards a specific ethnic or cultural group such as the Acculturation Scale for Mexican Americans, (Cuellar, Harris, & Jasso, 1980) and the Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (Nguyen & von Eye, 2002), which reduces the reusability of the model with immigrants from other ethnic groups and cultures. For Berry et al. (1986), any acculturation scale developed by selection of items that are relevant to acculturation in a specific immigrant group is unlikely to be applicable to a diverse range of groups. In addition, Berry and Sam (1997) insist that although there are varying life circumstances in different cultural groups, the psychological processes of acculturation are universal, and they “adopt a universalist perspective on acculturation” (Berry & Sam, 1997, p. 296). Another criticism is that these models of acculturation are too simple to have predictive validity (Ward, 2008). Often, people do not fall perfectly into one of four categories, and there is little empirical evidence for the existence of the marginalization strategy (Kunst & Sam, 2013; Schwartz, Unger, Zamboanga, & Szapocznik, 2010).

Berry’s model has also been criticized for treating acculturation as a static process. The model proposed in response to this by LaFromboise et al. (1993) adds another option for acculturation strategy, called alternation. Alternation is when the immigrant goes back and forth between their own heritage culture and the host culture, depending of the situation. This is related to the concept of dimensionality in acculturation, which is assessed by determining whether change is taking place in one dimension only, or on more than one independent dimension. This makes it possible for a person to change their behavior depending on their

social context, alternating between two or more cultures in terms of language and behavior, according to the situation, and can increase the complexity of evaluating acculturation.

1.2. Tri-dimensional model. To conclude this section, in a study comparing the efficacy of unidimensional and bi-dimensional models, Flannery et al. (2001) have suggested a third approach to acculturation. By adding a third axis to the matrix, the model becomes tri-dimensional, and allows for a third culture to emerge, called “ethnogenesis.” This view goes beyond integration or bi-culturalism in that it says that the third culture is qualitatively different from the hyphenation associated with integration (i.e, Brazilian-Canadian, Greco-Canadian). It is proposed that the combination of non-dominant culture and dominant culture may result in a set of values, beliefs, attitudes and behaviors that are not easily recognized by the non-dominant culture or dominant culture as its own. This can be seen in the connection between the African diaspora and Latin American identity in Brazil. Currently, the existence of people of African descent and their role as an integral part of the Latino ethnicity seems to be more accepted in Brazil than in other neighboring countries of South America.

As can be seen, the acculturation process involves a variety of dimensions and psychological adaptations. As a result, there are many models of evaluation of the different components of acculturation; all believe that acculturation occurs in several domains and involves complex psychological adaptation. With more than 50 existing instruments to evaluate acculturation quantitatively, the number of approaches to measure acculturation continues to grow, along with the interest in evaluating cultural groups. However, there is still no agreement as to which of these approaches best reflects the degree of involvement of the immigrant culture in relation to the host culture. Even though cultures differ from region to region of the world, they are defined by similar characteristics (such as family, housing,

clothing, education, food, etc.), and a model for assessing acculturation in all cultures would be very useful. No published instrument evaluates the influence of all these levels or domains in the acculturation process, and is yet general enough that to allow for a meta-analysis of the main factors of acculturation. The challenge is to perfect the measurement of a multidimensional measure, including the assessment of acculturation on the internal (psychological, intercultural), and external dimensions (behavioral, systemic), with separate scales for each dimension. What is needed is a model with the capacity to contain the number of lines of life experience within each dimension in a way that defines each dimension with its characteristics, levels of complexity, and different perspectives. The majority of existing scales lack several factors, and none includes all of them. For this reason, the AQAL model, based on the work of American philosopher Ken Wilber, the author of *Integral Theory* (1999), was chosen as the framework for developing the Integral Acculturation Scale (IAS), with the intention of creating the most comprehensive scale to measure acculturation. This model allows for a multi-perspectival view of acculturation, from the sides of both the immigrant and host country, in different of lines, levels, depths and complexities.

The Integral AQAL model

The meta-model that the scale that this study references is the AQAL (All Quadrants, All Lines) model from Integral theory (Wilber, 1999), shown in Figure 1.

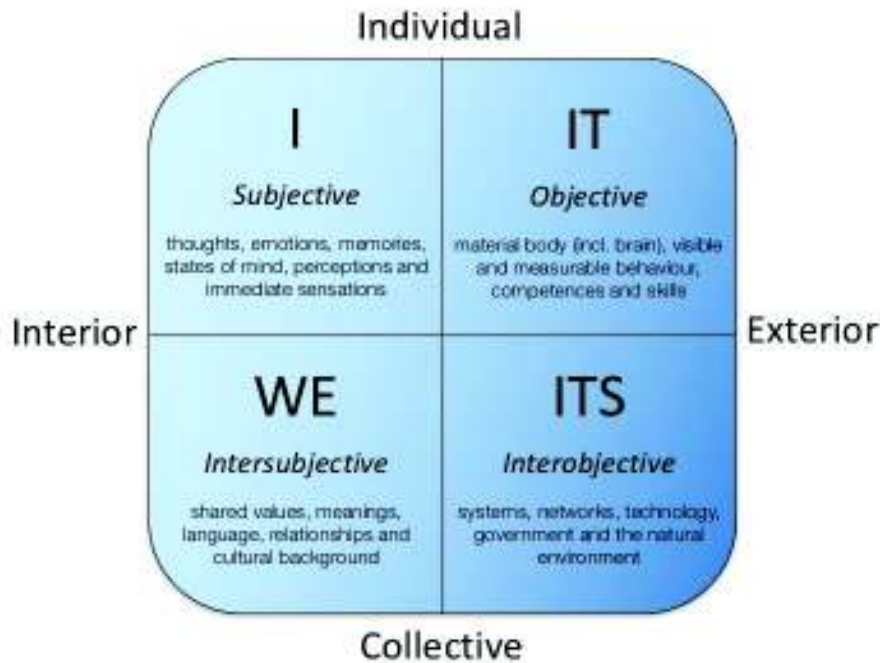


Figure 1. Wilber's AQAL Model with four quadrants. Reprinted from *Integral Theory*, in *Spiral Dynamics Integral The Netherlands*, n.d. Retrieved February 17, 2017, from <http://spiralynamicsintegral.nl/en/about-sdi/integral-theory/>. Copyright by Creative Commons Attribution-NonCommerical-ShareAlike 3.0 Unported License. Reprinted with permission.

The AQAL model was created by the American philosopher Ken Wilber (1999), who concluded that the hundreds of human potential systems and models he examined could be reduced to five simple elements: quadrants, levels, lines, states, and types. Represented as a map, the ontological scheme in Figure 1 is a two-dimensional structure with an interior-exterior dimension and an individual-collective dimension. The horizontal axis represents the internal-external dimension that corresponds to the subjective, reflexive experience in relation to objective or observable behavior-based reality. The vertical axis represents the individual-collective dimension, which refers to the relationship of the self as agent, and as part of the community. The axes divide the system into the four quadrants of Wilber's

ontological scheme (1999), representing the four fundamental domains of human development. Integral Theory permits the comparison of development in different domains, within or between quadrants.

Within each quadrant there are lines and levels of development. The lines in each quadrant represent different possible manifestations of each quadrant. For example, in the lower left quadrant, “We”, there may be different (and independent) culture lines, and in the upper left quadrant, the lines may describe the various types of intelligence (e.g. cognitive, emotional, musical) that can grow through stages of development. In general, people usually develop some lines better than others. The main states of consciousness are wakefulness, dreaming and deep sleep; other states include meditative states, altered states (e.g. drug induced) and peak experiences. Unlike stages, that once reached resist change, states are temporary and alternating. “Types” refer to the characteristics that may be present in any stage or state.

The levels on the left side (interior perspective) of the model represent levels of depth, and on the right side (external perspective) represent levels of complexity. The inclusion of levels is important because they demonstrate a hierarchy in which each new level transcends the limits of previous levels, but includes the essential aspects of these levels. As a result, each level of complexity or depth is at the same time a part of a larger structure and a whole structure in and of itself, which makes this an ideal reference for a holistic acculturation model. Based on these qualities, the following hypotheses are put forth:

H1. The Integral AQAL model can be used to construct a valid multidimensional acculturation model.

H2. A structural equation model can be built to validate the Integral Acculturation Inventory

(IAI) and Integral Acculturation Scale (IAS), with the dependent variable being acculturation.

In the next section, the factors of acculturation that have been tested, and proven by research will be addressed.

Acculturation Factors

In addition to not agreeing on which model would better reflect the nuances of this process, another challenge for acculturation researchers is the operationalization of the construct of acculturation. For example, the acculturation measures used often vary between different groups of researchers, and this lack of standardization makes it difficult to compare the results between groups (Jasinskaja-Lahti, 2008; Motti-Stefanidi, Pavlopoulos, Obradovic, & Masten, 2008; Ward & Kennedy, 1994). Some of the items included in the instruments to measure acculturation are limited to changes in language preference (e.g., Chavez, 2004), ethnic foods (e.g., Jamal, 1996), media (e.g., Triandis, 1982), (e.g., Lee, 1993), jokes (e.g., Ryder et al., 2000), music (Lee, 1993), choice of friends (e.g., Garrett & Pichette, 2000), understanding and following ethnic customs and traditions (e.g., Garrett & Pichette, 2000) and participation in ethnic community center activities (e.g., Lee & Tse, 1994). Scales of identification have also been used as measures of acculturation attitudes (Ward & Rana-Deuba, 1999), rather than specific measures of construction. Although related, identity and acculturation strategy are distinct concepts (Playford & Safdar, 2007).

Some common factors were found to be important in the process of acculturation, such as language (Kim, 1977; Birman et al., 2002; Flores & Kalher, 2010), the environment, family (Gannon, 2004), relationships, religion, work, social gatherings (Nagata, 1969), the neighborhood (particularly its ethnic composition, (Nagata, 1969), as well as correspondence and daily telephone conversations with friends (Nagata, 1969). Of all these factors, it was

found that three specific factors helped immigrants succeed in the acculturation process. They are: the selection of an acculturation strategy, language, and social support (Flores & Kalher, 2010). All these factors were used, along with others that were identified as important in the acculturation research literature, in the construction of the Integral Acculturation Inventory. Based on this review of the literature, we hypothesize the following:

H3. There is an index of common acculturation factors that determine an individual immigrant's ability to acculturate in their new host country.

Methods

This study is composed of two parts, following a quasi-experimental research design, of a quantitative nature. The methodology consisted of constructing the questionnaire, the Integral Acculturation Inventory, for the pilot test, based on the results of our first acculturation study (Araujo, Miranda, & Weber, manuscript submitted for publication), results from previous research in acculturation, and reviews of the inventory questionnaire (IAI) by leading acculturation researchers Fons van de Vijver, Ph. D, and Floyd Webster, Ph. D. The results of this study were used to create the 17 item Integral Acculturation Scale, which can be found in Appendix A.

Sampling

The pilot study consisted of 9 participants, who learned about the study through a group page on Facebook, which had been created to disseminate information about this project. Information about this study was also posted online to several social media groups for expats on Facebook, as well as disseminated by the group Internations, the largest online expat social media network. The participants for the main study were randomly selected from a survey tool, who met the qualifying criteria for this study and did not live in the

country in which they were born. The target population were immigrants from the general population, both male and female, ages 18 to 65, with the intention of creating an international sample of immigrants. The gender breakdown was 68.8 % female (194) and 31.2% male (88).

All participants were literate, and fluent in the English language, which was the language chosen for the formulation of the questionnaire, and the language claimed to be most frequently spoken by 235 of the participants (83.3%). The 282 participants who did qualify to complete the questionnaire came from 50 different countries, as shown in Figure 2.

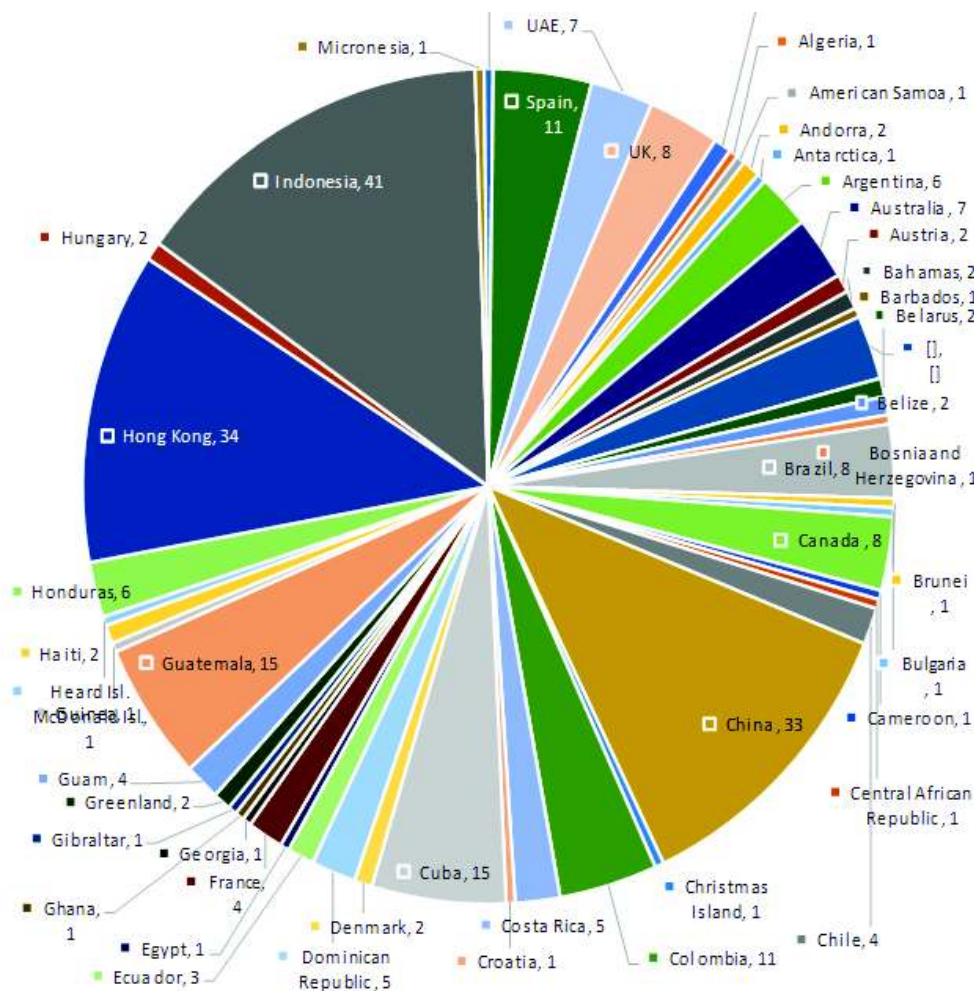


Figure 2. Country of origin of study participants ($N = 282$).

The majority (56%) of participants were of Asian descent (158), followed by Hispanic/Latino origin (85 or 30.1%); 28 said they were White (9.9%), and 10 (3.5%) identified as Black/African-American. Only one person identified an ethnicity outside of this group (.3%), as being Indian. Figures for this data are available in Appendix B.

The native language of the participants was predominantly Spanish (86), followed by the languages English (41), Filipino (32), traditional Chinese (22), Hindi (21), simplified Chinese (17), Korean (9), Telugu (9), Vietnamese (8), Arabic (4), Portuguese (Brazilian) (4), Japanese (4), Tamil (4), Russian (3), Bengali (2), French (2), German (2), Indonesian (2), Latvian (2), Dutch (1), Finnish (1), Georgian (1), Hungarian, and Thai (1), in decreasing order. Besides English as the most frequently spoken language, other languages chosen by the participants as their language most frequently spoken were Arabic, Bosnian, Dutch, Filipino, French, Georgian, German, Indian, Indonesian, Japanese, Korean, Brazilian Portuguese, Punjabi, Russian, Swahili, Tamil, Telugu and Vietnamese.

Other languages preferentially spoken were Spanish, Chinese (both traditional and simplified), Hindi, Filipino, Korean, Tamil, Telugu, Bosnian, German, Japanese and Swahili, in decreasing number. Many of the English-speaking participants spoke in more than one language preferentially; for example, of the 36 Chinese speakers, 25 were frequent English speakers as well.

The participants for this study were predominantly in the age groups from 25-34 (125 or 44.3%), with 63 participants being in the group 35-44 (22.3%), 51 participants in the group 18-24 (18.1%), 33 in the group 45-54 (11.7%), 9 in the group 55-64 (3.2%), and 1 participant was in the age group 65-74 (.3%). Almost half had at least one child under the age of 18

(47.5% or 134), and over half of the participants (190 or 67.4%) had a Bachelor's, Associate or advanced level degree (Ph. D or M.D.).

Most of the participants (185 or 65.6%) were married or in a domestic partnership, 91 (32.3 %) were single and never married, 5 (1.7%) were divorced or separated, and 1 (.4%) was widowed. Over half of the participants (148) identified their religion as Christian (52.5%), followed by 36 Hindus (12.8%), 21 Atheists (7.4%), 20 Buddhists (7.1%), 10 Muslims (3.5%), 4 Jewish (1.4%), 2 Jains, 2 Sikhs, 2 Taoists (.7% for each group), 3 Spiritists (1.1%), 1 Agnostic, 1 Jehovahs Witness, 1 Mormon, 1 Shintoist (.4% for each group), and 50 participants chose the option "Non-applicable" (17.7%).

The main motivation stated for many of the participants (113 or 40.1%) to immigrate was family reasons, followed by employment (66 or 23.4%), education (56 or 19.9%) and relationship (36 or 12.8%). The rest of the chosen options (political reasons, pleasure, and forced migration) made up the choices of the last 6 respondents (2.1%). Most participants (75.8%) were either a permanent resident in their country (119 or 42.2%) or naturalized (95 or 33.7%) at the time they completed the questionnaire. Other participants rated themselves as being: work visa holders (25 or 12.4%), visitor visa holders (9 or 3.2%), international students (8 or 2.8%), refugees (6 or 2.1%), development displacees (6 or 2.1%), asylum seekers (4 or 1.4%), environmental and disaster displacees (3 or 1.1%), smuggled (3 or 1.1%) and internally displaced person (1 or .4%).

This information is particularly important, since it reflects a new demographic in today's world, that nearly half of all international migrants worldwide were born in Asia (United Nations, 2016, p. 15). According to the International Migration Report (United Nations, 2016, p. 15), in 2015, of the 244 million international migrants worldwide, 104

million (43 %) were born in Asia. Europe was the birthplace of the second largest number of international migrants (62 million, or 25%), followed by Latin America and the Caribbean (37 million, or 15%) and Africa (34 million, or 14%). Relatively few migrants worldwide were born in Northern America (4 million, or 2%) or Oceania (2 million, or 1%), which is reflected in our participant pool demographic, and increases the validity and reliability of the IAS scale.

Data collection

The Integral Acculturation Inventory was released for completion online in April 2016, and the Integral Acculturation Scale was released online for completion in July 2016. All participants were first informed that the questionnaire was being conducted for academic research purposes and ensured the confidentiality of their answers. After giving informed consent to participate, participants were directed to a secure website that was not publicly accessible. Completion of the pilot questionnaire (IAI) took around 15-20 minutes, and the IAS took less than 10 minutes to complete.

Measures

To define the items for the IAS, a pilot test was carried out with 41 of the most relevant items selected from the Integral Acculturation Intake (Araujo, Miranda, & Weber, submitted for publication), categorized into the four quadrants of the AQAL model, plus sections on language (8 questions) and demographic information (16 questions). Reduction of the number of items from the Integral Acculturation Intake was achieved through the removal of all of the open-ended (48) and multiple choice (44) questions, and questions about physical and mental health history (29). As a result, the following four questions in the ITS

(Collective-Exterior) section were taken out, which resulted in the elimination of this dimension from the questionnaire:

- What of the following have been difficulties for you in adapting to your new country?
- What types of services do you need the most to help you settle in Brazil?
- What can settlement services in Brazil offer so that they are more accessible to immigrants?
- If you could take a class to learn Portuguese, would you?

This quadrant was not deemed necessary for an individual acculturation assessment using self-report methodology, since it deals with the collective exterior, or the preparedness of both the country the immigrant is in (and from), to receive and integrate immigrants. This decision also increased the goodness of fit of the model.

Care was taken to make sure that the questionnaire included factors previously defined as important by other studies of acculturation (e.g. Birman et al., 2002; Gannon, 2004; and Kim, 1977), as well questions regarding acculturation strategy, and domain specificity. Questions involved preferences for language, family and social life, food preferences, behaviors, religious beliefs, political ideology, cultural and recreational activities, values and customs, clothing, residence, work, education and world vision. Opinions about statements were asked using the two-question approach, addressing the heritage and mainstream cultures separately, to allow for bi-dimensionality in the responses.

The pilot data was analyzed using principal component analysis and cluster analysis in IBM SPSS Statistics v. 20 software. Selecting Eigenvalues over 1 produced an initial five factor solution, however there were many variables with loadings across all factors, that

spread the variance. Forcing a one factor solution for all variables accounted for 38.62% of the variance. The communalities and component matrix table are shown in Table 1.

Table 1 Component Matrix and Communalities

Questions	Component 1	Communalities
1	.748	.559
2		.024
3		.129
5	-.728	.530
6	-.721	.520
7	.566	.320
8		.023
11		.026
12	.868	.753
13	.918	.843
14		.151
15	-.635	.404
16	.948	.898
17	-.516	.266
18	.531	.282
19	.675	.456
20	.901	.812
22		.120
23	.439	.193
24	.685	.469
25	-.782	.611
30	-.615	.379
31		.070
32		.066
33		6.376E-007
34	.608	.370
35		.040
39		.147
40	.912	.833
41		.016
42	.890	.792
43	-.964	.930
44	.844	.712

Note: Extraction method: Principal Component Analysis

Items with low loadings or negative correlations were eliminated until goodness of fit was achieved. The resulting items were then analyzed using exploratory factor analysis and

confirmatory factor analysis, and 17 index items were determined for the Integral Acculturation Scale. Fourteen of the 17 items employ a five-point Likert scale, with responses based on a 5-point rating scale ranging from (1) “strongly disagree” to (5) “strongly agree”; three questions were of multiple choice format. The resulting IAS can be found in found in Appendix A.

Following the IAS, the participants completed a separate 5-item scale, the Satisfaction with Life Scale (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985), which evaluates life-satisfaction from a subjective perspective (e.g., “In general, I am satisfied with my life) for the purposes of evaluating the convergent and construct validity of the Integral Acculturation Scale. The Satisfaction with Life Scale can be found in Appendix C.

Results

Preliminary Analysis

Data screening. There was no missing data in the results that were collected, since the online survey required all questions to be answered before allowing the participant to advance to the next question. There were 282 valid cases that had complete responses to all 17 scale questions, and 16 demographic questions and the Satisfaction with Life Scale. No significant outliers were found in the data. Since the questions for the IAS are Likert-style responses, outliers do not really exist, since answering at the extreme (1 or 5) is not representative outlier behavior (Gaskin, 2016a). The appropriateness of data (adequacy) was demonstrated using Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) Measure of Sampling Adequacy: 0.864. A significant result ($p < 0.05$) on the Bartlett’s Test of Sphericity indicates that the variables relate to one another enough to run a meaningful Exploratory Factor Analysis.

The data for the index was analyzed using exploratory factor analysis (EFA) in IBM SPSS Statistics v. 20 software, as well as confirmatory factor analysis (CFA) and structural equation modeling (SEM) in IBM SPSS AMOS software.

The EFA was performed with the sample ($N = 282$), using Principal Axis Factoring extraction method. The sample adequacy was assessed by the KMO and Bartlett's sphericity test measures. Reliability was assessed using the Alpha coefficient. A CFA was then performed to cross-validate the obtained exploratory factor structure. The maximum likelihood extraction method was used in the CFA. The fit indices used were: the chi-square to degrees-of-freedom ratio ($s-b\chi^2/df$), the root mean square error of approximation (RMSEA), the standardized root mean square residual (SRMR), the comparative fit index (CFI), and the Tucker-Lewis index (TLI).

According to guidelines, a model fit presents acceptable amount of errors if the following values are achieved: $s-b\chi^2/df$ ratio less than 3, SRMR less than 0.08, RMSEA less than 0.08 (considering the 90% confidence interval), and CFI and TLI values greater than 0.9 (preferably greater than 0.95 (Brown, 2006; Schreiber, Stage, King, Nora, & Barlow, 2006)). Evidences of convergent validity were assessed through correlations with life satisfaction in the total sample ($N = 282$). Positive and moderate correlations among these variables were expected.

Exploratory Factor Analysis (EFA)

A Maximum Likelihood with a Varimax (orthogonal) rotation of the 17 Likert scale questions from the Integral Acculturation Scale questionnaire was conducted on data gathered from 282 participants. An examination of the Kaiser-Meyer Olkin measure of

sampling adequacy suggested that the sample was factorable ($KMO = .911$), with $X^2 = 1373.03$ for 17 variables ($df = 136, p = .000$).

The questionnaire data was downloaded as an Excel file, converted into numeric data and imported into IBM SPSS Statistics software. The variables of the data in IBM SPSS Statistics v. 20 software were named according to the questions on the IAS questionnaire, and a check was done for any outliers or missing values or data. After performing the EFA in SPSS Statistics, 8 of the 17 items correlated at least .4 with at the first factor item, suggesting reasonable factorability. Further tests were done by removing variables one by one, to see their effect on the pattern matrix. Seven of the seventeen index items were eliminated due to loadings below .3, to create a 10-item questionnaire and scale, of which all items loaded onto Factor 1. The commonalities were all above .3 (see Table 2), further confirming that each item shared some common variance with other items. A Maximum Likelihood Estimation factor analysis of the remaining 10 items, using Varimax rotations was conducted, with the one factor explaining 48.14% of the variance. The test results show significance was reached, with the $X^2 = 109.79$ for 10 variables ($df = 35, p = .000$). The factor loading matrix for this final solution is presented in Table 2.

Table 2

Summary of Exploratory Factor Analysis Results for Acculturation Measure Using Maximum Likelihood Estimation and Varimax (oblique) rotation (N = 282)

Item	Factor 1	Communality
In general, I am comfortable in social situations with those from my current country of residence.	.751	.351
I feel respected as a member of society in my current country of residence.	.721	.484
I have adapted well to my new life in my current country of residence	.696	.372
I have friends, family, or other sources of social support in my current country of residence.	.680	.520
Overall, I have adapted to the culture(s) of my current country of residence.	.659	.462
I am willing to have new friends in my current country of residence.	.658	.564
I am able to practice my religious and/or spiritual beliefs freely in my current country of residence.	.621	.433
I like working with people of diverse backgrounds, cultures and languages.	.610	.434
I feel emotionally well living in the country I currently live in.	.593	.385
I participate in leisure and or recreational activities that are typical of my current country of residence.	.497	.247
Eigenvalues	4.81	
% of variance	48.14	

Note: Factor loadings over .40 appear in bold.

The wording of the item IT_2, being a multiple-choice style question and one of the few non-endorsement style questions in the index, could have affected the loading of the item, making it more orthogonal due to it being a different measurement variable. For variables IT_5 and IT_6 (I have changed the way I dress since I moved to my current country

of residence; I have changed the way I eat since I moved to my current country of residence), these two load on the same (second) factor, and evaluate the behavioral component of acculturation, particularly in preferences for food, and fashion. In the individual-interior or subject quadrant, I, two of the five variables were removed, I_5 and I_6 (Today, I see myself as: Assimilated, Integrated, Marginalized or Separated; Does the above answer change, depending on if you are in public or in private?). These items are not imperative to the final index, as they serve for informational purposes, however could be useful in future editions of this scale. For the “We” collective interior quadrant, there was only one variable removed, WE_4 (The societal attitude toward immigrants in my country of residence is positive), since it didn’t load on any other factors. This does not necessarily mean that this variable is not important to consider in future work; however, in this analysis, it needed to be removed to avoid reducing the fitness index of the model. An item could have low factor loading due to several reasons, such as ambiguous statements, double meaning statements, sensitive statements, biased statements, etc. Perhaps different wording of this item on the questionnaire could have brought a more significant result.

As more than 20% of the variables had been removed to create a one factor solution, analysis was stopped for the model with only one latent factor, since the deletion of items of more than 20% of the total items in a model can make the construct invalid, as it fails to be confirmatory of itself (Gaskin, 2016b). The model was then restructured to make acculturation a 2nd order latent factor, and this improved the model fit. A new, clean factor structure was obtained when the ten variables from the three dimensions I, We and It loaded onto one single factor, producing a unifactorial solution to the analysis.

The following 10 items remained in the scale:

I Quadrant

1. I feel emotionally well living in the country I currently live in.
2. I have adapted well to my new life in my current country of residence.
3. I like working with people of diverse backgrounds, cultures and languages.
4. I feel respected as a member of society in my current country of residence.

We Quadrant

5. I have friends, family, or other sources of social support in my current country of residence.
6. In general, I am comfortable in social situations with those from my current country of residence.
7. I am willing to have new friends in my current country of residence.
8. Overall, I have adapted to the culture(s) of my current country of residence.

It Quadrant

9. I am able to practice my religious and/or spiritual beliefs freely in my current country of residence.
10. I participate in leisure and or recreational activities that are typical of my current country of residence.

Table 3 shows the correlation coefficients of these ten items.

Table 3
Intercorrelations between items in the IAS

	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10
I1	1	.543**	.462**	.451**	.388**	.360**	.321**	.345**	.347**	.312**
I2	.543**	1	.603**	.495**	.438**	.461**	.409**	.430**	.429**	.287**
I3	.462**	.603**	1	.422**	.393**	.390**	.398**	.283**	.336**	.336**
I4	.451**	.495**	.422**	1	.504**	.565**	.466**	.479**	.427**	.322**
I5	.388**	.438**	.393**	.504**	1	.592**	.464**	.430**	.367**	.304**
I6	.360**	.461**	.390**	.565**	.592**	1	.500**	.553**	.476**	.381**
I7	.321**	.409**	.398**	.466**	.464**	.500**	1	.463**	.434**	.409**
I8	.345**	.430**	.283**	.479**	.430**	.553**	.463**	1	.492**	.318**
I9	.347**	.429**	.336**	.427**	.367**	.476**	.434**	.492**	1	.339**
I10	.312**	.287**	.336**	.322**	.304**	.381**	.409**	.318**	.339**	1

Note. $N = 282$ * $p < .05$, ** $p < .001$.

Integral Acculturation Scale

Once the construct of acculturation had been defined, the 10-item unifactorial acculturation scale was created in SPSS. To do this, the values for the items of the factors I, We and It were summed, and the mean calculated, per the following formula:

$$\text{HSCALE} = \text{MEAN}(I_1, I_2, I_3, I_4, WE_1, WE_2, WE_3, WE_5, IT_1, IT_3)$$

Since each item for the scale was measured using a 5-point Likert endorsement scale, the maximum value given for each item (indicating the highest level of acculturation) was five. A score of one indicates no acculturation, two is low acculturation, three is medium acculturation, four is high acculturation, and five is complete acculturation. The scale presented adequate psychometric properties, with reliability index (α) of 0.907, and 0.915 based on standardized items.

Hypothesis Testing

The Integral Acculturation Scale presented excellent psychometric properties across all analyses. Hypothesis 1 predicted that the Integral AQAL model could be used to construct a valid multidimensional acculturation model, and Hypothesis 2 predicted that a structural equation model could be built to validate the Integral Acculturation Scale, with the dependent variable being acculturation. The method for testing these hypotheses was done through structural equation modeling in AMOS. Multiple variations of the 17-item index were tested, and in this process, 7 of these items were rejected, resulting in a 10-item final index. The tests for internal consistency and validity of this index were performed using AMOS software.

Confirmatory Factor Analysis (CFA). Confirmatory factor analysis was first performed on the data set with 17 variables in SPSS AMOS, to confirm the results of the EFA. The following variables were removed due to low factor loadings: I_5, I_6, IT_2, IT_4, IT_5, IT_6 and WE_4. The new model contained the same 10 variables as the results of the EFA, divided over the three quadrants I, We, and It.

After the removal of these items from the index, the CFA was rerun, with subtle modifications to the grouping being made until optimal results were achieved for goodness-of-fit, validity and reliability. In this process, the variables were regrouped into the factors I and We, with I being divided into interior and exterior factors, under which the variables were placed. This analysis was repeated until unidimensionality was achieved, with all factor loadings being positive and above 0.5 for their respective latent constructs. The confirmatory factor analysis of the data from this study shows the final measurement model achieved good fit: X^2/df (cmin/df): 1.166, $p = 0.237$; CFI = 0.964; GFI: 0.973; AGFI: 0.954; SRMR = 0.024; RMSEA= 0.032; PCLOSE: 0.929. Figure 3 shows the resulting multidimensional,

unifactorial measure and acculturation model, composed of ten items to evaluated acculturation level.

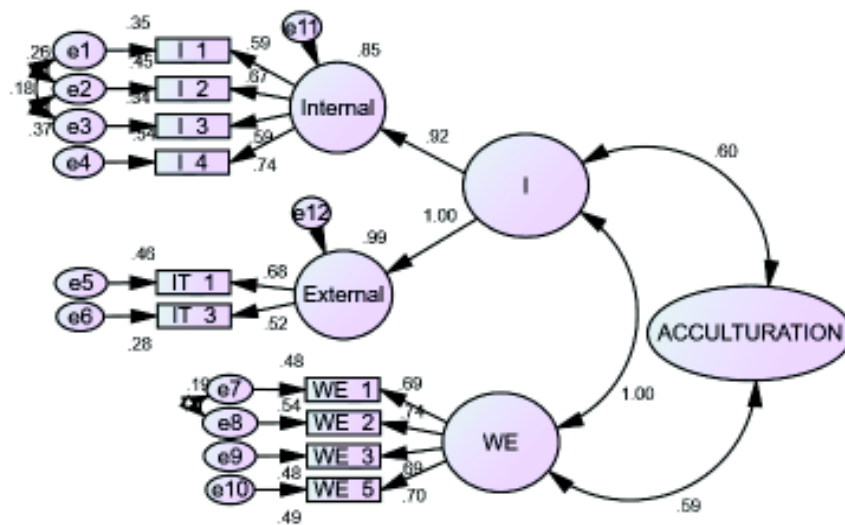


Figure 3. The International Acculturation Index measurement model

Structural equation modeling (SEM). To build a true structural model with latent factors, the covariance arrows were removed from the measurement model, and single-headed arrows were drawn from the independent variables (IVs) to the dependent variable (DV) acculturation, to imply causation. One variable, We_3 (I am willing to have new friends in my current country of residence), was moved to the “I” Internal latent factor, which helped the model achieve a better goodness of fit. An error term was added to the DV and the other exogenous variables, and then the model fit analysis was run. Based on the confirmatory factor analysis data from this study, the latent structural equation model was validated and measured to have excellent fit: X^2/df (cmin/df): 1.287, $p = 0.128$; CFI = 0.938; GFI: 0.971; AGFI: 0.95; SRMR = 0.098; RMSEA= 0.032; PCLOSE: 0.863. The result is a multidimensional and unifactorial measure, composed of ten items which evaluate one’s level of acculturation, as shown in Figure 4.

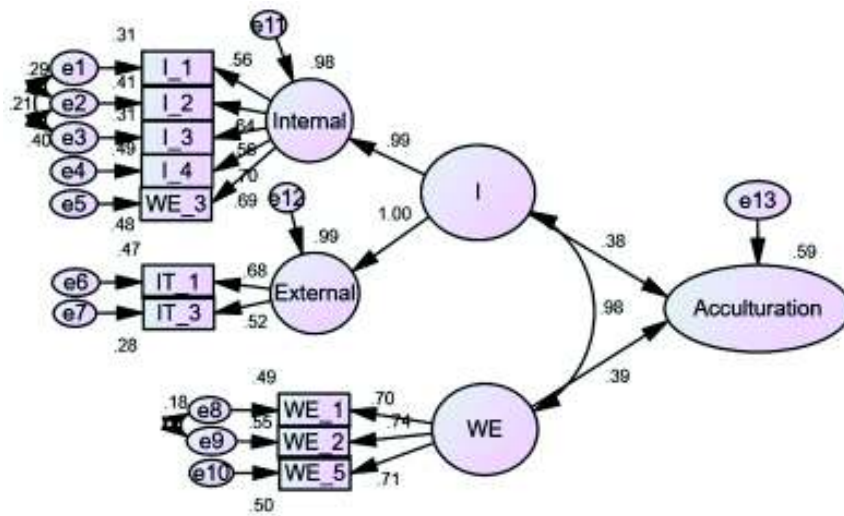


Figure 4. The Integral Acculturation Scale structural equation model

Multi-group Comparisons

A multi-group analysis was run in AMOS using the built-in multigroup function, and tested using chi-square differences. The model shows that the groups are invariant across gender, and there is no difference between groups, which proves construct validity of the model. A chi-square test was performed and no relationship was found between the two measured genders, $\chi^2(4, N = 282) = 2.42, p = 0.659$. Invariance between gender was also found when testing between the two groups for the relationships between age and satisfaction with life on acculturation.

Common Method Bias

Common method bias refers to a bias in your dataset due to something external to the measures that may have influenced the response given. To test for a common method bias, the Harman's single factor test was performed, and it was found that the majority of the variance is not explained by a single factor. After constraining the number of factors extracted in the EFA to be just one, the unrotated solution is analyzed to see if these 10 items

or variables will account for the variance in the model. The results of this test show that the model passed, with the 10 items accounting for at most, only 48.138% of the variance.

The Common Latent Factor (CLF) test was also executed on the structural model in AMOS, and the resulting standardized regression weights were compared in the model with and without the CLF. There were no significant differences (greater than 0.200) between the loadings on any of the variables when they were connected to the CLF, which means that the model explains adequately for the variance attributed the variables.

Reliability and Validity

Internal reliability was achieved with the Cronbach's Alpha score of 0.875, and Composite Reliability was achieved with a result of 0.7.

Convergent validity was achieved through the comparison of the bivariate correlations between the HSCALE of IAS and the Satisfaction with Life Scale (Diener et al., 1985), an established measure that has been successfully validated in acculturating samples and that has been used to assess acculturative stress, which achieved statistically significant correlations. Pearson's correlations among acculturation level and reported satisfaction with were performed in the total sample ($N = 282$), as shown in Table 4. As expected, acculturation level correlated significantly with life satisfaction. The magnitudes of the correlations were all positive and significant, except for one where $p = .06$. Discriminant validity was not investigated in this analysis, since all factors measure the same latent factor, acculturation.

Table 4
Intercorrelations between items in the IAS and SWL

	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	S1	S2	S3	S4	S5
I1	1	.543**	.462**	.451**	.388**	.360**	.321**	.345**	.347**	.312**	.312**	.342**	.248**	.169**	.197**
I2	.543**	1	.603**	.495**	.438**	.461**	.409**	.430**	.429**	.287**	.320**	.309**	.299**	.207**	.168**
I3	.462**	.603**	1	.422**	.393**	.390**	.398**	.283**	.336**	.336**	.219**	.274**	.276**	.213**	.112
I4	.451**	.495**	.422**	1	.504**	.565**	.466**	.479**	.427**	.322**	.399**	.443**	.410**	.318**	.320**
I5	.388**	.438**	.393**	.504**	1	.592**	.464**	.430**	.367**	.304**	.387**	.437**	.367**	.309**	.240**
I6	.360**	.461**	.390**	.565**	.592**	1	.500**	.553**	.476**	.381**	.420**	.483**	.402**	.317**	.291**
I7	.321**	.409**	.398**	.466**	.464**	.500**	1	.463**	.434**	.409**	.277**	.298**	.282**	.230**	.173**
I8	.345**	.430**	.283**	.479**	.430**	.553**	.463**	1	.492**	.318**	.304**	.330**	.300**	.187**	.178**
I9	.347**	.429**	.336**	.427**	.367**	.476**	.434**	.492**	1	.339**	.340**	.323**	.281**	.248**	.185**
I10	.312**	.287**	.336**	.322**	.304**	.381**	.409**	.318**	.339**	1	.187**	.235**	.151*	.168**	.192**
S1	.312**	.320**	.219**	.399**	.387**	.420**	.277**	.304**	.340**	.187**	1	.711**	.687**	.642**	.495**
S2	.342**	.309**	.274**	.443**	.437**	.483**	.298**	.330**	.323**	.235**	.711**	1	.722**	.587**	.451**
S3	.248**	.299**	.276**	.410**	.367**	.402**	.282**	.300**	.281**	.151*	.687**	.722**	1	.731**	.538**
S4	.169**	.207**	.213**	.318**	.309**	.317**	.230**	.187**	.248**	.168**	.642**	.587**	.731**	1	.591**
S5	.197**	.168**	.112	.320**	.240**	.291**	.173**	.178**	.185**	.192**	.495**	.451**	.538**	.591**	1

Note. $N = 282$ I = Integral Acculturation Inventory items; S = Satisfaction with Life Scale items * $p < .05$, ** $p < .001$.

Measurement Model Invariance

Before creating composite variables for a path analysis, configural and metric invariance should be tested during the CFA to validate that the factor structure and loadings are sufficiently equivalent across groups, and that they are measuring the same underlying latent construct for both groups. This is done through configural invariance tests, where the factor structure represented in the CFA achieves adequate fit when both groups are tested together and freely (i.e., without any cross-group path constraints). To do this, two groups were created with the data set in AMOS (e.g., male and female), and then split along gender.

The result was that the model achieved good fit (X^2/df (cmin/df): 0.940, $p = 0.615$; CFI = 1; GFI: 0.956; AGFI: 0.926; SRMR = 0.098; RMSEA= 0.032; PCLOSE: 0.999), and therefore achieving configural invariance.

Metric Invariance. The final test to pass is that of metric invariance. This is done by performing a chi-square difference test on the two groups. A non-significant p-value for the chi-square difference test was achieved, indicating no differences between groups, or metric invariance.

Based on the confirmatory factor analysis data from this study, a full latent structural equation model was validated and measured to have excellent fit: X^2/df (cmin/df): 1.287, $p = 0.128$; CFI = 0.938; GFI: 0.971; AGFI: 0.95; SRMR = 0.098; RMSEA= 0.032; PCLOSE: 0.863. The result is a multidimensional and unifactorial measure, composed of ten items which evaluate one's level of acculturation, as shown in Figure 5.

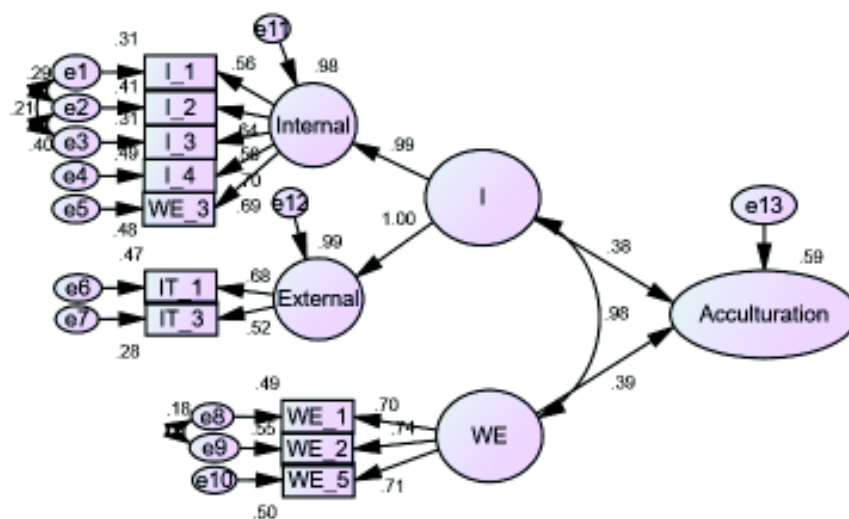


Figure 5. The Integral Acculturation Scale, Structural Model

In summary, the statistical support for both hypotheses 1 and 2 is provided by the excellent model fit achieved by the measurement and structural models created for this study (SEM X^2/df (cmin/df): 0.002, $p = 0.998$; CFI = 1.0; GFI: 1.0; AGFI: 1.0; SRMR = 0.002;

RMSEA= 0.0; PCLOSE: 0.999). All items loaded on the expected factor, and the CFA and SEM results provided excellent fit. The CFA results also showed that the variables from all three measured quadrants of the AQAL model were retained, and essential, to the final structural model. The results of this study therefore support the final hypothesis, H3. There is an index of common acculturation factors that determine an individual immigrant's ability to acculturate in their new host country.

Convergent validity with the SWLS (Diener et al., 1985) also presented positive highly correlating results, which supports the external validity of the measure. Overall, this study has presented a comprehensive scale to measure acculturation, and a structural equation model to predict acculturation, both of which were validated with the data of this study.

Discussion

Based on the results of the statistical analysis from the main study that we conducted, the factor structure of the dataset of the Integral Acculturation Scale was validated, and a structural measurement model was built in the software IBM SPSS AMOS. This model achieved goodness of fit, and was validated. Through structural equation modeling (SEM) methodology, the relationships between the measured variables and latent constructs in the model were determined, and a causal structural model was constructed. The contribution of this study the evidence of validity of the Integral Acculturation Scale (IAS), which was shown to be both statistically valid and internally reliable, as shown by the results of the confirmatory factor analysis, and produces an acculturation scale that is statistically invariant across groups of men and women.

Limitations and Future Research

The primary limitations with this study are the sample size, that the participants were not randomly selected, and do not represent all immigrants in the world. Another limitation is that the design was not longitudinal in nature. Future research based on the insights of this study could include further tests with the IAS and model, executed with an even larger and more multicultural sample, and done over time, to see if the acculturation score improves. The intention of this research is to make this index available online, to continue with testing and improving the index as an effective and generalizable measure of acculturation, and complement this with a specific manual for addressing acculturation in immigrant populations, which will explain what aspects are important in test administration in a multicultural context, such as flexibility in testing procedures. Computer assisted and online testing are good tools to achieve this flexibility and reach in terms of the amount of numbers of immigrants who can benefit from this tool.

Conclusion

The Integral Acculturation Scale is the first scale to evaluate acculturation following an Integral research methodology. The purpose of this study was to construct and validate the Integral Acculturation Scale and scale, so that a standardized acculturation evaluation could be used with all immigrants. The advantage of standard questionnaires is that the issue of applicability of norms is standardized and subject to public scrutiny, since the evaluation of the tester, which, however well intended, might not be shared by colleagues. Further standardization of this practice will enhance the professional level of service delivery, and improve our understanding of how programs, processes and services can support immigrants

in the adaptation to their new cultures, and provide better integration in their respective communities.

In today's world, many countries have immigrant inhabitants with various degrees of adjustment to the mainstream, a situation that is likely to persist into the foreseeable future. It is hoped that the IAS will be used as an evaluation tool both by governmental sectors dealing with immigration, and by schools to promote equality and better integration of immigrants. It is important that psychologists consider cultural heterogeneity as a given and that this issue is dealt with in a professional and culturally sensitive way, to provide the best quality of immigration services possible.

References

- Araujo, A., Miranda, F. J., & Weber, M. (2017). *Evidence of Validity for the Integral Acculturation Scale and Model*. Manuscript submitted for publication.
- Arends-Töth, J., & van de Vijver, F. J. R. (2003). Multiculturalism and education: Views of Dutch and Turkish-Dutch. *European Journal of Social Psychology*, 33, 249–266.
- Benet-Martinez, V., & Haritatos, J. (2005). Bicultural identity integration (BII): Components and psychosocial antecedents. *Journal of Personality*, 73:1015–1050.
- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5–34.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615-631.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living Successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(6), 697-712.
- Berry, J. W., & Kim, U. (1988). Acculturation and mental health. In P. R. Dasen, J. W. Berry & N. Sarorius (Eds.), *Health and Cross-Cultural Psychology: Toward Applications* (pp. 207-236). Newbury Park, California: Sage.
- Berry, J. W., Trimble, J. E., & Olmedo, E. L. (1986). Assessment of acculturation. In W. J. Lonner & J. W. Berry (Eds.), *Field methods in cross-cultural research* (pp. 291–324). Beverly Hills, CA: Sage.

- Birman, D. (1994). Acculturation and human diversity in a multicultural society. In E. J. Trickett, R. J. Watts & D. Birman (Eds.), *Human diversity: Perspectives on people in context* (pp. 261-284). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Birman, D., Trickett, E., & Vinokurov, A. (2002). Acculturation and adaptation of Soviet Jewish refugee adolescents: Predictors of adjustment across life domains. *American Journal of Community Psychology, 30*(5), 585-607.
- Bornstein, M. H., & Cote, L. R. (2006). Parenting cognitions and practices in the acculturative process. In M. Bornstein & L. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (pp. 173-196). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bourhis, R. Y., Moise, L. C., Perreault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an Interactive Acculturation Model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology, 32*, 369-386.
- Brown, A. D. (2006). A Narrative Approach to Collective Identities. *Journal of Management Studies, 43*: 731-753.
- Cabassa, L. J. (2003). Measuring acculturation: Where we are and where we need to go. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 25*, 127-146.
- Celenk, O., & van de Vijver, F. (2011). Assessment of Acculturation: Issues and Overview of Measures. *Online Readings in Psychology and Culture, 8*(1).
- Chavez, L. R. (2004). A class half empty: Latina reproduction and public discourse. *Human Organization, 63*(2), 173-179.

- Costigan, C. L., & Su, T. (2004). Orthogonal versus linear models of acculturation among immigrant Chinese Canadians: A comparison of mothers, fathers, and children. *International Journal of Behavioral Development, 28*, 518-527.
- Cortés, D. E., Rogler, L. H., & Malgady, R. G. (1994). Biculturalism among Puerto Rican adults in the United States. *American Journal of Community Psychology, 22*, 707–721.
- Cuellar, I., Arnold, B., & González, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology, 23*:339–355.
- Cuellar, I., Harris, L. C., & Jasso, R. (1980). An acculturation scale for Mexican American normal and clinical populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 2*, 199-217.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 71-75.
- Félix-Ortiz, M., Newcomb, M. D., & Myers, H. (1994). A multidimensional measure of cultural identity for Latino and Latina adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 16*, 99–115.
- Flannery, W. P., Reise, S. P., & Yu, J. (2001). A comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin, 27*, 1035-1045.
- Flores, T., & Kalher, J. (2010). *An acculturation manual for school psychologists and school counselors*. California State University, Sacramento.
- Gannon, M. J. (2004). *Understanding global cultures*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Garrett, M. T., & Pichette, E. F. (2000). Red as an apple: Native American acculturation and counseling with or without reservation. *Journal of Counseling and Development*, 78(1), 3-13.
- Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American Life: the role of race, religion and national origins*. New York: Oxford University Press.
- Gaskin, J. (2016a). "Data screening", Gaskination's StatWiki.
<http://statwiki.kolobkreations.com>
- Gaskin, J. (2016b). "Exploratory Factor Analysis", Gaskination's StatWiki.
<http://statwiki.kolobkreations.com>
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a triethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*, 23:336-350.
- Jasinskaja-Lahti, I. (2008), Long-term immigrant adaptation: Eight-year follow-up study among immigrants from Russia and Estonia living in Finland. *International Journal of Psychology*, 43: 6–18.
- Jamal, A. (1996). Acculturation: the symbolism of ethnic eating among contemporary British consumers. *British Food Journal*, 98(10), 12-26.
- Kim, Y. Y. (1977). Communication patterns of foreign immigrants in the process of acculturation. *Human Communication Research*, 2, 127-224.
- Kunst, J. R., & Sam, D. L. (2013). Expanding the margins of identity: A critique of marginalization in a globalized world. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 2(4): 225–241.
- LaFromboise, T., Coleman, H. L. K., & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. *Psychological Bulletin*, 114(3), 395-412.

- Lara, M., Gamboa, C., Kahramanian, M. I., Morales, L. S., Hayes, B. D. E. (2005).
Acculturation and Latino health in the United States: A review of the literature and its
sociopolitical context. *Annual Review of Public Health*, 26:367–397.
- Lee, W. N. (1993). Acculturation and advertising communication strategies: A cross-cultural
study of Chinese and Americans. *Psychology & Marketing*, 10(5), 381-397.
- Lee, W. N., & Tse, D. K. (1994). Changing media consumption in a new home:
Acculturation patterns among Hong Kong immigrants to Canada. *Journal of
Advertising*, 23(1), 57-70.
- Mahmud, S., & Schölmerich, A. (2011). Acculturation and life satisfaction: Immigrants in
Germany. *Psychological Research*, 1(4), 278–286.
- Mendoza, R. H. (1989). An empirical scale to measure type and degree of acculturation in
Mexican-American adolescents and adults. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 20,
372–385.
- Montreuil, A., & Bourhis, R. Y. (2004). Acculturation orientations of competing host
communities towards valued and devalued immigrants. *International Journal of
Intercultural Relations*, 28, 507-532.
- Motti-Stefanidi, F., Pavlopoulos, V., Obradovic, J., & Masten, A. S. (2008). Acculturation
and adaptation of immigrant adolescents in Greek urban schools. *International Journal
of Psychology*, 43, 45-58.
- Nagata, K. (1969). A statistical approach to the study of acculturation of an ethnic group
based on communication oriented variables. The case of Japanese Americans in
Chicago (Doctoral dissertation, University of Illinois at Urbana-Champaign).
Dissertation Abstracts International, 31, 491B.

- Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). Relative Acculturation Extended Model (RAEM): New contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 29 (1): 28–29.
- Nguyen, A.-M. D., & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism Unpacked: Components, Measurement, Individual Differences, and Outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1): 101–114.
- Nguyen, H. H., & von Eye, A. (2002). The Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (ASVA): A bidimensional perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 202-213.
- Padilla, A., & Perez, W. (2003). Acculturation, social identity, and social cognition: A new perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25, 35-55.
- Phalet, K., & Swyngedouw, M. (2003). A cross-cultural analysis of immigrant and host values and acculturation orientations. In H. Vinken, & P. Ester (Eds.), *Comparing cultures* (pp. 185–212). Leiden: Brill.
- Phinney, J. (1990). Ethnic identity in adolescents and adults: A review of research. *Psychological Bulletin*, 108, 499-514.
- Phinney, J. W., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57, 493-510.
- Playford, K., & Safdar, S. (2007). Various conceptualization of acculturation and the prediction of international students' adaptations (37-66). In A. Chybicka & M.

- Kazmierczak (Eds.). *Appreciating diversity: Cultural and gender issues*. Cracow, Poland: Impuls.
- Ribeiro, Paulo Silvino. "Do que se trata a aculturação?"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>>. Acesso em 19 de julho de 2016.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. *Review of General Psychology*, 7, 3-37.
- Rudmin, F. W. (2009). Constructs, measurements and models of acculturation and acculturative stress. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 106–123.
- Ryder, A. G., Alden, L. E., & Paulhus, D. L. (2000). Is acculturation unidimensional or bidimensional? A head-to-head comparison in the prediction of personality, self-identity, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 49-65.
- Sayegh, L., & Lasry, J. C. (1993). Immigrants' adaptation to Canada: Assimilation, acculturation, and orthogonal cultural identification. *Canadian Psychology*, 34, 98-109.
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *Journal of Educational Research*, 99(6), 323-337.
- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: Implications for theory and research. *American Psychologist*, 65(4): 239.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Cordova, D., Mason, C. A., Huang, S., Baezconde-Garbanati, L., . . . Szapocznik, J. (2015). Developmental trajectories of acculturation:

- Links with family functioning and mental health in recent-immigrant Hispanic adolescents. *Child Development*, 86(3), 726-748.
- Sibley, C. G., & Ward, C. (2013). Measuring the preconditions for a successful multicultural society: a barometer test of New Zealand. *International Journal of Intercultural Relations*, 37, 700-713.
- Snauwaert, B., Soenens, B., Vanbeselaere, N., & Boen, F. (2003). When integration does not necessarily imply integration - Different conceptualizations of acculturation orientations lead to different classifications. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 34(2), 231-239.
- Stephenson, M. (2000). Development and validation of the Stephenson Multigroup Acculturation Scale (SMAS). *Psychological Assessment*, 12, 77-88.
- Triandis, H. C. (1982), "A model of choice in marketing," in Sheth, J. (Ed.), *Research in Marketing*, Vol. 6, Supplement 1, JAI Press, Greenwich, CT, pp. 145-62.
- Tsai, J. L., Ying, Y. -W., & Lee, P. A. (2000). The meaning of "being Chinese" and "being American": Variation among Chinese American young adults. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 302-332.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*.
- U. S. Department of Health and Human Services. (2012). Office of Disease Prevention and Health Promotion. *Healthy People 2020*. Washington, DC. Retrieved from <http://www.healthypeople.gov/2020>.
- van de Vijver, F. J. R., Phaet, K. (2004). Assessment in multicultural groups: The role of acculturation. *Applied Psychology*, 53(2):215-236.

- Ward, C. (2008). "Thinking outside the Berry boxes: New perspectives on identity, acculturation and intercultural relations". *International Journal of Intercultural Relations* 32 (2): 105–114.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1994). Acculturation strategies, psychological adjustment, and sociocultural competence during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 18, 329-343.
- Ward, C., & Rana-Deuba, R. (1999). Acculturation and adaptation revisited. *Journal of Cross-cultural Psychology*. 30, 422-442.
- Wilber, K. (1999). *The Collected Works, Volume 3*. Boston: Shambhala.

CAPÍTULO 4

Does Life Satisfaction Matter for Acculturation? The Effect of Immigration Status

Abstract

Several studies have analyzed the relationship between satisfaction with life and acculturation level; however, this is not a linear relationship, and can be influenced by other factors, such as the type of immigration experienced by the immigrant. The purpose of this study was to analyze the moderating effect that the type of immigration experienced by immigrants has on their assessed satisfaction with life and acculturation level. Using the results gathered from the Integral Acculturation Scale with 282 participants, a structural equation model was built in IBM SPSS AMOS software to conduct confirmatory factor analysis. The IAS demonstrated construct validity, reliability, invariance across gender groups, and convergent validity with the results of the Satisfaction with Life Scale (SWLS). Using the PROCESS module for SPSS moderation analysis of the model, it was confirmed that immigration status positively moderates the positive relationship between satisfaction with life and acculturation, meaning that immigrants who enter their new countries as developmental, environmental, or internal displacees, as refugees, or smuggled instead of via a permanent resident visa or naturalized citizenship have lower acculturation rates and scores on the SWLS scale. This finding suggests that providing immigrants with the advantages of a permanent resident in their host country will help them to become better integrated into their new society, which may improve their satisfaction with life and level of acculturation in their new homes.

Keywords: Acculturation, satisfaction with life, immigration status, moderation, interaction

Does Life Satisfaction Matter for Acculturation? The Effect of Immigration Status

The topic of acculturation is not a new one, yet is ever more relevant today than it has ever been, due to a recent rapid rise global migration. In current usage, acculturation is defined as the process by which cultural groups adopt the customs and behaviors of a new culture (Dawson, Crano, & Burgoon, 1996; Perez-Escamilla & Putnik, 2007). This adoption may also include the norms, values, and attitudes of the host culture. Therefore, the culture of a country can affect an immigrant on multiple levels. The definition of the term “culture” as an “evolving configuration of cognition, emotion, and behavior at the intersection of individually unique cultural sets” (Handwerker, 2002, p. 10) that is in a continual process of change, alludes to the psychological component of acculturation in the cognitive and behavioral domains, which has been proposed by several acculturation researchers (Cuellar, Arnold, & González, 1995). The connection between satisfaction with life and acculturation level is inherent in the process of psychological adaptation during cross-cultural transitions, with studies indicating positive relationships between integration and assimilation acculturation strategies and psychological adaptation (Besevegis & Pavlopoulos, 2008).

Integration has also been found in other studies to be the most adaptive acculturation orientation (Berry, 1997). Improving the integration and acculturation of immigrants is important, since a better integrated society is associated with positive outcomes, and marginalization is associated with negative outcomes (Berry, 2005). The context of reception in the host society plays a role in the integration process. Unfortunately, efforts have been insufficient in determining what factors universally influence integration for immigrants, since most studies have been carried out in a limited manner, applicable to one or few groups of immigrants, such as with the Acculturation Scale for Mexican-Americans (Cuellar, Harris,

& Jasso, 1980) and the Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (Nguyen & von Eye, 2002), thus making the findings ungeneralizable to the greater population. What is necessary to create a multidimensional scale is a holistic model, that allows for the evaluation of acculturation level across different cultures and contexts, from the perspective of the individual and the group, on both internal and external dimensions. The meta-model referenced in this study that has the capacity to do this is the AQAL (All Quadrants, All Lines) model from Integral theory (Wilber, 1999).

The AQAL model was created by the American philosopher Ken Wilber (1999), who concluded that the hundreds of human potential systems and models he examined could be reduced to five simple elements: quadrants, levels, lines, states, and types. Represented as a map, the ontological scheme is a two-dimensional structure with an interior-exterior dimension and an individual-collective dimension. Within each quadrant there are lines and levels of development. The lines in each quadrant represent different possible manifestations of each quadrant. The inclusion of levels is important because they demonstrate a hierarchy in which each new level transcends the limits of previous levels, but includes the essential aspects of these levels. As a result, each level of complexity or depth is at the same time a part of a larger structure and a whole structure in and of itself, which makes this an ideal reference for a holistic acculturation model, since it provides the widest possible inclusion of the factors that play a part in the acculturation process.

This article is structured in four parts. The first is an overview of prominent acculturation models used to measure acculturation, and research regarding life satisfaction in immigrants. Following this, the research methodology of this study is presented, and data

analysis is discussed. Next, the findings are discussed and summarized. In closing, limitations and future research considerations are addressed.

Literature Review

The difficulties of adaptation and acculturation experienced by both immigrants and those living in their respective host countries have been the subject of much research in the fields of anthropology, sociology and psychology over the last century. Acculturation, defined as the multidimensional process of change that occurs when individuals from different cultural groups come in continuous contact (Berry, 1980) involves changes at the level of the individual and group (Graves, 1967). At the individual level, the differences that acculturation brings are seen in changes in everyday behavior, changes in health (Lara, Gamboa, Kahramanian, Morales, & Hayes Bautista, 2005, p. 374; Berry, 1992, p. 2), and psychological well-being (Phinney, Horenczyk, Liebkind, & Vedder, 2001, pp. 501-502; Berry, 1992, p. 2). Changes at the level of the group are reflected in the changes of culture, customs, and observed in the adoption of the food, language, and clothing of the dominant culture. According to the research (Berry, 2005, p. 704), the adoption of the acculturation strategy “Integration”, where the immigrant seeks to participate in the culture of the host country, while maintaining their culture of origin, is the most promising to facilitate the process of acculturation (Berry, 2005, p. 709). It has been suggested that both immigrants and receiving societies should pursue the principle of integration (also referred to as *biculturalism*; Benet-Martinez & Haritatos, 2005; Schwartz et al., 2015; Sibley & Ward, 2013) in which the immigrant incorporates components from both home and host cultures into his/her identity (Mahmud & Schölmerich, 2011). However, for this strategy to be freely chosen, the dominant society needs to encourage an open and inclusive approach to cultural

diversity, and be prepared to adapt its national institutions (such as education, health care and labor) to meet the needs of all groups in a plural society.

Although there are many models to assess the different components of acculturation, all believe that acculturation occurs in several domains and involves complex psychological adaptation. With more than 50 existing instruments to evaluate acculturation quantitatively, the number of approaches to measure acculturation continues to grow, along with the interest in evaluating cultural groups. However, there is still no agreement as to which of these approaches best reflects the degree of involvement of the immigrant culture in relation to the host culture. Even though cultures differ from region to region of the world, they are defined by similar characteristics (such as family, housing, clothing, education, food, etc.), and a model for assessing acculturation in all cultures would be very useful. No published instrument evaluates the influence of all these levels or domains in the acculturation process, and is yet general enough that to allow for a meta-analysis of the main factors of acculturation. The challenge is to perfect the measurement of a multidimensional measure, including the assessment of acculturation on the internal (psychological, intercultural), and external dimensions (behavioral, systemic), with separate scales for each dimension. What is needed is a model with the capacity to contain the number of lines of life experience within each dimension in a way that defines each dimension with its characteristics, levels of complexity, and different perspectives, that has the capacity to change over time. The majority of existing scales lack several factors, and none includes all of them. For this reason, the AQAL model, based on the work of American philosopher Ken Wilber, the author of *Integral Theory* (1999), was chosen as the framework for developing the Integral Acculturation Scale (IAS) (Araujo & Miranda, submitted for publication), with the intention

of creating the most comprehensive scale to measure acculturation. This model allows for a multi-perspectival view of acculturation, from the sides of both the immigrant and host country, in different of lines, levels, depths and complexities. This measure is intended to be a reference to be used internationally.

Acculturation models

Since the process of acculturation involves a variety of dimensions to consider, a large number of models, from uni to multi-dimensional (Navas, García, Sánchez, Rojas, Pumares, & Fernández, 2005; Costigan & Su, 2004; Cabassa, 2003; Flannery, Reise, & Yu, 2001; Navas et al., 2005), have been developed to assess acculturation. Most models include a single scale to measure various aspects of acculturation (e.g., Acculturation Index, Ward & Rana-Deuba, 1999). The remainder are made up of two or more subscales, such as the subscales of the culture of origin and dominant culture in the Vancouver Acculturation Index (Ryder, Alden, & Paulhus, 2000) (Celenk & van de Vijver, 2011, p. 7). Regardless of the approach, what is being measured is the degree to which an individual is associated with each of the dominant and non-dominant cultures. The challenge is to construct evaluative tools that measure not only cultural behaviors but the conditions, orientations, and outcomes of acculturation on the immigrant side as well as the host country side, so that interrelationships between groups can be considered.

However, operationalization of the construct of acculturation presents challenges for researchers. For example, the acculturation measures used often vary between different groups of researchers, and this lack of standardization makes it difficult to compare the results between groups (Jasinskaja-Lahti, 2008; Motti-Stefanidi, Pavlopoulos, Obradovic, & Masten, 2008; Ward & Kennedy, 1994). Some of the items included in the instruments to

measure acculturation are limited to changes in language preference (e.g., Chavez, 2004), ethnic foods (e.g., Jamal, 1996), media (e.g., Triandis, 1982), (e.g., Lee, 1993), jokes (e.g., Ryder et al., 2000), music (Lee, 1993), choice of friends (e.g., Garrett & Pichette, 2000), understanding and following ethnic customs and traditions (e.g., Garrett & Pichette, 2000) and participation in ethnic community center activities (e.g., Lee & Tse, 1994). Scales of identification have also been used as measures of acculturation attitudes (Ward & Rana-Deuba, 1999), rather than specific measures of construction. Although related, identity and acculturation strategy are distinct concepts (Playford & Safdar, 2007).

Although there are several models of acculturation, the most complete models consider the changes that occur at both group and individual levels in both interacting groups, as with the Acculturation in Context Measure (ACM, Phalet & Swyngedouw, 2003), among others (Birman, 1994; Birman, Trickett, & Vinokurov, 2002; Bourhis, Moise, Perreault, & Senecal, 1997; Montreuil & Bourhis, 2004). In the contextual acculturation model (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 222), acculturation orientations are simultaneously influenced by the ethnic community and the host society. Context may also change the type of acculturation strategy chosen, known as domain specificity. An example is a choice of different acculturation strategies in the public domain (cultural adoption preference) and private domain (cultural maintenance preference) (Arends-Töth & van de Vijver, 2003; Snauwaert, Soenens, Vanbeselaere, & Boen, 2003). One study supporting this theory is a Dutch pilot study that demonstrated the expected pattern of group and context effects, with the Turkish and Moroccan minority and host communities both attaching more importance to maintaining their cultures of origin in private contexts than in public contexts (Phalet & Swyngedouw, 2003). Given the dependence of acculturation strategies on context, the alternation of ethnic

culture maintenance in the private domain, with cross-cultural adaptation in the public domain may be the most adaptive pattern (van de Vijver & Phalet, 2004, p. 223), and may reduce acculturative stress as a result. This reduction in stress may help to increase life satisfaction, one of the factors that this study explores as a predictor of acculturation.

Life Satisfaction

Life satisfaction is defined as a self-evaluation of feelings and attitudes about one's life, and has been found to be an indicator of well-being (Pavot & Diener, 2008; U. S. Department of Health and Human Services, 2012). It is a psychological strength that has a buffering effect against stressful life events (Suldo & Huebner, 2004), and has been found to be predicted by social support, along with assimilation and assessment of host culture, and self-esteem (Martín & Moreno-Jiménez, 2012, p. 1250). While several studies have measured acculturation as a predictor of life satisfaction (Berry & Hou, 2016; Moztarzadeh & Rourke, 2014; Brown, Gibbons, & Hughes, 2013), the results have been mixed, varying from the acculturation strategies "integration" and "assimilation" having high scores of life satisfaction (Berry & Hou, 2016), to showing no correlation at all (Kalra & Sharma, 2014), to acculturation not significantly predicting life satisfaction (Cuellar, Bastida, & Braccio, 2004). A study by Ortiz and Arce (1984) found that in Mexican families, less acculturated individuals reported higher levels of life satisfaction. Conversely, a study by Marsiglia, Booth, Baldwin & Ayers (2013) found that immigrants who exhibited an integrative acculturation strategy had higher ratings of life satisfaction than those individuals that chose to remain culturally separate from the American culture (primarily Spanish speaking), which was also found by Berry and Hou (2016), and interestingly, immigrants who had fully assimilated (primarily English speaking) did not show high ratings of life satisfaction, unlike

Berry and Hou's recent study (2016). However, the finding that being able to interact with the host culture while remaining grounded in the culture of origin promoted life satisfaction has been found in other studies as well (e.g., Brown et al., 2013), thus providing support for this hypothesis. Social support and the integration strategy have consistently been found to reduce the negative effects of stressful life situations (Sasao & Chun, 1994) including the acculturation process (Safdar, Lay, & Struthers, 2003). Yoon and Lee (2010, p. 739) reported that social support is especially important for immigrants from collectivistic cultural backgrounds because they highly value interpersonal connectedness. Based on these findings in the scientific literature on both satisfaction with life and acculturation, in this study it is hypothesized that:

H1. There exists a positive correlation between and satisfaction with life and acculturation level.

Recent studies have been undertaken concerning which demographic variables affect life satisfaction (Papadopoulou, Karasavoglou, Geransic, & Violitzid, 2015), one of which has found bilingualism to be linked to life satisfaction (Marsiglia et al., 2013). Learning culture-specific skills, including language proficiency, facilitates psychological adaptation in an intercultural setting, and relates positively to subjective well-being (Ward, Bochner, & Furnham, 2001). Leyendecker, Schölmerich, and Citlak (2006) also found that second generation mothers were more satisfied with their life in Germany, and the effect of generation has been observed in other studies (Berry, 2006; Mahmud & Schölmerich, 2011; Oser, Baumann, & Mahmud, 2013). Other factors that predict the wellbeing among immigrants are years since immigration, age at immigration, perceived discrimination, employment status, income and social ties (Frank, Hou, & Schellenberg, 2016; Safi, 2010).

The type of immigration that an immigrant experiences is another demographic factor to consider, that has recently been explored in the acculturation literature (Berry & Hou, 2016). Berry and Hou (2016) found that being a refugee, or “tied” migrant negatively impacted life satisfaction, which was also found in research with these groups of immigrants (Banerjee & Phan, 2015; Beiser, 1999; Cobb-Clark & Crossley, 2004). Immigration status, as defined in this study, refers the status of immigration the immigrant had in their current country of residence at the time of their participation in this study. The options provided in this study for this demographic variable are as follows, from a “low” to “high” value (1 to 4) on this variable: immigrant seeking asylum, or as a developmental, environmental/disaster or internal displacee; a refugee, smuggled or trafficked person; a visa holder (student, visitor or work visa); or a permanent or naturalized citizen. Focusing on the role of immigration status in facilitating the relationship between satisfaction with life and acculturation level, this study investigates the extent to which the differences between the ways immigrants are received in their new country affect their acculturation process, and how this factor moderates the relationship between satisfaction with life and acculturation level. The proposal is that “immigration status” moderates the relationship between satisfaction with life and acculturation level, such that, as the immigration status is “higher” or closer that of being a naturalized citizen, the positive relationship between satisfaction with life and acculturation level increases. Therefore, the following hypothesis is proposed for this study:

H2. The relationship between assessed satisfaction with life and acculturation level is moderated by the demographic variable immigration status.

These hypotheses are graphically represented in Figure 1.

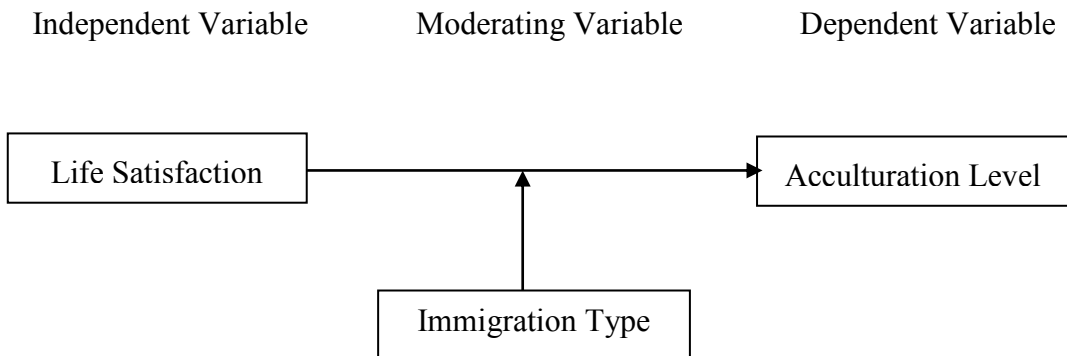


Figure 1. Hypothetical research model with the moderating factor immigration type (status) on the positively correlated interaction between satisfaction with life and acculturation level.

Methods

Sampling

The participants for this study were randomly selected using a survey tool, who met the qualifying criteria for this study and did not live in the country in which they were born. The target population were immigrants from the general population, both male and female, ages 18 to 65, with the intention of creating an international sample of immigrants. The gender breakdown was 68.8 % female (194) and 31.2% male (88). All participants were literate, and fluent in the English language, which was the language chosen for the questionnaire, as well as the language claimed to be most frequently spoken by most of the participants ($n = 235$, 83.3%). The 282 participants who did qualify to complete the questionnaire came from 50 different countries. The majority ($n = 158$, 56%) of participants were of Asian descent, followed by Hispanic/Latino origin ($n = 85$ or 30.1%); 28 said they were White (9.9%), and 10 (3.5%) identified as Black/African-American. Only one person

identified an ethnicity outside of this group (.3%), as being Indian. Figures for this data are available in Appendix B.

In this study, most participants (75.8%) were either a permanent resident in their country (119 or 42.2%) or naturalized (95 or 33.7%) at the time they completed the questionnaire. Other participants rated themselves as being: work visa holders (25 or 12.4%), visitor visa holders (9 or 3.2%), international students (8 or 2.8%), refugees (6 or 2.1%), development displacees (6 or 2.1%), asylum seekers (4 or 1.4%), environmental and disaster displacees (3 or 1.1%), smuggled (3 or 1.1%) and internally displaced person (1 or .4%).

This information is particularly important, since it reflects a new demographic in today's world, that nearly half of all international migrants worldwide were born in Asia (United Nations, 2016, p. 15). According to the International Migration Report (United Nations, 2016, p. 15), in 2015, of the 244 million international migrants worldwide, 104 million (43 %) were born in Asia. Europe was the birthplace of the second largest number of international migrants (62 million, or 25%), followed by Latin America and the Caribbean (37 million, or 15%) and Africa (34 million, or 14%). Relatively few migrants worldwide were born in Northern America (4 million, or 2%) or Oceania (2 million, or 1%), which is reflected in our participant pool demographic, and increases the validity and reliability of the IAS scale.

Measures

This was a cross-sectional correlational study using data from the Integral Acculturation Scale (Araujo, Miranda, & Weber, manuscript submitted for publication) found in Appendix A, with 282 complete responses to the 17-item scale, 16 demographic questions, and the 5-item Satisfaction with Life Scale (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985),

found in Appendix C. The Satisfaction with Life Scale (Diener, et al., 1985), evaluates life-satisfaction from a subjective perspective (e.g., “In general, I am satisfied with my life) for the purposes of evaluating the convergent and construct validity of the Integral Acculturation Scale. Responses to both scales were given on Likert scales. The reliability of the IAS was 0.907, and 0.915 based on standardized items.

Following the IAS were demographic questions, to obtain descriptive and categorical data about the participant. The moderating variable was the response to the demographic question regarding status of immigration. The control variable used was age (in years), since it has been shown in some studies to be correlated with satisfaction with life (Mroczek & Kolarz, 1998; Chen, 2001; Charles, Reynolds, & Gatz, 2001; Prenda & Lachman, 2001; Blanchflower & Oswald, 2008).

Results

An exploratory factor analysis (EFA) was conducted with the sample ($N = 282$), using a Maximum Likelihood extraction with a Varimax (orthogonal) rotation of the 17 Likert scale questions from the Integral Acculturation Scale. The sample adequacy was assessed by the Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) and Bartlett’s sphericity test measures. Reliability was assessed using the Alpha coefficient. A confirmatory factor analysis (CFA) was performed to cross-validate the obtained exploratory factor structure. The Maximum Likelihood extraction method was also used in the CFA. The fit indices used were: the chi-square to degrees-of-freedom ratio ($s-b\chi^2/df$), the root mean square error of approximation (RMSEA), the standardized root mean square residual (SRMR), the comparative fit index (CFI), and the Tucker-Lewis index (TLI).

According to guidelines, a model fit presents acceptable amount of errors if the following values are achieved: $s-b\chi^2/df$ ratio less than 3, SRMR less than .08, RMSEA less than .08 (considering the 90% confidence interval), and CFI and TLI values greater than .9 (preferably greater than .95 (Brown, 2006; Schreiber, Stage, King, Nora, & Barlow, 2006). Evidences of convergent validity were assessed through correlations with life satisfaction (SWLS), general in the total sample ($N = 282$). Positive and moderate correlations among these variables were expected.

Preliminary Analysis

Data screening. The appropriateness of data (adequacy) was demonstrated using Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy, KMO Statistics: .864. A significant result ($p < .05$) on the Bartlett's Test of Sphericity indicates that the variables relate to one another enough to run a meaningful Exploratory Factor Analysis. The test results show significance was reached, with the $X^2 = 1373.03$ for 17 variables (with a df of 136 and $p = .000$).

Exploratory Factor Analysis (EFA)

After performing the EFA in SPSS Statistics, tests were done by removing variables one by one, to see their effect on the pattern matrix. Seven of the seventeen index items were eliminated, to create a 10-item index and scale. The following 10 items remained in the scale:

I Quadrant

1. I feel emotionally well living in the country I currently live in.
2. I have adapted well to my new life in my current country of residence.
3. I like working with people of diverse backgrounds, cultures and languages.
4. I feel respected as a member of society in my current country of residence.

We Quadrant

5. I have friends, family, or other sources of social support in my current country of residence.
6. In general, I am comfortable in social situations with those from my current country of residence.
7. I am willing to have new friends in my current country of residence.
8. Overall, I have adapted to the culture(s) of my current country of residence.

It Quadrant

9. I am able to practice my religious and/or spiritual beliefs freely in my current country of residence.
10. I participate in leisure and or recreational activities that are typical of my current country of residence.

As more than 20% of the variables had been removed to create a one factor solution, analysis was stopped for the model with only one latent factor, since the deletion of items of more than 20% of the total items in a model can make the construct invalid, since it fails to be confirmatory of itself (Gaskin, 2016b). The model was then restructured to make acculturation a 2nd order latent factor, and this improved the model fit. A new, clean factor structure was obtained when the ten variables from the three dimensions I, We and It loaded onto one single latent factor, producing a unifactorial solution to the analysis. The test results show that the model is a good fit for the data, with the $X^2 = 109.79$ for 10 variables ($df = 35$, $p = .000$).

Test of Hypotheses

To test for the first hypothesis of this study, H1. There exists a positive correlation between satisfaction with life and acculturation level, the relationship between these two variables was found to be positively correlated ($r = .483, p < .01$), as shown in Table 1. The results show that acculturation level is also positively correlated with immigration status ($r = .236, p < .01$). As the results demonstrate, acculturation is significantly and positively associated with immigration status and satisfaction with life. Thus, hypothesis 1 was supported by the data.

Table 1

Descriptive Statistics and Intercorrelations

Variable	ACC	SWL	IMM	INT
ACC	-	.483**	.236**	-.224*
SWL	.483**	-	-.029*	-.019*
IMM	.236**	-.029*	-	-.030*
INT	-.224*	-.019*	-.030*	-
<i>M</i>	4.12	4.09	3.65	14.89
<i>SD</i>	.612	.936	.726	4.50

Note. $N = 282$. ACC = Acculturation Level; SWL = Satisfaction with Life Scale;

IMM = Immigration Type; INT = Interaction of SWLS x Immigration Type

* $p < .05$, ** $p < .001$.

Confirmatory Factor Analysis (CFA)

To test the second hypothesis H2. The relationship between assessed satisfaction with life and acculturation level is moderated by the demographic variable immigration status, a measurement and structural model with latent factors were constructed in SPSS AMOS, to

test the interaction on the model. To first test the measurement model, confirmatory factor analysis was performed on the data set with 17 variables in SPSS AMOS. The following variables were removed due to low factor loadings: I_5, I_6, IT_2, IT_4, IT_5, IT_6 and WE_4. The new model contained the same 10 variables as the results of the EFA, divided over the three quadrants I, We and It.

After the removal of these items from the index, the CFA was rerun, with subtle modifications to the grouping being made until optimal results were achieved for goodness-of-fit, validity and reliability. In this process, the variables were regrouped into the factors I and We, with I being divided into interior and exterior factors, under which the variables were placed. This analysis was repeated until unidimensionality was achieved, with all factor loadings being positive and above .5 for their respective latent constructs. The confirmatory factor analysis of the data from this study shows the final 10-item measurement model achieved good fit: χ^2/df (cmin/df): 1.166, $p = .237$; CFI = .964; GFI: .973; AGFI: .954; SRMR = .024; RMSEA = .032; PCLOSE: .929.

Common Method Bias

Common method bias refers to a bias in your dataset due to something external to the measures that may have influenced the response given. A study that has significant common method bias is one in which most the variance can be explained by a single factor. To test for a common method bias, the Harman's single factor test was performed, and it was found that the majority of the variance is not explained by a single factor. After constraining the number of factors extracted in the EFA to be just one, the unrotated solution is analyzed to see if these 10 items or variables will account for the variance in the model. The results of this test

show that the model passed, with the 10 items accounting for at most, only 48.138% of the variance.

The Common Latent Factor (CLF) test was also executed on the structural model in AMOS, and the resulting standardized regression weights were compared in the model with and without the CLF. This method uses a common latent factor to capture the common variance among all observed variables in the model. There were no significant differences (greater than 0.200) between the loadings on any of the variables when they were connected to the CLF, which means that the model explains adequately for the variance attributed the variables.

Structural equation modeling (SEM)

The next step in testing the second hypothesis was to construct a structural model with latent factors SPSS AMOS, to test the interaction on the model. The covariance arrows were removed from the measurement model, and single-headed arrows were drawn from the IVs to the DV, acculturation, to imply causation. One variable, WE_3 (I am willing to have new friends in my current country of residence), was moved to the “I” Internal latent factor, which helped the model achieve a better goodness of fit. Based on the confirmatory factor analysis data from this study, the structural equation model was validated and measured to have excellent fit: X^2/df (cmin/df): 1.287, $p = .128$; CFI = .938; GFI: .971; AGFI: .95; SRMR = .098; RMSEA= .032; PCLOSE: .863.

Interactions. The structural model was then modified to include the categorical variables “Immigration Type” and “Satisfaction with Life”, and the interaction of these two variables, to predict acculturation.

In this analysis, all variables were first standardized to avoid multicollinearity with the interaction term. The model was assessed to have excellent fit: X^2/df (cmin/df): .002, $p = .998$; CFI = 1; GFI: 1; AGFI: 1; SRMR = .098; RMSEA= 0.0; PCLOSE: .999, thus validating the structural model with interaction, which was also controlled for age.

The analysis of this interaction was also performed using sequential hierarchical multiple regression in SPSS Statistics v. 20, to verify that immigration status moderates the relationship between satisfaction with life and acculturation level. A hierarchical multiple regression analysis was conducted in SPSS Statistics v. 20. In the first step, two variables were included: satisfaction with life and immigration status. These variables accounted for a significant amount of variance in acculturation, $R^2 = .30$, $F(2, 279) = 58.65$, $p < .001$. Next, the interaction term between satisfaction with life and immigration status was added to the regression model, and a separate regression analysis was run using the Process v. 2.16 macro for moderation models (Hayes, 2012). Process is an add-on for SPSS software created by, by Hayes to test statistical mediation and moderation. Model 2 with the interaction between satisfaction with life and immigration status produced a significant product term, $R^2 = .34$, $F(1, 278) = 18.12$, $p < .001$, with the change in $\Delta R^2 = .04$, $p = .000$, which accounted for significantly more variance than satisfaction with life and immigration status by themselves, indicating that there is potentially significant moderation of immigration status on the interaction of satisfaction with life and acculturation level. This finding supports the hypothesis H2, that there is a significant moderating effect of the demographic variable immigration status on the positively correlated interaction between satisfaction with life and acculturation level. Table 2 shows further details of this analysis.

Table 2

Support for Acculturation Predicted from SWLS and Immigration Type

Predictor	β	p	t	95% CI	
SWLS	.318	< .001	7.66	.236	.340
Immigration Type	.206	< .001	3.83	.099,	.311
SWLS x Immigration Type	-.165	.003	-2.97	-.274,	-.056

$p \leq .05$

The interpretation of the negative interaction between SWLS and Immigration Type, is that increased satisfaction with life reduces the negative effect of immigration status on acculturation.

Interaction Plot. The interaction was plotted using the unstandardized regression interaction, following the procedures by Aiken and West (1991), Dawson (2014) and Dawson and Richter (2006) to create a simple slopes plot, as shown in Figure 2.

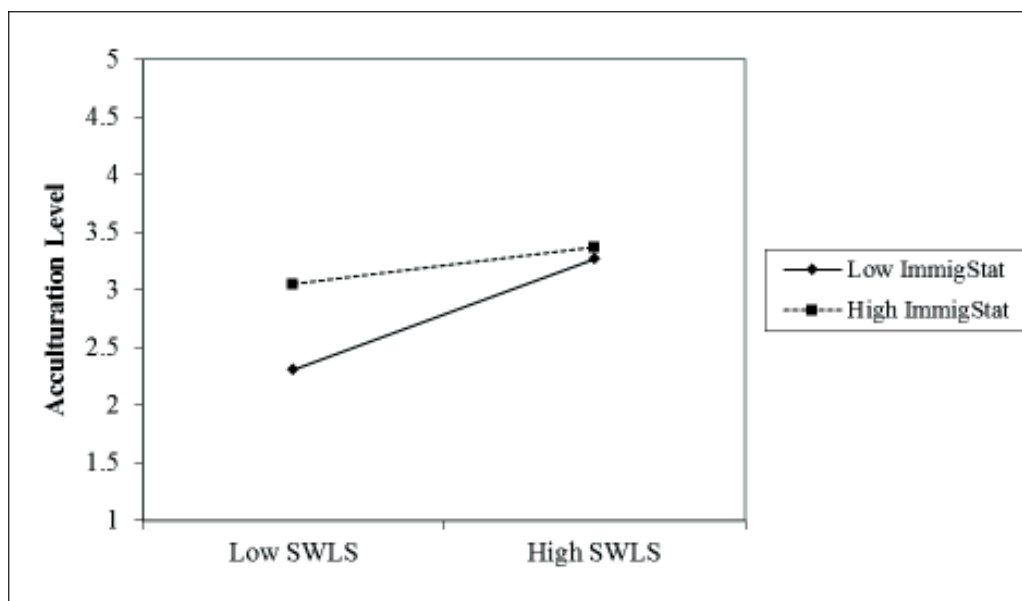


Figure 2. Simple slopes interaction plot between Immigration status, Satisfaction with Life and Acculturation level

Examination of the interaction plot provides several findings. First, is that increased satisfaction with life reduces the negative effect of immigration status on acculturation. Second, low immigration status diminishes the positive relationship between satisfaction with life and acculturation, such that for those immigrants seeking asylum or refugees, satisfaction with life and acculturation were both lower than for permanent residents and naturalized citizens. This means that immigrants with a less permanent status of immigration have less satisfaction with life and as a result, are likely less acculturated those with permanent resident status or naturalized citizenship. Finally, the plot showed an enhancing effect that as the reported level of satisfaction with life increased, across both groups, their level of acculturation increased as well. The interaction effect of increased acculturation and satisfaction with life was more pronounced for those in the “low” immigration status.

Discussion

The results of the moderated regression analysis discovered that the demographic variable immigration type had a significant interaction with the two factors, acculturation, and satisfaction with life. The simple slopes plot showed an enhancing effect of reported satisfaction with life: when it increased, across both groups of immigrants, their level of reported acculturation increased as well. In the causal structural equation model that was constructed to statistically analyze and validate this relationship, a control was added for age, to cancel out its potential effects on the results data. The statistical analysis performed on the IAS data using structural equation modeling demonstrated that immigration status moderates (dampens) the positive relationship between reported SWLS and acculturation levels. Thus,

when an immigrant enters their new country of residence as seeking asylum or as a refugee, as opposed to immigrating as a permanent resident or naturalized citizen, the assessed rates of satisfaction with life and acculturation are found to be statistically lower.

This finding could imply that when an immigrant's entry status in their new country of residence is motivated by "push" factors (Lee, 1966), such as unemployment, poverty, war, famine, or disasters, their level of satisfaction with life will be lower, and therefore, their level of acculturation. This could be due to the temporary-seeming nature of these events, perhaps giving the immigrant the sense that they will eventually go back to their original home, and therefore reducing the motivation to acculturate. However, for the immigrant that enters their new country of residence willingly, with the intention to stay for a long period of time (as evidenced through their permanent resident visa or naturalized citizenship), the finding that they rate themselves with a higher level of life satisfaction and acculturation than their counterparts, could be due to "pull" factors (Lee, 1966), such as employment, friends and family, political and religious freedoms, a safer atmosphere, increased wealth, and a better future, amongst many others. As an immigrant becomes more structurally assimilated into their new society, through becoming a citizen or through permanent resident status, the more acculturated they become, and the more satisfied they are with their lives.

Limitations and Future Research

In this study, the effects of the moderating effect of immigration status on the interaction between satisfaction with life and acculturation level were not studied longitudinally. To explore the causality among these variables, the scale should have been administered to the same participants at different points in time (e.g., Sonnentag, Binnewies, & Mojza, 2010), so it is recommended that future studies adopt a longitudinal design to test

the variables. Another limitation is the self-reporting nature of the data, which can be a source of measurement bias (Spector, 2006). As a subjective self-evaluation of one's level of acculturation could be influencing our results, since it might be biased, future studies should include other external measure of acculturation, for example, reports from family members, or work colleagues. Empirical testing could be done to correlate the participants' test results on the IAS with the test results on other validated acculturation scales, to verify if the results are similar.

To integrate the ITS quadrant into the measure, the demographic questions about country of origin and country of residence could be put in this quadrant, calling upon data from the World Values Scale (Hofstede, 1980) to create a comparison, thus creating a cultural distance measurement to complement the IAS. This would bring the national level of measurement to the scale, which could provide interesting information for assessing acculturation, since a larger cultural distance has been found to be associated with less psychological and sociocultural adaptation (Galchenko & van de Vijver, 2007; Rudmin, 2003).

Future research is recommended to test the IAS model further, particularly to validate it with larger international samples in several sites worldwide, to test the validity of the IAS across cultures. This would require translation of the scale into other languages, which would require further studies including Factor analysis and Structural Equation Modeling to confirm model structure equivalence across languages. The field of acculturation can benefit by addressing the factor of immigration type on the acculturation process, thus identifying and defining any further factors and interactions that may be at work.

Practical Implications and Conclusions

This study provides significant statistical evidence that immigrants with a less permanent status of immigration acculturate less than those with permanent resident status or naturalized citizenship. This could be due to several variables, such as the types of settlement services available to each group of immigrants, which include important variables such as employment, education, healthcare, residence, and transport, among other things, such as the motivation of the immigration. Being that the main motivation stated for many of the participants to immigrate was family reasons (113 or 40.1%), followed by employment (66 or 23.4%), education (56 or 19.9%) and relationship (36 or 12.8%), these factors should be given priority by the host country in the settlement process.

Taking this information into account can greatly increase the quality of reception for the immigrant, increasing their satisfaction with life with a standardized systematic operation receive and integrate immigrants. As the data demonstrates clearly, as the level satisfaction with life increased, the reported acculturation level increased as well. This an important contribution of this study, and factor to consider in the integration of new members of society into the greater whole. Migrants may often be best able to integrate themselves into the receiving society when they receive help, encouragement, and tangible support resources (Akhtar & Choi, 2004). This support in meeting the many needs that an immigrant has upon arriving in their new county is likely to increase the overall satisfaction of life and acculturation that helps immigrants to integrate into their host societies.

References

- Aiken, L. S., & West, S. G. (1991). *Multiple regression: Testing and interpreting interactions*. Newbury Park, London, Sage.
- Akhtar, S., & Choi, L. W. (2004). "When Evening Falls: The Immigrant's Encounter with Middle and Old Age". *American Journal of Psychoanalysis*, 64(2): 183-91.
- Araujo, A., Miranda, F. J., & Weber, M. (2017). *Evidence of Validity for the Integral Acculturation Scale and Model*. Manuscript submitted for publication.
- Ataca, B., & Berry, J. W. (2002). Psychological, Socio-cultural, and Marital Adaptation of Turkish Immigrants. *International Journal of Psychology*, 37,13–26.
- Benet-Martinez, V., & Haritatos, J. (2005). Bicultural identity integration (BII): Components and psychosocial antecedents. *Journal of Personality*, 73:1015–1050.
- Banerjee, R., & Phan, M. (2015). Do tied movers get tied down? The occupational displacement of dependent applicant immigrants in Canada. *International Migration and Integration*, 16, 333–353.
- Beiser, M. (1999). *Strangers at the gate: The "boat people's" first ten years in Canada*. Toronto, Ontario, Canada: University of Toronto Press.
- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5–34.

- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living Successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(6), 697-712.
- Berry, J. W. (2006). Mutual attitudes among immigrants and ethnocultural groups in Canada. *International Journal of Intercultural Relations*, 30, 719–734.
- Berry, J. W., & Hou, F. (2016). Immigrant Acculturation and Wellbeing in Canada. *Canadian Psychology*. (57)4, 254–264.
- Besevegis, E., & Pavlopoulos, V. (2008). Acculturation patterns and adaptation of immigrants in Greece. In M. Finklestein & K. Dent-Brown (Eds.), *Psychosocial stress in immigrants and members of minority groups as a factor of terrorist behavior* (NATO Science for Peace and Security Series, E: Human and Societal Dynamics, vol. 40, pp. 23-34). Amsterdam: IOS Press.
- Blanchflower, D. G., Oswald, A. (2008). Is well-being U-shaped over the life cycle? *Social Science and Medicine*, 66:1733–1749.
- Brown, A. D. (2006). A Narrative Approach to Collective Identities. *Journal of Management Studies*, 43: 731–753.
- Brown, C. M., Gibbons, J. L., Hughes, H. M. (2013). Acculturation clusters and life satisfaction. *Acta de investigación psicológica*, 3, 1108-1121.
- Charles, S. T., Reynolds, C. A., Gatz, M. (2001). Age-related differences and change in positive and negative affect over 23 years. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80:136–151.
- Chen, C. (2001). Aging and life satisfaction. *Social Indicators Research*, 54:57–79.
- Cobb-Clark, D., & Crossley, T. (2004). Revisiting the family investment hypothesis. *Labour Economics*, 11, 373–393.

- Cuellar, I., Arnold, B., & González, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology, 23*:339–355.
- Cuellar, I., Bastida, E., & Braccio, S. M. (2004). Residency in the United States, subjective well-being, and depression in an older Mexican-origin sample. *Journal of Aging and Health, 16*(4), 447–466.
- Cuellar, I., Harris, L. C., & Jasso, R. (1980). An acculturation scale for Mexican American normal and clinical populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 2*, 199-217.
- Dawson, J. F. (2014). Moderation in management research: What, why, when and how. *Journal of Business and Psychology, 29*, 1-19.
- Dawson, E., Crano, W., & Burgoon, M. (1996). Refining the meaning and measurement of acculturation: Revisiting a novel methodological approach. *International Journal of Intercultural Relations, 20*:97–114.
- Dawson, J. F., & Richter, A. W. (2006). Probing three-way interactions in moderated multiple regression: Development and application of a slope difference test. *Journal of Applied Psychology, 91*, 917-926.4).
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 71-75.
- Frank, K., Hou, F., & Schellenberg, G. (2016). Life satisfaction among recent immigrants in Canada: Comparisons to source-country and host country populations. *Journal of Happiness Studies, 17*, 1659–1680.

- Galchenko, I. V., & van de Vijver, F. J. R. (2007). The role of perceived cultural distance in the acculturation of exchange students in Russia. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 181-197.
- Gaskin, J. (2016). "Exploratory Factor Analysis", Gaskination's StatWiki.
<http://statwiki.kolobkcreations.com>
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a triethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*, 23:336-350.
- Handwerker, W. P. (2002). The construct validity of cultures: Cultural diversity, culture theory, and a method for ethnography. *American Anthropologist*, 104 (1), 106-122.
- Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling [White paper]. Retrieved from <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Newbury Park, CA: Sage.
- Kalra, N., & Sharma, R. (2014). Struggle of Immigrants: Acculturation, life satisfaction and psychological wellbeing of UK nationals and UK immigrants. *IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, 19(11), 18-22.
- Lara, M., Gamboa, C., Kahramanian, M. I., Morales, L. S., Hayes, B. D. E. (2005). Acculturation and Latino health in the United States: A review of the literature and its sociopolitical context. *Annual Review of Public Health*. 26:367–397.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*. 3(1), 47-57.
- Leyendecker, B., Schölmerich, A., & Citlak, B. (2006). Similarities and differences between first and second generation Turkish migrant mother's in Germany: The acculturation

- gap. In M. H. Bornstein, & I. Cote (Eds.), *Acculturation and parent child relationships: Measurement and development* (pp. 297-315). Mahwah, N.J.: Erlbaum.
- Mahmud, S., & Schölmerich, A. (2011). Acculturation and life satisfaction: Immigrants in Germany. *Psychological Research, 1*(4), 278–286.
- Marsiglia, F. F., Booth, J. M., Baldwin, A., & Ayers, S. (2013). Acculturation and Life Satisfaction Among Immigrant Mexican Adults. *Advances in Social Work, 14*(1), 49–64.
- Martín, M., & Moreno-Jiménez, M. (2012). An Evaluation of Life Satisfaction within the Migratory Experience According to Psychosocial Variables. *Psychology, 3*, 1248-1253.
- Moztarzadeh, A., & O'Rourke, N. (2014). Psychological and sociocultural adaptation: Acculturation, depressive symptoms, and life satisfaction among older Iranian immigrants in Canada. *Clinical Gerontologist, 38*(2), 114-130.
- Mroczek, D. K., & Kolarz, C. M. (1998). The effect of age on positive and negative affect: A developmental perspective on happiness. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 1333–1349.
- Nguyen, H. H., & Von Eye, A. (2002). The Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (ASVA): A bidimensional perspective. *International Journal of Behavioral Development, 26*, 202-213.
- Ortiz, V., & Arce, C. (1984). Language orientation and mental health status among persons of Mexican descent. *Hispanic Journal of Behavioral Science, 6*(2), 127–143.

- Oser, M., Baumann, N., & Mahmud, S. H. (2013). What establishes subjective well-being of immigrants in Germany? A model of acculturation of subjective well-being mediated by social connectedness (Unpublished thesis, Trier University).
- Pavot, W., & Diener, E. (2008). The Satisfaction with Life Scale and the Emerging Construct of Life Satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 3, 137-152.
- Papadopoulou, D. K., Karasavoglou, A., Geransic, C., Violitzid, K. (2015). The effect of socio-demographic variables on acculturation of Albanian immigrants in Greece. *Procedia Economics and Finance*, 19, 154–166.
- Perez-Escamilla, R., Putnik, P. (2007). The role of acculturation in nutrition, lifestyle, and incidence of type 2 diabetes among Latinos. *Journal of Nutrition*, 137:860–870.
- Phinney, J. W., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57, 493-510.
- Prenda, K. M., Lachman, M. E. (2001). Planning for the future: A life management strategy for increasing control and life satisfaction in adulthood. *Psychology and Aging*, 16:206–216.
- Ribeiro, Paulo Silvino. “Do que se trata a aculturação?”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>>. Acesso em 19 de julho de 2016.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. *Review of General Psychology*, 7, 3-37.

- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *Journal of Educational Research*, 99(6), 323-337.
- Sasao, T., & Chun, C. (1994). After the Sa-i-gu (April 29) Los Angeles riots: Correlates of subjective well-being in the Korean American community. *Journal of Community Psychology*, 22, 136-152.
- Safdar, S., Lay, C., & Struthers, W. (2003). The process of acculturation and basic goals: Testing a multidimensional individual differences acculturation model with Iranian immigrants in Canada. *Applied Psychology: An International Review*, 52, 555-579.
- Safi, M. (2010). Immigrants' life satisfaction in Europe: Between assimilation and discrimination. *European Sociological Review*, 26, 159–176.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Cordova, D., Mason, C. A., Huang, S., Baezconde-Garbanati L., . . . Szapocznik J. (2015). Developmental trajectories of acculturation: Links with family functioning and mental health in recent-immigrant Hispanic adolescents. *Child Development*, 86(3), 726-748.
- Sibley, C. G., & Ward, C. (2013). Measuring the preconditions for a successful multicultural society: a barometer test of New Zealand. *International Journal of Intercultural Relations*, 37, 700-713.
- Spector, P. E. (2006). *Psicologia nas organizações*. São Paulo: Saraiva.
- Sonnentag, S., Binnewies, C., & Mojza, E. J. (2010). Staying well and engaged when demands are high: The role of psychological detachment. *Journal of Applied Psychology*, 95(5), 965-976.

- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004). Does life satisfaction moderate the effects of stressful life events on psychopathological behavior in adolescence? *School Psychology Quarterly*, 19, 93-105.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*.
- U. S. Department of Health and Human Services. (2012). Office of Disease Prevention and Health Promotion. *Healthy People 2020*. Washington, DC. Retrieved from <http://www.healthypeople.gov/2020>.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. F. (2001). *The psychology of culture shock*. London: Routledge.
- Wilber, K. (1999). *The Collected Works, Volume 3*. Boston: Shambhala.
- Yoon, E., & Lee, R. M. (2010). Importance of social connectedness as a moderator in Korean immigrants' subjective well-being. *Asian American Journal of Psychology*, 1, 93-105.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou analisar os fatores que influenciam aculturação e validar a Escala de Aculturação Integral para ser utilizada no diagnóstico da aculturação em indivíduos, bem como criar um modelo de equações estruturais para validar a causalidade da satisfação com a vida e aculturação, e investigar a moderação da variável “tipo de imigração” no modelo.

Para tanto, o Inventário da Aculturação Integral (IAI) foi desenvolvido e validado, e os resultados usados na criação dos itens para a Escala de Aculturação Integral, que também foi validada, e de que o modelo estrutural foi construído e utilizado para analisar a moderação da interação entre satisfação com a vida com aculturação, e a variável imigração status. A seguir, são apresentadas as principais conclusões dos três diferentes estudos.

A primeira investigação de delineamento qualitativo foi a criação de um questionário, o IAI, composto por 162 perguntas, que examinou aculturação pelos quatro quadrantes do modelo AQAL. Os fatores que mais se destacaram no quadrante “I/EU” (esquerdo superior) são emoções, linguagem, lazer, planos para o futuro, as crenças, a resposta ao estresse, a religião e adaptação; no quadrante “IT/ISTO” (direito superior): saúde, meio ambiente, habitação, sono, segurança, hábitos alimentares, bairro; no quadrante “ITS/ESTES” (direito inferior): trabalho, emprego e participação ambiental; no quadrante “WE/NOS” (esquerdo inferior): familiar, social, apoio social, amigos, relacionamento, cultura, mãe, pai, eventos sociais, irmã, filho, e ambas as culturas. Alguns desses fatores descobertos foram encontrados por outros pesquisadores e são considerados fatores primordiais na aculturação, como linguagem (Kim, 1977; Birman, Trickett, & Vinokurov, 2002; Flores & Kalher, 2010), cultura (World Values Survey, Wave 6, 2010-2014), família (Gannon, 2004), encontros sociais, o bairro,

correspondência, as conversas telefônicas diárias com amigos (Nagata, 1994) e apoio social (Flores & Kalher, 2010). A contribuição deste estudo foi de providenciar um olhar profundo nos elementos de aculturação de forma integral, e com perguntas que avaliam os itens dos lados exterior e interior, e em contextos diferentes, utilizando o modelo Integral de AQAL, para avaliar as três dimensões de aculturação (Celenk & van de Vijver, 2011), especificamente as condições, como as características da sociedade hospedeira, as características da sociedade de origem e as características pessoais (e. g, expectativas, normas e personalidade) que definem o contexto do processo de aculturação (Arends-Tóth & van de Vijver, 2006b), orientações (estratégias de aculturação) e os resultados ou consequências do processo de aculturação, que pode ser psicológico (ajuste interno, bem-estar) e comportamental (ajuste externo, fazer bem).

O segundo estudo desta pesquisa demonstrou a validade do construto do modelo estrutural de aculturação integral, e que este modelo é moderado pela variável status migratório do imigrante, mesmo quando controlado pelos fatores demográficos de gênero e idade. A escala EAI (i.e., IAS) e o modelo (MAI, ou IAM em inglês) com moderação foram comprovados como medidas confiáveis e validadas pelos resultados estatísticos, que confirmou as primeiras duas hipóteses deste estudo. Todos os itens carregaram no fator esperado, e os resultados das análises de CFA e SEM foram confirmados pelas excelentes bondades de ajuste. Os resultados da CFA também mostraram que as variáveis dos três quadrantes medidos do modelo AQAL foram mantidas, e essenciais, para o modelo estrutural final. Os resultados deste estudo sustentam, portanto, a hipótese final, H3. Existe um índice de fatores de aculturação comuns que determinam a habilidade de um imigrante individual de aculturar no novo país hospedeiro.

A validade convergente da escala EAI com o SWLS (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) também apresentou resultados positivos e altamente correlacionados, o que apoia a validade externa da medida. Porém, este estudo apresentou uma escala abrangente para medir aculturação, e um modelo de equações estruturais para prever a aculturação, ambos os quais foram validados com os dados deste estudo. A contribuição deste estudo é a primeira escala de aculturação seguindo a metodologia Integral, confirmada como estatisticamente válida e internamente confiável, invariante entre grupos de homens e mulheres.

No terceiro estudo, o modelo de equação estrutural foi moderado pela variável demográfica de status de imigração, para analisar a interação entre tipo de imigração e a relação entre satisfação com a vida e aculturação. Os resultados da análise de regressão moderada descobriram que a variável moderadora teve uma interação significativa com os dois fatores, aculturação e satisfação com a vida. O gráfico de simple slopes mostrou um efeito aumentado da variável satisfação com a vida: quando a aumentou, em ambos os grupos de imigrantes, o nível de aculturação também aumentou. No modelo de equação estrutural (SEM) que foi construído para analisar e validar esta relação estatisticamente, foi adicionado um controle para a idade, para cancelar seus efeitos potenciais nos resultados. A análise estatística realizada com os dados do IAS demonstrou que o status de imigração modera (atenua) a relação positiva entre os níveis de aculturação e de SWLS relatados. Assim, quando um imigrante entra no seu novo país de residência como requerente de asilo ou como refugiado, em vez de imigrar como residente permanente ou cidadão naturalizado, os níveis de satisfação com a vida e a aculturação são estatisticamente mais baixos.

Esta constatação pode implicar que quando o status de entrada de um imigrante em seu novo país de residência é motivado por fatores de “empurrão” (Lee, 1966), tais como desemprego, pobreza, guerra, fome ou desastres, seu nível de satisfação com a vida será menor e, porém, seu nível de aculturação. Isso pode ser devido à natureza aparentemente temporário desses eventos, talvez dando ao imigrante a sensação de que eles irão eventualmente voltar para seu país, e, portanto, reduzindo a motivação para aculturar. No entanto, para o imigrante que entra voluntariamente no seu novo país de residência, com a intenção de permanecer por um longo período de tempo (como evidenciado através do seu visto de residência permanente ou como cidadão naturalizado), a descoberta de que eles se classificam com um maior nível de satisfação de vida pode ser relacionado a estes fatores (Lee, 1966), tais como emprego, amigos e família, liberdades políticas e religiosas, uma atmosfera mais segura, maior riqueza e um futuro melhor, entre muitos outros. À medida que um imigrante se torna mais estruturalmente assimilado em sua nova sociedade, os mais aculturados estão mais satisfeitos com suas vidas.

Nesse sentido, esta pesquisa trouxe importantes contribuições para a literatura da área de aculturação. A primeira delas diz respeito à disponibilização aos pesquisadores um instrumento de medida recentemente desenvolvido, de natureza Integral, para o que ainda não existia evidências de validade. A segunda refere-se à inclusão do construto de satisfação com a vida com um preditor de aculturação, que também foi descoberto pelos outros pesquisadores (Kim, 2011; Marsiglia, Booth, Baldwin, & Ayers, 2013; Mahmud & Schölmerich, 2011). A terceira diz respeito ao estudo da moderação, que confirmou que o tipo de imigração do imigrante afeta o nível de aculturação. A quarta e última contribuição

relaciona-se à implementação do meta-modelo AQAL como referência, e a utilização do método Integral de pesquisa.

É possível perceber, assim, que os estudos apresentados contribuíram para as pesquisas sobre aculturação. Ainda assim, cumpre ressaltar as sugestões de pesquisas futuras envolvendo o construto. No terceiro estudo, os efeitos do efeito moderador do tipo de imigração na interação entre satisfação com vida e nível de aculturação não foram estudados longitudinalmente. Para explorar a causalidade entre essas variáveis, a escala deveria ter sido administrada aos mesmos participantes em diferentes momentos (por exemplo, Sonnentag, Binnewies, & Mojza, 2010), por isso recomenda-se que estudos futuros adotem um projeto longitudinal para testar as variáveis. Outra limitação é a natureza de auto-relato dos dados, que pode ser uma fonte de viés de mensuração (Spector, 2006). Como uma auto-avaliação subjetiva do nível de aculturação pode estar influenciando nossos resultados, uma vez que pode ser parcial, estudos futuros devem incluir outras medidas externas de aculturação, por exemplo, relatórios de familiares ou colegas de trabalho. Podem ser feitos testes empíricos para correlacionar os resultados dos testes dos participantes no EAI com os resultados do teste em outras escalas de aculturação validadas, para verificar se os resultados são semelhantes. Dessa forma, seria possível averiguar se diferentes contextos podem modificar as valências das características de aculturação. Ademais, seria interessante aprofundar as investigações acerca dos modos pelos quais as variáveis contextuais e individuais condicionam as relações investigadas, o que pode contribuir para a ampliação dos modelos de pesquisa.

Recomenda-se uma pesquisa futura para testar o modelo estrutural da EAI, particularmente para validá-lo com amostras internacionais maiores em vários locais em todo

o mundo, para testar a validade da EAI entre culturas. Isso exigiria a tradução da escala para outras línguas, o que exigiria mais estudos, incluindo Análise Fatorial e a Modelação de Equações Estruturais para confirmar a equivalência da estrutura do modelo entre as línguas. O campo da aculturação pode se beneficiar ao abordar o fator status de imigração no processo de aculturação, identificando e definindo quaisquer outros fatores e interações que possam estar em ação.

Para integrar o quadrante ITS na medida, as questões demográficas sobre país de origem e país de residência poderiam ser colocadas neste quadrante, recorrendo a dados da Escala Mundial de Valores (Hofstede, 1980) para criar uma comparação, criando assim uma distância cultural para complementar a EAI. Isso levaria o nível nacional de medição à escala, o que poderia fornecer informações interessantes para avaliar a aculturação, uma vez que uma distância cultural maior foi associada a uma menor adaptação psicológica e sociocultural (Galchenko & van de Vijver, 2007).

Pode-se concluir, como os dados demonstram, quando o nível de satisfação com a vida aumentou, o nível de aculturação relatado também aumentou. Este é um importante contributo deste estudo, e fator a considerar na integração de novos membros da sociedade. De uma forma geral, esta tese sugere que a satisfação com a vida e mais recursos de imigração são benéficos no processo de aculturação de imigrantes, pois contribuem na integração destes indivíduos na sociedade. A adaptação destas descobertas em programas no nível nacional pode aumentar a qualidade de acolhimento para o imigrante com uma operação sistemática para receber e integrar os imigrantes.

Conforme especificado nas literaturas de sociologia e antropologia (Portes & Rumbaut, 2006; Stepick, Grenier, Castro, & Dunn, 2003), um contexto desfavorável de

acolhimento inclui não apenas a discriminação e a falta de acesso ao emprego e outros recursos sociais, mas também a marginalização de pobres aos bairros inseguros e violentos. O contexto da recepção também inclui o apoio que os migrantes recebem de membros da comunidade local. Os imigrantes podem ser mais capazes de se integrar na sociedade hospedeira quando recebem ajuda, encorajamento e recursos de apoio tangíveis (Akhtar & Choi, 2004). Esse apoio pode ajudar a combater os efeitos negativos da discriminação e a sentir-se indesejado na sociedade em geral (Suárez-Orozco, Suárez-Orozco, & Todorova, 2008), e aumentar a satisfação geral da vida e aculturação que facilitará o processo de integração dos imigrantes em suas sociedades de hospedeiras. Os migrantes podem ser mais capazes de se integrarem na sociedade receptora quando recebem ajuda, encorajamento e recursos de apoio tangíveis (Akhtar & Choi, 2004). Em alguns países, a perspectiva integracionista passou a ser legislada como políticas de multiculturalismo, que encorajam e apoiam a manutenção de características valiosas de todas as culturas e, ao mesmo tempo, apoiam a plena participação de todos os grupos etnoculturais nas instituições em evolução da sociedade maior. Os resultados desta pesquisa ajudam na compreensão da necessidade de promover integração dos imigrantes, e também a necessidade dos programas, processos e serviços que podem apoiar os imigrantes a se adaptar a sua nova cultura.

Referências

- Akhtar, S., & Choi, L. W. (2004) "When Evening Falls: The Immigrant's Encounter with Middle and Old Age". *American Journal of Psychoanalysis*, 64(2): 183-91.
- Arends-Tóth, J., & van de Vijver, F. J. R. (2003). Multiculturalism and education: Views of Dutch and Turkish-Dutch. *European Journal of Social Psychology*, 33, 249–266.
- Arends-Tóth, J. V., & van de Vijver, F. J. R. (2006a). *Issues in conceptualization and assessment of acculturation*. In M. H. Bornstein & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (pp. 33-62). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Arends-Tóth, J. V., & van de Vijver, F. J. R. (2006b). *The Cambridge handbook of acculturation psychology*. Sam, D. L. & Berry, J. W. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, p. 142-160.
- Arends-Tóth, J. V., & van de Vijver, F. J. R. (2007). Acculturation attitudes: A comparison of measurement methods. *Journal of Applied Social Psychology*, 37, 7, 1462-1488.
- Ataca, B., & Berry, J. W. (2002). Psychological, Socio-cultural, and Marital Adaptation of Turkish Immigrants. *International Journal of Psychology*, 37,13–26.
- Aycan, Z., & Berry, J. W. (1996). Impact of employment-related experiences on immigrants' psychological well-being and adaptation to Canada. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 28, 240 – 251.
- Berry, J. W. (1980). *Acculturation as varieties of adaptation*. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.

- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5–34.
- Berry, J. W. (2003). *Conceptual approaches to acculturation*. In K. M. Chun, P. B. Organista, & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement and applied research* (pp. 17–37). Washington, DC: American Psychological Association.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living Successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(6), 697-712.
- Berry, J. W. (2011). Integration and Multiculturalism: Ways towards social solidarity. *Papers on Social Representations*. 20, 2.1-2.21
- Berry, J. W., & Kalin, R. (1995). Multicultural and ethnic attitudes in Canada. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 27, 310–320.
- Berry, J. W., Kalin, R., & Taylor, D. (1977). *Multiculturalism and ethnic attitudes in Canada*. Ottawa: Supply & Services.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. *International Migration Review*, 21(3), 491-511.
- Berry, J. W., & Kim, U. (1988). *Acculturation and mental health*. In P. Dasen, J. W. Berry, & N. Sartorius (Eds.), *Health and cross-cultural psychology* (pp. 207–236). Newbury Park: Sage.
- Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). *Immigrant youth in cultural transition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Berry, J. W., & Sam, D. (1996). *Acculturation and adaptation*. In J.W. Berry, M.H. Segall, & C. Kagitcibasi (Eds.). *Handbook of Cross-Cultural Psychology*. Vol. 3. Social Behavior and Applications. Boston: Allyn & Bacon.
- Berry, J. W., Trimble, J., & Olmedo, E. (1986). *Assessment of acculturation*. In Lonner, W.J. & Berry, J. W. (Eds.): *Field Methods in Cross-Cultural Research*. (pp 291-349). Beverly Hills: SAGE Publication Ltd.
- Birman, D., Trickett, E., & Vinokurov, A. (2002). Acculturation and adaptation of Soviet Jewish refugee adolescents: Predictors of adjustment across life domains. *American Journal of Community Psychology, 30*(5), 585-607.
- Bourhis, R. Y., Barrette, G., El-Geledi, S., Schmidt, R. S. (2009). Acculturation orientations and social relations between immigrant and host community members in California. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 40*, 443-467.
- Bourhis, R. Y., Moise, L. C., Perrault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology, 32*(6), 369-386.
- Brown, C. M., Gibbons, J. L., Hughes, H. M. (2013). Acculturation clusters and life satisfaction. *Acta de investigación psicológica, 3*, 1108-1121.
- Cabassa, L. J. (2003). Measuring acculturation: Where we are and where we need to go. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 25*, 127-146.
- Celenk, O., & van de Vijver, F. (2011). Assessment of Acculturation: Issues and Overview of Measures. *Online Readings in Psychology and Culture, 8*(1).
- Chavez, L. R. (2004). A class half empty: Latina reproduction and public discourse. *Human Organization, 63*(2), 173-179.

- Chirkov, V. (2009). Summary of the criticism and of the potential ways to improve acculturation psychology. *International Journal of Intercultural Relations, 33*, 177–180.
- Collier, V. P., & Thomas, W. P. (2004). The astounding effectiveness of dual language education for all. *NABE Journal of Research and Practice, 2*(1), 1-20.
- Cortes, D. E., Rogler, L. H., & Malgady, R. G. (1994). Biculturality among Puerto Rican adults in United States. *American Journal of Community Psychology, 22*, 707-721.
- Costigan, C. L., & Su, T. (2004). Orthogonal versus linear models of acculturation among immigrant Chinese Canadians: A comparison of mothers, fathers, and children. *International Journal of Behavioral Development, 28*, 518-527.
- Cuellar, I., Arnold, B., & González, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology, 23*, 339–355.
- Cuellar, I., Harris, L. C., & Jasso, R. (1980). An acculturation scale for Mexican American normal and clinical populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 2*, 199-217.
- Dawson, E., Crano, W., & Burgoon, M. (1996). Refining the meaning and measurement of acculturation: Revisiting a novel methodological approach. *International Journal of Intercultural Relations, 20*, 97–114.
- Demes, K. A., & Geeraert, N. (2014). Measures matter: Adaptation, cultural distance, and acculturation orientation revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 45*, 91–109
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 71-75.

- Dunbar, E. (1994). The German executive in the U.S. work and social environment: Exploring role demands. *International Journal of Intercultural Relations, 16*, 1-16.
- Flannery, W. P., Reise, S. P., & Yu, J. (2001). A comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin, 27*, 1035-1045.
- Flores, T., & Kalher, J. (2010). *An acculturation manual for school psychologists and school counselors*. California State University, Sacramento.
- Furnham, A., & Bochner, S. (1982). *Social difficulty in a foreign culture: An empirical analysis*. In S. Bochner (Ed.), *Cultures in contact: Studies in cross-cultural interaction* (pp. 161-198). Oxford, UK: Pergamon.
- Furnham, A., & Bochner, S. (1986). *Culture shock*. London, UK: Methuen.
- Galchenko, I. V., & van de Vijver, F. J. R. (2007). The role of perceived cultural distance in the acculturation of exchange students in Russia. *International Journal of Intercultural Relations, 31*, 181-197.
- Gannon, M. J. (2004). *Understanding global cultures*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gans, H. (1973). *Introduction*. In Sandberg, N. (Ed.), *Ethnic identity and assimilation: The Polish community*. New York: Praeger.
- Gans, H. (1997). Toward a reconciliation of “assimilation” and “pluralism”: The interplay of acculturation and ethnic retention. *International Migration Review, 31*(4), 875-892.
- Garrett, M. T., & Pichette, E. F. (2000). Red as an apple: Native American acculturation and counseling with or without reservation. *Journal of Counseling and Development, 78*(1), 3-13.

- Gelfand, M. J., & Dyer, N. (2000). *A Cultural Perspective on Negotiation: Progress, Pitfalls, and Prospects*. All UNF Research. Paper 5.
http://digitalcommons.usu.edu/unf_research/5
- Geeraert, N., & Demoulin, S. (2013). Acculturative stress or resilience? A longitudinal multilevel analysis of sojourners' stress and self-esteem. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 44*, 1239–1260.
- Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American Life: The Role of Race*. New York, NY, USA: Oxford Psychologists Press.
- Gordon, M. M. (1971). *The nature of assimilation and the theory of the melting pot*. In E. P. Hollander & R. G. Hunt (Eds.), *Current perspectives in social psychology* (Third ed., pp. 102-114). New York: Oxford University Press.
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a triethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology, 23*, 336-350.
- Grusec, J. E., & Hastings, P. D. (2007). *Handbook of socialization: Theory and research*. New York: Guilford Press.
- Herskovits, M. J. (1958). *Acculturation: The study of culture contact*. Gloucester, MA: Peter Smith.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Newbury Park, CA: Sage.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's Consequences: Comparing Values, Behaviors, Institutions and Organizations Across Nations*. 2nd Edition, Thousand Oaks CA: Sage Publications.
- Hofstede, G., Hofstede, G. J., & Minkov, M. (2010). *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. 3rd Edition, McGraw-Hill USA.

- Hong, Y., & Chiu, C. (2001). Toward a paradigm shift: From cross-cultural differences in social cognition to social-cognitive mediation of cultural differences. *Social Cognition, 19*, 181–196.
- House, R. J., Hanges, P. J., Javidan, M., Dorfman, P. W., & Gupta, V. (Eds.). (2004). *Culture, leadership, and organizations: The GLOBE study of 62 societies*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Inglehart, R. F., Basanez, M., Diez-Medrano, J., Halman, L., & Luijkx, R. (2004). *Human Beliefs and Values: A cross-cultural Sourcebook based on the 1999-2002 Value Surveys*. Mexico City: Siglo XXI.
- Inglehart, R., & Welzel, C. (2010). Changing Mass Priorities: The Link Between Modernization and Democracy. *Perspectives on Politics, 8*(2), p. 554.
- Jamal, A. (1996). Acculturation: the symbolism of ethnic eating among contemporary British consumers. *British Food Journal, 98*(10), 12-26.
- Jansinskaja-Lahti, I. (2008). Long-term immigrant adaptation: Eight-year follow-up study among immigrants from Russia and Estonia living in Finland. *International Journal of Psychology, 43*, 6-18.
- Kim, Y. Y. (1977). Communication patterns of foreign immigrants in the process of acculturation. *Human Communication Research, 2*, 127-224.
- Kim, M. J. (2011). Effects of domestic violence, acculturation stress, and social support on the mental health of migrant women international marriages. *Korea Journal of Family Therapy, 19* (3), 1-28.
- Kim, B. S. K., & Abreu, J. M. (2001). Acculturation measurement: Theory, current instruments, and future directions. In J. G. Ponterotto, J. M. Casa, L. Suzuki, & C.

- M.Alexander (Eds.), *Handbook of multicultural counseling* (2nd ed., pp. 394–424). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kunst, J. R., & Sam, D. L. (2013). Expanding the margins of identity: A critique of marginalization in a globalized world. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 2(4): 225–241.
- Lara, M., Gamboa, C., Kahramanian, M. I., Morales, L. S., & Hayes, B. D. E. (2005). Acculturation and Latino health in the United States: A review of the literature and its sociopolitical context. *Annual Review of Public Health*. 26, 367–397.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*. 3(1), 47-57.
- Lee, W. N. (1993). Acculturation and advertising communication strategies: A cross-cultural study of Chinese and Americans. *Psychology & Marketing*, 10(5), 381-397.
- Lee, W. N., & Tse, D. K. (1994). Changing media consumption in a new home: Acculturation patterns among Hong Kong immigrants to Canada. *Journal of Advertising*, 23(1), 57-70.
- Mahmud, S., & Schölmerich, A. (2011). Acculturation and life satisfaction: Immigrants in Germany. *Psychological Research*, 1(4), 278–286.
- Marsiglia, F. F., Booth, J. M., Baldwin, A., & Ayers, S. (2013). Acculturation and Life Satisfaction Among Immigrant Mexican Adults. *Advances in Social Work*, 14(1), 49–64.
- Matsudaira, T. (2006). Measure of Psychological Acculturation: A review. *Transcultural Psychiatry*, 43, 462-487.

- Montreuil, A., & Bourhis, R. Y. (2004). Acculturation orientations of competing host communities towards valued and devalued immigrants. *International Journal of Intercultural Relations, 28*, 507-532.
- Montgomery, G. T. (1992). Comfort with acculturation status among students from south Texas. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 14*, 201-223.
- Moon, S.-G. (2017). Acculturation, Ethnic Identity, and Acculturative Stress: The Influence of Prosocial Behavior. Association for Public Policy Analysis & Management International Conference: Public Policy and Governance Beyond Borders, Brussels, Belgium, July 13 - 14, 2017.
- Motti-Stefanidi, F., Pavlopoulos, V., Obradovic, J., & Masten, A. S. (2008). Acculturation and adaptation of immigrant adolescents in Greek urban schools. *International Journal of Psychology, 43*, 45-58.
- Nagata, D. (1994). Assessing Asian American acculturation and ethnic identity: The need for a multidimensional framework. *Asian American and Pacific Islander Journal of Health, 2* (2), 109–124.
- Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). Relative Acculturation Extended Model (RAEM): New contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations, 29* (1), 28–29.
- Nguyen, H. H., & von Eye, A. (2002). The Acculturation Scale for Vietnamese Adolescents (ASVA): A bidimensional perspective. *International Journal of Behavioral Development, 26*, 202-213.

- Ogbu, J. U., & Simons, H. D. (1994). *Cultural Models of School Achievement: A quantitative test of Ogbu's theory. Final report*. Graduate School of Education, National Center for the Study of Writing, University of California, Berkeley.
- Padilla, A. M. (1980). The role of cultural awareness and ethnic loyalty in acculturation. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 47-84). Boulder, CO: Westview.
- Padilla, A. M., & Perez, W. (2003). Acculturation, Social Identity and Social Cognition: A new perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25, 35-55.
- Pavot, W., & Diener, E. (2008). The Satisfaction with Life Scale and the Emerging Construct of Life Satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 3, 137-152.
- Perez-Escamilla, R., Putnik, P. (2007). The role of acculturation in nutrition, lifestyle, and incidence of type 2 diabetes among Latinos. *Journal of Nutrition*, 137, 860–870.
- Phalet, K., & Swyngedouw, M. (2003). *A cross-cultural analysis of immigrant and host values and acculturation orientations*. In H. Vincken, & P. Ester (Eds.), *Comparing cultures* (pp. 185–212). Leiden: Brill.
- Phinney, J. W., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57, 493-510.
- Playford, K., & Safdar, S. (2007). *Various conceptualization of acculturation and the prediction of international students' adaptations* (pp. 37-66). In A. Chybicka & M. Kazmierczak (Eds.), *Appreciating diversity: Cultural and gender issues*. Cracow, Poland: Impuls.

- Portes, A., & Rumbaut, R. G. (2006). *Immigrant America: A portrait*. 3rd ed. Berkeley: University of California Press.
- Portes, A., & Zhou, M. (1995). Divergent destinies: Immigration, poverty, and entrepreneurship in the United States. In K. McFate, R. Rawson & WJ Wilson (Eds.), *Poverty, inequality and future of social policy: Western states in the new world order* (pp. 489-520). New York: Russell Sage Foundation.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149–152.
- Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas 71/1 [United Nations General Assembly Resolution 71/1], New York Declaration for Refugees and Migrants, A/RES/71/1 (19 September 2016), available from http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/generalassembly/docs/A_RES_71_1_E.pdf.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. *Review of General Psychology*, 7, 3-37.
- Rudmin, F. W. (2003a). *Catalogue of acculturation constructs: Descriptions of 126 taxonomies, 1918 - 2003*. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online readings in psychology and culture*. Bellingham, WA: Center for Cross-Debate about Acculturation 90 Cultural Research, Western Washington University. Retrieved 4 Julho 2015 from <http://www.ac.wvu.edu/~culture/rudmin.htm>.
- Rudmin, F. W. (2009). Constructs, measurements and models of acculturation and acculturative stress. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 106–123.

- Ryder, A. G., Alden, L. E., & Paulhus, D. L. (2000). Is acculturation unidimensional or bidimensional? A head-to-head comparison in the prediction of personality, self-identity, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 49-65.
- Sam, D. L. (2006). Adaptation of children and adolescents with immigrant background: Acculturation or development. In M. Bornstein & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (pp. 97–112). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stepick, A., Grenier, G., Castro, M., & Dunn, M. (2003). *This land is our land: Immigrants and power in Miami*. Berkeley: University of California Press.
- Suárez-Orozco, C., Suárez-Orozco, M. M., & Todorova, I. (2008). *Learning in a new land: Immigrant students in American society*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Suinn, R. M., Ahuna, C., & Khoo, G. (1992). The Suinn-Lew Asian Self-Identity Acculturation Scale: Concurrent and factorial validation. *Educational and Psychological Measurement, 52*(4), 1041-1046.
- Sandberg, N. (1973). *Ethnic identity and assimilation: The Polish community*. New York: Praeger.
- Schwartz, S. H. (1992). *Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries*. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 25, pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. J., Pantin, H., Sullivan, S., Prado, G., & Szapocznik, J. (2006). Nativity and years in the receiving culture as markers of acculturation in ethnic enclaves. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 37*, 345–353.

- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: Implications for theory and research. *American Psychologist*, *65*(4), 239.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Cordova, D., Mason, C. A., Huang, S., Baezconde-Garbanati L., . . . Szapocznik J. (2015). Developmental trajectories of acculturation: Links with family functioning and mental health in recent-immigrant Hispanic adolescents. *Child Development*, *86*(3), 726-748.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B., Jarvis, L. H. (2007). Ethnic identity and acculturation in Hispanic early adolescents: Mediated relationships to academic grades, prosocial behavior, and externalizing symptoms. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, *13*, 364–373.
- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, *14*, 449–464.
- Snauwaert, B., Soenens, B., Vanbeselaere, N., & Boen, F. (2003). When integration does not necessarily imply integration - Different conceptualizations of acculturation orientations lead to different classifications. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *34*(2), 231–239.
- Spector, P. E. (2006). *Psicologia nas organizações*. São Paulo: Saraiva.
- Sonnentag, S., Binnewies, C., & Mojza, E. J. (2010). Staying well and engaged when demands are high: The role of psychological detachment. *Journal of Applied Psychology*, *95*(5), 965-976.

- Suanet, I., & van de Vijver, F. J. R. (2009). Perceived cultural distance and acculturation among exchange students in Russia. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 19*, 182-197.
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004). Does life satisfaction moderate the effects of stressful life events on psychopathological behavior in adolescence? *School Psychology Quarterly, 19*, 93-105.
- Szapocznik, J., Scopetta, M. A., Kurtines, W. M., Aranalde, M. A. (1978). Theory and measurement of acculturation. *Interamerican Journal of Psychology, 12*, 113–130.
- Triandis, H. C., Malpass, R. S., & Davidson, A. (1972). *Cross-cultural psychology*. In B. J. Siegel (Ed.) Biennial review of anthropology. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Triandis, H. C., Kashima, Y., Hui, C., Lisansky, J., & Marin, G. (1982). Acculturation and biculturalism indices among relatively acculturated Hispanic young adults. *Revista Interamericana de Psicologia, 16*(2), 140-149.
- Thomas, A. (Ed.). (1993). *Kulturvergleichende Psychologie: Eine Einführung* [An introduction to cross-cultural psychology]. Göttingen, Germany: Hogrefe.
- Thomas, A. (1994). *Psychologie und multikulturelle Gesellschaft: Problemanalysen und Problemlösungen* [Psychology and multicultural society: Analysis and problem solving]. Göttingen, Germany: Verlag für Angewandte Psychologie.
- United Nations [Nações Unidas], Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*.
- U. S. Department of Health and Human Services. (2012). Office of Disease Prevention and Health Promotion. *Healthy People 2020*. Washington, DC. Retrieved from <http://www.healthypeople.gov/2020>.

- van de Vijver, F. J. R., & Phalet, K. (2004). Assessment in multicultural groups: The role of acculturation. *Applied Psychology, 53*(2):215–236.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. F. (2001). *The psychology of culture shock*. London: Routledge.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1993). Psychological and socio-cultural adjustment during cross-cultural transitions: *A comparison of secondary students overseas and at home. International Journal of Psychology, 28*, 129–147.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1994). Acculturation strategies, psychological adjustment, and sociocultural competence during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations, 18*, 329-343.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. *International Journal of Intercultural Relations, 23*, 659–677.
- Ward, C., Leong, C. H., & Low, M. (2004). Personality and sojourner adjustment an exploration of the big five and the cultural fit proposition. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 35*, 137-151.
- Ward, C., & Rana-Deuba, R. (1999). Acculturation and adaptation revisited. *Journal of Cross-cultural Psychology, 30*, 422-442.
- Wilber, K. (1999). *The Collected Works*, Volume 3. Boston: Shambhala.
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The Polish peasant in Europe and America*. New York: Dover.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*.

United Nations [Nações Unidas], Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2016). *International Migration Report 2015: Highlights* (ST/ESA/SER.A/375).

United Nations General Assembly, New York Declaration for Refugees and Migrants: resolution / adopted by the General Assembly, 3 October 2016, A/RES/71/1, available at: <http://www.refworld.org/docid/57ceb74a4.html> [accessed 17 May 2017].

Ward, C. (2008). Thinking outside the Berry boxes: New perspectives on identity, acculturation and intercultural relations. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 114-123.

Anexo A/ Appendix A

Integral Acculturation Scale**I Quadrant (Individual-Interior)**

1) I feel emotionally well living in the country I currently live in.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

2) I have adapted well to my new life in my current country of residence

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

3) I like working with people of diverse backgrounds, cultures and languages.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

4) I feel respected as a member of society in my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

5) Today, I see myself as:

- Assimilated (Occurs when the individual adopts the cultural norms of the dominant or host culture, over his or her original culture)
- Integrated (Occurs when the individual maintains his or her original cultural identity while at the same time becomes a participant in the host culture).
- Marginalized (Occurs when the individual does not identify with or participate in either his or her original culture or the host culture).

Separated (Occurs when the individual rejects the dominant or host culture in favor of preserving his or her culture of origin).

6) Does the above answer change, depending on whether you are in public (ie. at work, or school), or in private (ie. at home)?

Yes

No

We Quadrant (Collective-Interior)

7) I have friends, family, or other sources of social support in my current country of residence.

Strongly disagree

Disagree

Neutral

Agree

Strongly agree

8) In general, I am comfortable in social situations with those from my current country of residence.

Strongly disagree

Disagree

Neutral

Agree

Strongly agree

9) I am willing to have new friends in my current country of residence.

Strongly disagree

Disagree

Neutral

Agree

Strongly agree

10) The societal attitude toward immigrants in my current country of residence is positive.

Strongly disagree

Disagree

Neutral

Agree

Strongly agree

11) Overall, I have adapted to the culture(s) of my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

It Quadrant (Individual-Exterior)

12) I am able to practice my religious and/or spiritual beliefs freely in my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

13) Do the cultural activities you practice originate from the culture of your current country of residence, your heritage culture, both cultures, a new culture, or other?

- Heritage culture
- Current culture
- Both cultures
- A new culture
- Other - Write In: _____
- Not applicable

14) I participate in leisure and or recreational activities that are typical of my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

15) I attend church and/or participate in or other religious and/or spiritual activities in my current country of residence.

- Strongly disagree

- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

16) I have changed the way I dress since I moved to my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

17) I have changed the way I eat since I moved to my current country of residence.

- Strongly disagree
- Disagree
- Neutral
- Agree
- Strongly agree

Anexo B/ Appendix B

Estudo II: Dados demográficos dos participantes/ Study II: Participant demographics

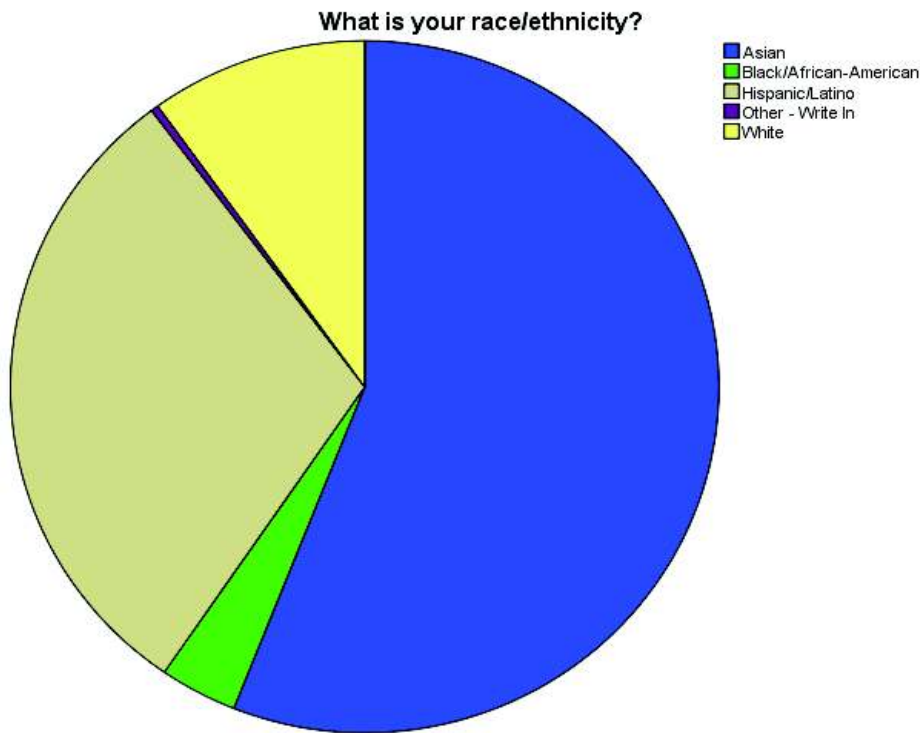


Figure A1. What is your race/ethnicity?

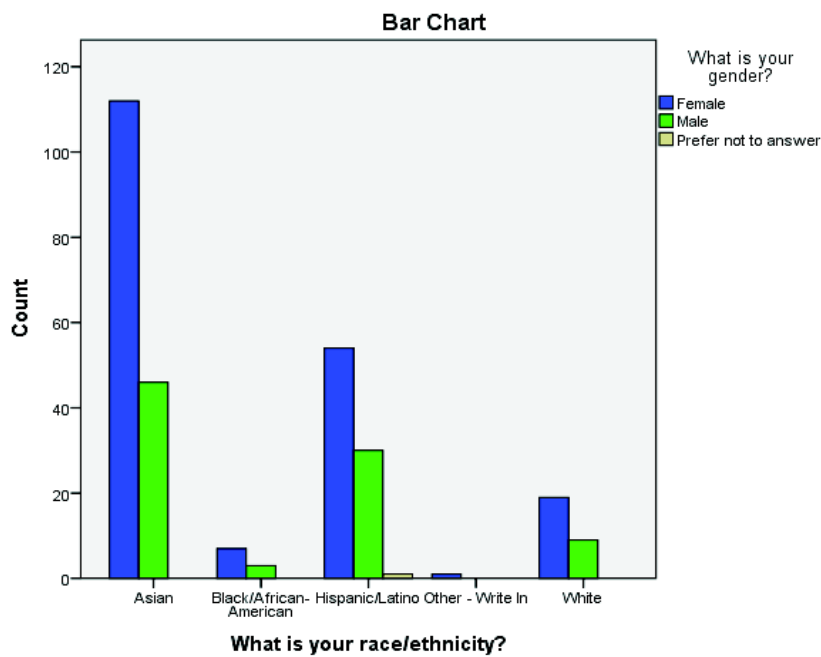


Figure A2. What is your race/ethnicity and gender (Crosstabs)

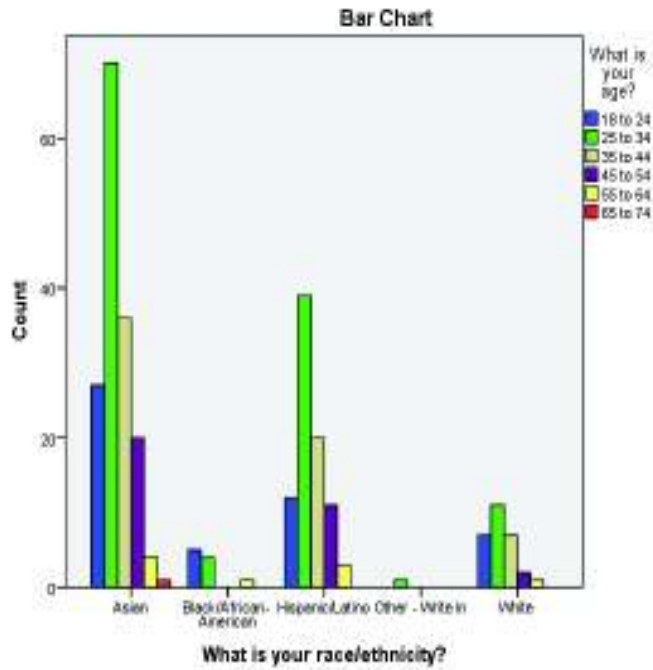


Figure A3. What is your race/ethnicity and age (Crosstabs)

What is the highest level of school you have completed or the highest degree you have received?

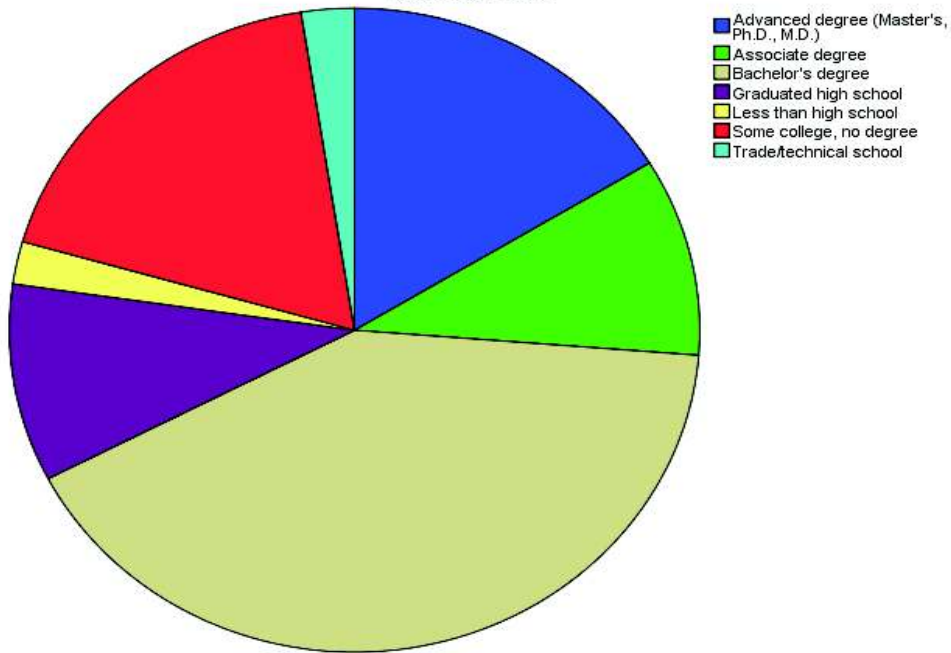


Figure B1. What is the highest level of school you have completed, or the highest degree you have received?

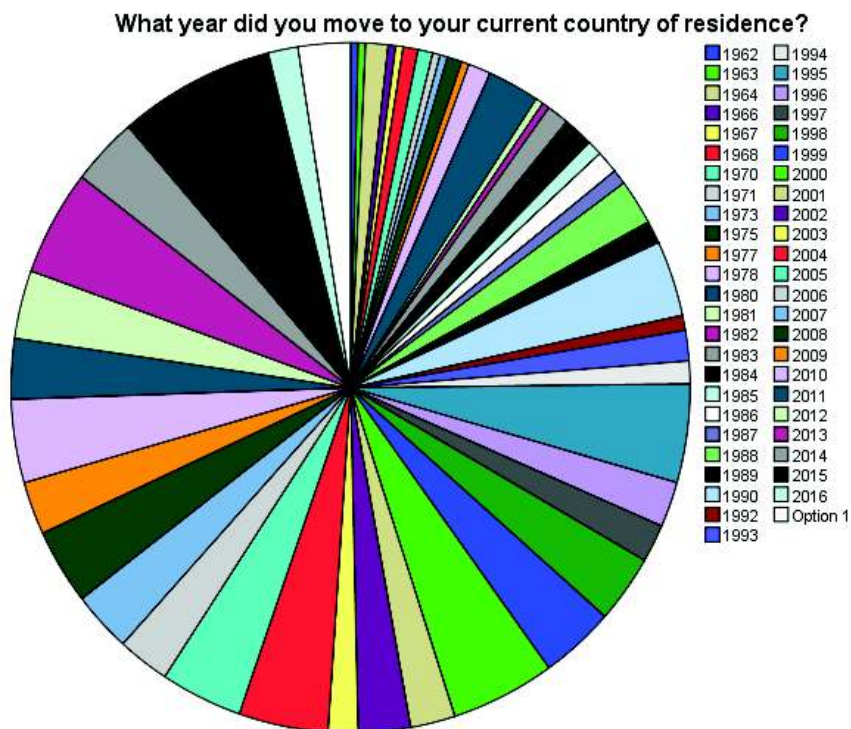


Figure C1. What year did you move to your current country of residence?

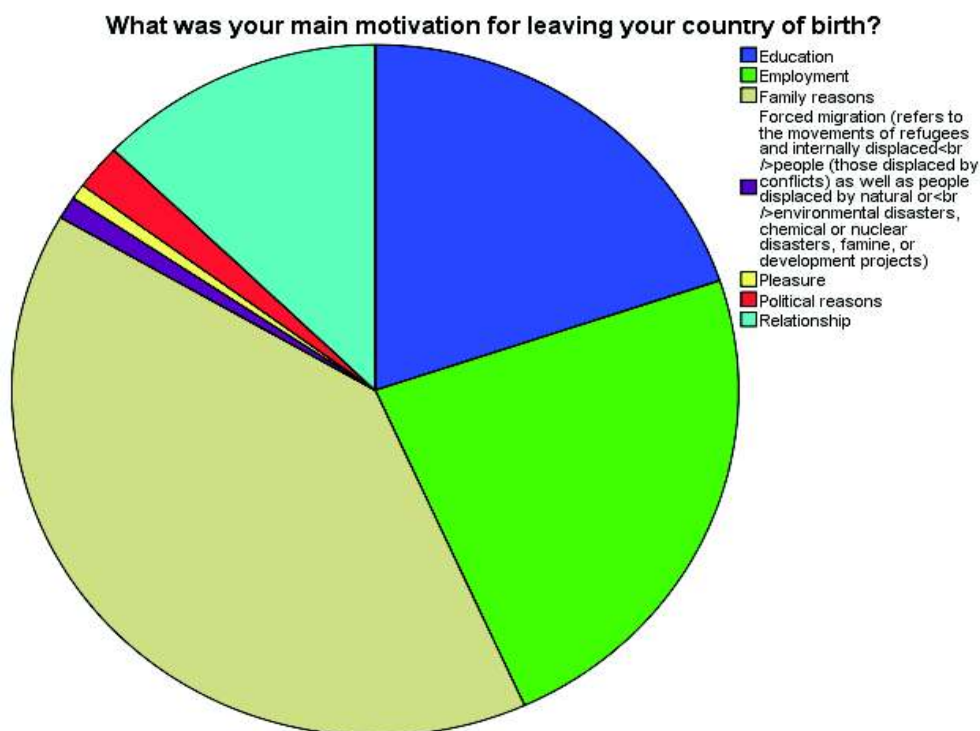


Figure D1. What was your main motivation for leaving your country of birth?

Appendix C Satisfaction with Life Scale

Reference: Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.

Description of Measure: A 5-item scale designed to measure global cognitive judgments of one's life satisfaction (not a measure of either positive or negative affect). Participants indicate how much they agree or disagree with each of the 5 items using a 7-point scale that ranges from 7 strongly agree to 1 strongly disagree.

Instructions

Below are five statements that you may agree or disagree with. Using the 1 - 7 scale below, indicate your agreement with each item by placing the appropriate number on the line preceding that item. Please be open and honest in your responding.

- 7 - Strongly agree
- 6 - Agree
- 5 - Slightly agree
- 4 - Neither agree nor disagree
- 3 - Slightly disagree
- 2 - Disagree
- 1 - Strongly disagree

- _____ In most ways my life is close to my ideal.
 _____ The conditions of my life are excellent.
 _____ I am satisfied with my life.
 _____ So far I have gotten the important things I want in life.
 _____ If I could live my life over, I would change almost nothing.

Scale:

- 31 - 35 Extremely satisfied
- 26 - 30 Satisfied
- 21 - 25 Slightly satisfied
- 20 Neutral
- 15 - 19 Slightly dissatisfied
- 10 - 14 Dissatisfied
- 5 - 9 Extremely dissatisfied

Anexo D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) Departamento de Psicologia
Obrigatório para pesquisa científica com seres humanos

Resolução No. 01 de 13.06.1988 – CNS – Conselho Nacional de Saúde

Você está convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa intitulada: Um Olhar Integral à Aculturação: O inventário de aculturação integral (IAI). Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, é clique no botão aceitar ao final deste documento. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Andrea Araujo nos telefones: (62) 3532-5532 / (62) 9106-0759. ou com o orientador da pesquisa Professor Fábio Jesus Miranda, no telefone: (62) 9675-2727, ou através do e-mail fabiojmiranda@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512.

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1- Dados do Particante da Pesquisa:

Nome:.....

Documento de Identidade:.....

Data de Nascimento:

Sexo: M() F ()

Endereço:.....No°:.....Apt.....

Bairro:.....CEP.....

Cidade:.....

Telefone: (.....).....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA

Toda essa pesquisa de doutorado será realizada online, no site de Facebook, no grupo fechado, disponível em: <http://www.facebook.com/aculturation>. Para participar da pesquisa pedimos-lhe que responda a dois questionários.

Durante todo processo você será acompanhado pela pesquisadora e, indiretamente pelo orientador da pesquisa, que estarão à inteira disposição para esclarecimento de dúvidas em qualquer momento do curso da pesquisa.

Sua participação é voluntária e uma recusa não trará prejuízo no seu atendimento. Você não será identificada no final do trabalho, uma vez que seu nome será omitido.

Toda pesquisa oferece riscos, no entanto entende-se que esta oferece riscos mínimos. Caso, alguns conteúdos abordados tragam algum tipo de desconforto, será oferecida a possibilidade desistir de sua colaboração a qualquer momento, retirando seu consentimento e ainda, oferecemos assistência integral.

Na possibilidade de qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo, será devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Declaro ainda, para os devidos fins que cumprirei com legitimidade os itens IV. e IV da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12.

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

UM OLHAR INTEGRAL À ACULTURAÇÃO: O inventário de aculturação integral em imigrantes

PESQUISADOR: Andrea Araujo

ORIENTADOR: Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

DEPARTAMENTO DO PSSP: Psicologia

AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA: Mínimo

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA

Estamos realizando um estudo com a finalidade de conhecer melhor aspectos ligados ao processo de aculturação.

Espera-se que os resultados desta pesquisa nos ajudem a compreender melhor este fenômeno, auxiliando programas de avaliação e promoção do bem estar de imigrantes. Para tanto, estamos aplicando um questionário que toma aproximadamente trinta minutos para ser respondido.

Esta pesquisa é desenvolvida pela doutoranda Andrea Araujo, sob orientação do Professor Dr. Fábio Jesus Miranda, do Programa de Pós-graduação Strito-Senso em Psicologia (PSSP) na PUC-Goiás. Maiores informações podem ser obtidas pelo email andrea_vilela@me.com ou pelo telefone (62) 9106-0759.

Como se trata de um instrumento anônimo, não há possibilidade de fazer nenhuma devolução de resultados individuais. No entanto, os resultados gerais da pesquisa serão enviados para todos os participantes da pesquisa, e serão publicados bem como apresentados em eventos e atividades científicas, sempre com sigilo e privacidade de seus participantes.

Agradecemos antecipadamente sua colaboração.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS

DO SUJEITO DA PESQUISA

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____, portador do RG _____ declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, e fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) que as informações obtidas com os questionários serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável, ficando disponíveis para futuras análises; e) os questionários respondidos serão arquivados sob a guarda do pesquisador por cinco anos e depois deletados.

V – CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____, RG _____, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Andrea Araujo sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Goiânia, _____.

_____ Data: ____/____/____
Assinatura do participante

_____ Data: ____/____/____
Assinatura da testemunha

_____ Data: ____/____/____
Assinatura do Responsável pelo estudo

A663e

Araujo, Andrea V.

A escala de aculturação integral[manuscrito]: um olhar Integral em aculturação e satisfação com a vida em imigrantes/ Andrea V. Araujo.-- 2017.

161 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Goiânia, 2017

Inclui referências f.147-161

1. Imigrantes. 2. Aculturação. 3. Qualidade de vida.
I.Miranda, Fábio Jesus. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 314.151.3-054.72(043)